

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

WANDEKARLA BÔNIA DE ARAÚJO

**A CRISE JUVENIL ANTE O SAGRADO INSTITUCIONAL
E A BUSCA DE UMA ESPIRITUALIDADE NA
MÍSTICA DE PAULA FRASSINETTI**

RECIFE / 2008

WANDEKARLA BÔNIA DE ARAÚJO

**A CRISE JUVENIL ANTE O SAGRADO INSTITUCIONAL
E A BUSCA DE UMA ESPIRITUALIDADE NA
MÍSTICA DE PAULA FRASSINETTI**

Trabalho de dissertação apresentado, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, à Universidade Católica de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Luiz Alencar Libório MSF
Co-orientador: Prof. Dr. Pe. Antonio R.S.Mota S. J.

RECIFE / 2008

A663c

Araújo, Wandekarla Bônia de

A crise juvenil ante o sagrado institucional e a busca de uma espiritualidade na mística de Paula Frassinetti / Wandekarla Bônia de Araújo ; orientador Luiz Alencar Libório ; co-orientador Antonio R. S. Mota, 2008.

190 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2008.

1. Obras da Igreja junto a juventude - Aspectos psicológicos.
2. Adolescentes - Igreja - Aspectos religiosos.
3. Adolescentes - Igreja - Aspectos psicológicos.
4. Modernidade.
5. Espiritualidade.
6. Frassinetti, Paula, Santa, 1809-1882. I. Título.

CDU 256

WANDEKARLA BÔNIA DE ARAÚJO

**A CRISE JUVENIL ANTE O SAGRADO INSTITUCIONAL
E A BUSCA DE UMA ESPIRITUALIDADE NA
MÍSTICA DE PAULA FRASSINETTI**

Dissertação apresentada à Universidade Católica
de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção
do título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovada, em ____ de _____ de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Inácio Reinaldo Strieder – UFPE
1º Examinador

Prof. Dr. Pe. Antonio R. S. Mota S.J. – UNICAP
2º Examinador

Prof. Dr. Pe. Luiz Alencar Libório MSF – UNICAP
3º Examinador (Orientador)

RECIFE / 2008

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus por ser meu melhor amigo. Ele, que se faz presente em minha práxis, joga o jogo da vida comigo, pois sem Ele não saberia viver a experiência do amor e da humildade na caminhada terrestre e espiritual. *Deo Gratias! In Domino*, com estima.

À Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia, uma flor: gratidão; uma virtude: dedicação; um trabalho: a missão. Enfim, um voto de bravura àquelas (irmãs e jovens) que dão continuidade ao projeto apostólico e missionário de Paula Frassinetti, tornando-a sinal profético no seio da Igreja, minha consideração e atenção.

À co-irmã e amiga Irmã Therezinha Lima, SSD, a qual, pelo testemunho de vida e ação profética, assumiu para si a missão do sagrado: “amar e servir pela via do coração e do amor”, sobretudo, esforçando-se para levar e mostrar a importância da intuição pedagógica de Paula Frassinetti em nossa contemporaneidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de reconhecimento, mas também de gratidão, sobretudo de valorização, por isso destaco a importância do outro na caminhada e, ao mesmo tempo, a consciência de que não se faz nada sozinho (a). A vocês minha eterna consideração e amizade

Ao orientador, Prof. Dr. Pe. Luiz Libório, MSF, e ao co-orientador, Pe. Antônio Raimundo Sousa Mota, SJ, pela amizade, atenção e consideração neste período de convivência, especialmente pelo saber científico compartilhado. Meu muitíssimo obrigado!

À minha linda família (Tioca, Freirinha, Damião, irmãos e sobrinhos), aos meus avós Esmaelita e Manuel Clementino (memória), que, mesmo a distância sempre confiaram, acreditaram em mim e torceu por mim, particularmente a minha tia Araújo (Freirinha), que verdadeiramente me estimulou a ser uma pessoa de fé, pela sua vivência religiosa e compreensão do sentido da sua missão, no qual está vivenciando o grande milagre do viver. Enfim, amo vocês.

Aos funcionários, colegas e professores da segunda turma (2006.1) do Mestrado em Ciência da Religião – UNICAP, minha admiração pelo profissionalismo, cujo exemplo me fez crescer em todas as dimensões do ser humano.

Aos co-irmãos [amigos] que souberam ter calma e compreender a minha ausência no ano de 2007 (Simony, tia Hione, Sivonaldo, Claudinha, William, Sílvio Romero, Ana Sophia, Poliana e família, meu amado Gabriel, Marilza, Sileide, Luiz Moura, Ir. Cícera (memória), Ir. Graça, Ir. Texeira, Diego, Carol, Ana Amélia, Jane, Profa. Alba Marques, Marcelo, Lourdes, Lúcia, Dani, Profa. Márcia Modesto, Rosangela), aos missionários de Paula Frassinetti da FAFIRE e aos jovens e adolescentes que participaram desta pesquisa, simplesmente obrigada por fazerem parte do meu ciclo de vida.

Enfim, àqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, na realização deste trabalho, em especial um agradecimento particular ao Pedro Ferreira, Walquíria, Manuel, Girlene e Rafaela Viana, Simony, pela importante colaboração na disposição em seqüenciar e diagramar o presente trabalho.

EPÍGRAFE

“Não sei como exprimir a minha gratidão. Peço ao senhor que compense largamente a sua caridade” (PAULA FRASSINETTI: Carta, 760, 8).

“A irreligião vai avançando pelo que é preciso que nos empenhemos, a todo o custo, em fazer o maior bem possível. E, já que os maus procuram corromper a juventude, procuremos nós, a todo custo salvá-la!” (PAULA FRASSINETTI: Carta, 302, 3. 4).

RESUMO

Visamos, com esta dissertação, a mergulhar no universo particular de adolescentes do Ensino Médio e de jovens universitários, vislumbrando o diálogo e a aproximação sistemática deles com a Igreja e desta com o público adolescente e juvenil, que está desencantado com o sagrado institucional e, portanto, vivencia uma crise religiosa. Propomos, sobretudo, maior conhecimento dos fatores desencadeadores dessa crise ante o sagrado e indicamos pistas para nova espiritualidade juvenil sob a mística de Paula Frassinetti. Os tratados sobre a adolescência e a juventude, em geral, relatam e caracterizam essa passagem para a maturidade como algo muito rico e importante na configuração da identidade psicorreligiosa adolescente e juvenil, mormente quando se trata da crise juvenil ante o sagrado institucional. Os resultados parciais, obtidos ao longo do trabalho com os adolescentes (Colégio São José e CECOSNE), jovens universitários (FAFIRE) e por meio de pesquisa de campo, são tentativas de aproximação a tal público, a fim de despertar neles experiências psicorreligiosas e espirituais condizentes com essa fase da vida. A pesquisa de campo mostrou, por um lado, uma juventude confusa em alguns pontos relacionados à espiritualidade e à pertença religiosa; por outro lado, vivência espiritual única, bem ao modo dos jovens, experiência marcada por desejos, afetos, alegria, solidariedade, negação a tudo que se relacione a dogma, regras e ritos sem sentidos em suas vidas em constante transformação. A passagem da espiritualidade adolescente e juvenil heterônoma para mais autônoma está bem caracterizada na pesquisa de campo. Está bem acentuada a crise mais adolescente que juvenil ante o sagrado institucional, no entanto, não há a perda do essencial da espiritualidade juvenil, mais centrada no Outro (Deus) que na instituição religiosa. Enfim, com este trabalho, pretendemos contribuir metodologicamente, com técnicas e recursos utilizáveis para reencantar no sagrado ao universo juvenil, proporcionando-lhe o protagonismo de nova espiritualidade segundo Santa Paula Frassinetti.

Palavras-chave: crise psicorreligiosa; identidade religiosa juvenil; diálogo juvenil e espiritualidade; pastoral juvenil; cristianismo e modernidade.

ABSTRACT

This dissertation attempts to be a deep look at the particular universe of the adolescents from secondary schools and young university students, catching a glimpse in a dialogue and systematic approach with themselves and the church, and the church with the adolescents and juvenile people disenchanted with the institutional sacred and, therefore, living a religious crisis. Our proposal is, above all, to provide a broad knowledge of the factors which unleashing factors of this crisis in the presence of the sacred and the identification of clues to one new juvenile spirituality, in the mystic of Paula Frassinetti. The studies about adolescence and the youth in general, report and characterize this crossing to the maturity as something very important in the formation of the adolescent and juvenile psycho-religious identities mainly when we treat of the juvenile crisis in the presence of the institutional sacred. The partial results, acquired along the work with adolescents (São José School, CECOSNE) and the university students (FAFIRE) and through the field investigation, are attempts of an approach with this public, making them aware of psycho-religious and spiritual experiences present in this phase of life. The research showed, on one hand, a confusing youth in some points related to the spirituality and religious presence. On the other hand, we could observe a unique spiritual experience in the way the young people think; this experience lived by wishes, affection, happiness, sympathy, and the avoidance of everything which was dogma, rules and acts without no sense in their lives in constant change. The crossing of an adolescent spirituality and juvenile heterogeneous to one more autonomous is well-characterized in the field search, but we can notice that the adolescent crisis is more vivid than the juvenile in the presence of the institutional sacred without having, nevertheless, the essential loss of juvenile spirituality which is more centered in front of the Other (God) than the religious institution. At last, with this study, we intend to contribute methodologically with techniques and resources which could be used to re-enchant the sacred to the juvenile universe, providing the protagonist of a new spirituality according Saint Paula Frassinetti

Key words: psycho-religious crisis. Juvenile religious identity, juvenile dialogue and spirituality, pastoral juvenile , Christianize and modernity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O SAGRADO NOS MITOS E APÓS O CONCÍLIO VATICANO II	16
1.1 O sagrado e os mitos.....	16
1.2 O sagrado místico e terrificante como narrativa	17
1.3 O sagrado como fenômeno humano.....	20
1.4 O sagrado expresso por meio dos símbolos.....	22
1.5 A igreja do Vaticano II como portadora do sagrado para o nosso tempo	25
1.6 A igreja do Vaticano II.....	26
1.7 As características da nova igreja portadora do sagrado.....	27
1.8 A experiência humana com o sagrado antes e depois do Vaticano II	31
1.9 O Concílio Vaticano II e o sagrado juvenil.....	35
2 A PERTENÇA DO JOVEM À IGREJA DO CONCÍLIO VATICANO II	41
2.1 Pertencer ou não pertencer a uma igreja.....	41
2.2 A igreja do Concílio Vaticano II e as relações com a juventude.....	42
2.3 A importância do diálogo da igreja com a juventude	44
2.4 A Igreja do Concílio Vaticano II e sua opção pelos jovens.....	46
3 CRISE JUVENIL ANTE O SAGRADO INSTITUCIONAL.....	51
3.1 O que se entende por crise?.....	51
3.2 A influência da crise na juventude ante o sagrado institucional	54
3.3 A crise de valores juvenis e o sagrado institucional.....	56
3.4 Juventude e a superação da crise ante o sagrado institucional.....	59
4 A JUVENTUDE E A BUSCA POR ESPIRITUALIDADE QUE RESPONDA AS SUAS CRISES COM A IGREJA INSTITUCIONALIZADA.....	64
4.1 O que é espiritualidade?.....	64
4.1.1 Espiritualidade e seu lugar na história da humanidade	66
4.2 Espiritualidade na concepção juvenil.....	69
4.3 Uma igreja institucional espiritualizada na concepção juvenil	71
4.4 Juventude com sede e onde está o poço espiritual?.....	75
5 A ESPIRITUALIDADE DE PAULA FRASSINETTI E SUA OPÇÃO PELA JUVENTUDE.....	79
5.1 Quem foi Paula Frassinetti?	79
5.1.1 Paula Frassinetti e alguns retalhos do contexto histórico de sua época.....	82
5.2 Paula Frassinetti e sua opção pela igreja e juventude	83
5.3 Paula Frassinetti: mulher espiritualizada para seu tempo e para hoje	87

5.3.1 Paula Frassinetti e os exercícios espirituais de Inácio de Loyola como princípio para a espiritualidade das irmãs da Congregação de Santa Dorotéia.....	94
5.4 Paula Frassinetti: mulher da experiência com Deus e com o outro.....	98
5.5 As contribuições de Paula Frassinetti para a formação humana e espiritual juvenil numa cultura da subjetividade.....	101
5.6 Reencantar na juventude o desejo do sagrado na orientação espiritual e mística de Paula Frassinetti	111
CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS.....	119
Apêndice A – Questionário misto	125
Apêndice B – Categorização.....	132
Apêndice C – Gráficos.....	165

INTRODUÇÃO

A dissertação cujo título é “A crise juvenil ante o sagrado institucional e a busca da espiritualidade na mística de Paula Frassinetti” tem como foco central o público juvenil entre 14 e 24 anos, do qual faremos uma análise sobre a sua crise ante o sagrado institucional. Pretendemos perceber em que momento da vida dos adolescentes e dos jovens acontece essa crise que interfere, direta ou indiretamente, na relação com o sagrado institucional. Ela dá sinais de revolta, críticas, afastamento das igrejas, ânsia por conhecer e sentir Jesus os quais nos levarão a compreender e a buscar novas soluções para tal fenômeno juvenil, sobretudo, inspirada na mística e na espiritualidade de Paula Frassinetti.¹ Para entender melhor tal crise, aplicamos um questionário misto à amostra de 75 adolescentes e jovens escolhidos aleatoriamente, nas seguintes instituições: Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE),² Centro de Comunicação do Nordeste (CECOSNE)³ e Colégio de São José (CSJ).⁴

Segundo o pensamento de ERIK ERIKSON (1976, p.180), a cada dia, testemunhamos as transformações que o ser humano, especialmente os jovens, vivencia no seu cotidiano. Diante da crise de identidade, mudanças no campo pessoal, interpessoal e sociopolítico-econômico afetam, em muitos casos, diretamente a relação humana com o sagrado. De acordo JEAN PIAGET (1976, p. 253), “As crises religiosas e a reflexão sobre a fé, ou contra esta, dominam alguns”, em especial os adolescentes e jovens nessa fase de

¹ Santa Paula Frassinetti, fundadora da congregação das Irmãs de Santa Dorotéia, nasceu em 03 de março de 1809, em Gênova, na Itália.

² Faculdade Frassinetti do Recife foi a primeira faculdade do Norte-Nordeste para formação de mulheres em período político após a II Guerra Mundial e o Estado Novo de Getúlio Vargas. Fundada em 13 de março de 1941, numa época em que a graduação máxima para as mulheres era o magistério. Concederam-lhe o funcionamento com a criação do Instituto Paula Frassinetti, em novembro de 1940, o qual abrangia os cursos de Filosofia, Matemática, Geografia, História, Ciências Sociais, Pedagogia e Letras Neolatinas e Anglo-Germânicas. O instituto recebeu novo nome – Faculdade de Filosofia do Recife e, posteriormente, Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Em junho de 1941, a FAFIRE foi incorporada à antiga Universidade do Recife, pois faltavam à futura Universidade Federal cursos na área de Ciências Humanas. Até 1974, funcionou como instituição de Ensino Superior só para mulheres; depois, para alunos de ambos os sexos. Em 2007, a FAFIRE completou 67 anos. Atualmente oferece cursos de graduação em Ciências Biológicas, Psicologia, Turismo, Administração, Letras e Pedagogia e 58 cursos de pós-graduação *lato sensu*. Tem matriculados cerca de 4000 alunos na faculdade e dispõe de um corpo docente de 170 professores seu lema: tradição e modernidade na educação.

³ Centro de Educação Comunitária e Social do Nordeste (CESCOSNE) foi fundado em 24 de janeiro de 1975

⁴ Primeiro colégio a ser fundado no Brasil pela congregação das Irmãs de Santa Dorotéia em 12 de janeiro de 1866.

transição da vida, quando acontece muito a recorrência de tal atitude contra o sagrado institucional.

Para se lidar com o jovem, em transição constante, é preciso ter bem claras quais mudanças são próprias de cada fase, seja biopsíquicas, seja sociorreligiosas. Por isso, os estudiosos da área específica, como Mircea Eliade (1992), constatarem categoricamente que, cada vez mais, se buscam novas formas de conhecer o tão misterioso sagrado. É necessário compreender o como e o porquê, em determinados momentos da vida dos adolescentes e dos jovens, acontece o desvinculamento do sagrado (apatia, críticas às igrejas, individualismo religioso, busca de uma experiência de Deus) e compreender, ainda, de que forma eles buscam nova expressão da espiritualidade juvenil que lhes proporcione experiência com o sagrado mais próxima de sua práxis. Enfim, por que eles se afastam do sagrado institucional e, ao mesmo tempo, procuram novas experiências para se encontrarem consigo mesmos e com a vida, de modo a fazê-los compreender o real valor da existência humana e juvenil?

De acordo com o Documento Evangelização da Juventude da CNBB⁵, faz-se necessário conhecer a realidade juvenil, a fim de a Igreja atual, diante do seu maior desafio, definir quais as necessidades dessa geração, que faz parte de um século com novos valores humanos, sociais, políticos e religiosos como sociedade da subjetividade. A Igreja Católica, no Brasil, está integrada em um cenário de grandes expectativas em relação a esse universo. Daí, as indagações inquietantes no seio católico: como proporcionar aos jovens uma mística diante da uma sociedade do **ter** e não do **ser**? Como trabalhar as novas expressões religiosas diante da cultura da subjetividade?

Para tanto, compreender e identificar os sintomas próprios da crise religiosa juvenil contribui na formação da identidade psicorreligiosa e pastoral da juventude brasileira. Para isso, analisaremos – tendo como modelos a mística e a espiritualidade de Paula Frassinetti e outros documentos doroteanos –⁶ as percepções, vivências e representações dos jovens em relação ao sagrado institucional, a fim de identificar as características da nova mística juvenil numa sociedade fortemente marcada pela subjetividade.

De fato, no período da adolescência, há necessidade de ser amado, compreendido e, sobretudo, de viver enormes desafios, enfim, é a fase de explosão da afetividade; entretanto, ela precisa ser trabalhada, ajudada, o que nem sempre acontece por parte das igrejas. Nesse

⁵ Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção estudos da CNBB, n. 85). 164p.

⁶ Um excelente material para estudo das cartas (Paula Frassinetti), livros, filmes etc., projetos educacionais voltados para a formação juvenil, coordenados pelas irmãs da Congregação de Santa Dorotéia, disponíveis no arquivo geral da congregação.

período, os adolescentes permanecem apáticos, distantes do mundo real e de tudo relacionado ao religioso. É preciso saber dialogar e encontrar, juntos, caminhos que os conduzam à práxis espiritual, facilitando a opção com a experiência do sagrado institucional, sobretudo estimulados pela máxima de Paula Frassinetti: “Já que os maus procuram corromper a juventude, procuremos nós, a todo custo, salvá-la!”. (CARTA, 302, 2.4).

Após a leitura do acervo bibliográfico pertinente aos temas, realizamos a pesquisa de campo⁷. Nela utilizamos o questionário misto com questões expostas no Apêndice A, página 148. De posse dos dados, fizemos as análises quantitativa e qualitativa, comparando-os e os confrontando com a mística de Paula Frassinetti e toda atuação posterior a ela no campo da educação religiosa juvenil realizada pelas instituições doroteanas⁸. Nos resultados da pesquisa de campo, detectamos uma linguagem religiosa juvenil permeada de crise e subjetividade. Após a categorização das perguntas aceitas, seguiu-se a discussão sobre os dados coletados e o confronto com os aspectos teóricos que fundamentam a pesquisa de campo. Constatamos assim, nos entrevistados as características de sua nova espiritualidade e mística (renovação do espírito, contato com Jesus, busca da paz interior, relação individual com Deus, sede pelo trabalho social) e como isso afeta o seu relacionamento com Deus, com a família e com a Igreja de sua pertença. Em seguida, comparamos a nova espiritualidade e mística dos adolescentes e jovens com a filosofia e a educação religiosa de Paula Frassinetti e colaboradores que continuam dando sentido ao seu projeto de vida: educar o outro pela via do coração e do amor, tendo como base o diálogo e a escuta.

Com os resultados obtidos mediante a aplicação do questionário aos adolescentes (CSJ e CECOSNE) e jovens universitários (FAFIRE) sobre a nova espiritualidade juvenil, esperamos que eles possam aproximar mais os colégios de seu ideal educativo no enfoque psicorreligioso e espiritual. Visamos com esta pesquisa a mergulhar no universo particular dos adolescentes e jovens universitários, tentando maior aproximação recíproca entre eles e a Igreja para compreendê-los melhor e, assim, buscar nova espiritualidade juvenil no seu desenvolvimento psicorreligioso. Os resultados conclusivos coletados servirão de enriquecimento da vida acadêmica e institucional nos campos: Psicologia (representação e vivência), Teologia (espiritualidade), Ética Relacional e Pastoral Universitária. Poderão, também, contribuir na formação dos adolescentes e jovens pesquisados.

⁷ A pesquisa de campo constou inicialmente de um pré-teste (5% de 75 adolescentes e jovens) das instituições: 25 (FAFIRE), 25 (CECOSNE) e 25 (CSJ).

⁸ O conjunto de instituições doroteanas (colégios, comunidades, faculdades) tinha inicialmente o nome de Santa Fé; depois, foi mudado para Irmãs de Santa Dorotéia, mártir da Igreja.

A Pastoral Universitária da FAFIRE (PdU)⁹ poderá enriquecer-se quando souber das reais causas da crise diante do sagrado institucional e como elaborar ações educacionais e pastorais que proporcionem aos jovens e adolescentes a espiritualidade capaz de lhes ajudar a compreender as próprias transformações psicorreligiosas. A Igreja a família, os colégios e a FAFIRE estarão atentos à formação deles quanto à sua espiritualidade, mas respeitarão a peculiaridade de cada indivíduo, e, considerando as necessidades deles, criarão um plano de ação pedagógica que valorize a experiência de vida, levando em conta o contexto cultural, social, familiar e psicorreligioso.

Sendo assim, dividimos a dissertação em cinco capítulos, a fim de ajudar o prezado leitor a compreender e a se tornar um agente proativo no trabalho e na defesa da nova espiritualidade juvenil segundo Paula Frassinetti.

No primeiro capítulo, desenvolvemos reflexões sobre a relação do sagrado com o humano nos mitos e como se tem processado a relação da Igreja com o sagrado como portadora e responsável pela ligação do homem com o divino, depois do Concílio Vaticano II. E ainda: o que mudou nessa relação e de que forma a Igreja vê, julga e age diante do fenômeno de aproximação e afastamento dos fiéis ante o sagrado, principalmente do público juvenil entre 14 e 24 anos.

No segundo capítulo, tratamos da pertença do jovem à Igreja do Concílio Vaticano II. Por isso, detemo-nos na dimensão da opção da Igreja pelos jovens, como fonte de renovação e de esperança de suas estruturas, de modo que eles assumam uma identidade religiosa em tempos de grandes mudanças humanas, sociais, religiosas e éticas, sobretudo, mudanças nas relações interpessoais.

No terceiro capítulo, procuramos compreender, em linhas gerais, como se dá a crise de pertença religiosa nos jovens entre 14 e 24 anos; o que ela significa etimologicamente e o que provoca nos seres humanos, considerando-se que nem toda crise é negativa, mas constitui possibilidade de mudança, provocando nos indivíduos oportunidade de crescimento

⁹ O Serviço de Animação e Ação Pastoral tem como objetivo geral promover a vivência dos valores evangélicos na comunidade acadêmica, por meio de aulas, encontros, celebrações, palestras e práticas que respondam às exigências dos tempos atuais. Promove a vivência dos valores evangélicos nas quatro dimensões: espiritualidade, ação social, cultural e lazer. Atualmente, a Pastoral desenvolve mais de 30 projetos com o apoio de um grupo de voluntários formado por alunos, professores e funcionários, articulando-se regionalmente com outros serviços de igual motivação. É responsável pelo acolhimento aos novatos, celebrações da Eucaristia, da Palavra de Deus, do Natal e da Páscoa. Além do atendimento pessoal, assume a preparação para os sacramentos da iniciação cristã e retiros universitários. Oferece apoio à formação de grupos, anima a Campanha da Fraternidade, realiza confraternizações, o intervalo bíblico, o mês Mariano, campanhas, publicações, momentos culturais. Suas linhas de ação envolvem também: missão jovem com jovens no interior de Pernambuco, comunidade popular, arte no presídio, Fest Paula (semana de homenagem à Santa Paula Frassinetti, uma forma de fazê-la conhecida no meio acadêmico), mês das vocações e da Bíblia, celebrações e confraternização, mês Mariano, estudo de temas atuais; eventos interdepartamentais e encontros da articulação das pastorais universitárias católicas.

humano. Ademais, pretendemos verificar a influência da crise juvenil ante o sagrado institucional e a maneira de os jovens se comportarem durante o período da crise.

No quarto capítulo, verificamos o significado da espiritualidade, sobretudo para responder às crises juvenis com a Igreja institucionalizada. No quinto capítulo, mostramos a importância do contributo de Paula Frassinetti em sua opção pelos jovens e suas contribuições à espiritualidade juvenil. Enfim, esperamos que esta pesquisa contribua, em proporção significativa, com métodos e orientações, para se reencantar o sagrado no universo juvenil, proporcionando-lhe o protagonismo dessa nova espiritualidade, tão almejada pelos jovens, de ser e estar diante de um sagrado mais humano e próximo cordialmente de suas histórias de vida .

1 O SAGRADO NOS MITOS E APÓS O CONCÍLIO VATICANO II

Neste capítulo, nosso objetivo principal é desenvolver uma reflexão sobre a relação do sagrado com o humano nos mitos e como se dava a relação da Igreja com o sagrado como portadora e responsável pela ligação do homem com o divino depois do Concílio Vaticano II. Buscamos, assim, saber o que mudou nessa relação e experiência com o sagrado e como a Igreja vê, julga e age diante do fenômeno de aproximação e afastamento dos fiéis ante o sagrado, principalmente o público juvenil entre a idade de 14 e 24 anos.

1.1 O sagrado e os mitos

O sagrado estava ligado ao bom, ao puro, ao criador de todas as criaturas; em outras palavras, em vez de relação de afeto, de libertação, havia relação de obrigação constante. E não se podia ir contra essas idéias surgidas no próprio ser humano, que sempre esteve à procura de explicações para suas inquietações. Antoniazzi, que estudou o assunto, expressa:

A experiência do sagrado parece associada à experiência, por parte da humanidade, de forças incontroláveis, cujo domínio foge ao poder humano; antigamente, o vento ou mar suscitavam a experiência do sagrado como “*tremendum*” (terrível), como aquilo que suscita “temor e tremor”; hoje, talvez, na origem de temores e angústias dos humanos esteja a ameaça do desemprego ou a queda da bolsa de valores (1999, p.12).

Os estudos dos mitos, a investigação da chamada religião dos primitivos, as tentativas de reconstituir as origens e de descobrir as fontes da religião constituem novo desafio para os estudiosos da área, no sentido de mostrarem que as extravagâncias místicas não guardam nenhuma relação com a razão. Conforme o pensamento de Rudolf Otto, “o sagrado é, antes do mais, uma categoria de interpretação e de avaliação que, como tal, só existe no domínio religioso” (2005, p.13). Ao longo do nosso estudo, recapitularemos o sagrado no viés moral, somando-o ao elemento racional, para que este seja conhecido e pressentido como um princípio vivo em todas as religiões; deter-nos-emos, ainda, nas primeiras manifestações, rudimentares e brutais, do terror numinoso (Luz). O sagrado, em forma de temor aos demônios, constitui a verdade emblemática da manifestação elementar, primitiva e brutal, razão pela qual a religião dos primitivos é considerada sagrada, mítica e terrificante, daí a necessidade de ser narrada.

1.2 O sagrado mítico e terrífico como narrativa

Sobre as características do sagrado primitivo, Rudolf Otto (1869-1937), em sua obra revolucionária para os estudos de teologia e ciências das religiões do começo do século XX, *Das Heilige*, diz que originalmente o sagrado não está associado a noções como fé, bondade, espírito ou boa vontade. Essa, na verdade, é a concepção ocidental e racional de divindade, que se harmoniza com a idéia de um criador bom, onipresente e misericordioso. Segundo Otto, tal conceito não se coaduna com a dimensão original antes de o sagrado ser oprimido por qualquer forma institucional de religião.

Para fundamentá-lo, o autor cunha o termo “numinoso”. O *numen* é categoria ligada ao *mysterium tremendum*, ao mistério – algo que não é dado a conhecer –, que, ao mesmo tempo, fascina, arrebatava, comove e também causa tremor, medo e arrepio. Há um temor paralisante em face do totalmente Outro, do *fascinans*, do *mirum* ou *mirabile* (daí, posteriormente, derivaram os termos “admiração”, “admirável”) algo terrífico a impedir o movimento e embotar o pensamento.

No livro do Êxodo, Deus adverte a Moisés: “Enviarei o meu terror e sementeirei pânico em todos os povos entre os quais chegares e porei todos os teus inimigos em fuga diante de ti” (Ex 23,27). Santificar (em hebraico, *hiq'dich*) algo no coração é nutrir sentimento especial de terror. *Êmat Javeh*, o terror de Javé, penetra nos membros dos homens e os paralisa. Entre os gregos, lembra Otto (2005, p.23), há a expressão semelhante *deima panicon*, equivalente a “o terror do pânico”, inspirado pelo que está além do compreensível. O novo, ao ameaçar a compreensão do que já se estabeleceu, infunde espanto. É com estranhamento que o homem se depara com o nascituro, a brotadura, o gomo, o que principia. O novo cósmico, útero fértil de onde o sol, as estrelas, os peixes e as águas emanam, assombra e precisa ser submetido, senão ao entendimento, ao menos à experiência.

O sentimento de fascinação, de aniquilamento e de terror a essa vivência de certo modo inefável, com o não-familiar, com o que foge ao domínio das coisas habituais, com esse pavor *sacer* (terror numinoso, pavor sagrado) que preside o surgimento de algo, sua gênese, não é, no entanto, entrave à narração. No intuito de se apropriar da dimensão que dá origem à vida e a tudo existente é que o homem narra. Enfim, tão importante quanto conhecer a origem é a produção de um discurso sobre ela. Quem a narra não quer a explicação, interessa-lhe o ato de narrar como processo inventor de mundos. Narrar é co-participar da gênese cósmica. Na narração, a criatura torna-se sócia do criador, um co-criador. O poeta é fazedor

(poiesis = fazer). Narrando, o homem organiza o pensamento, afasta-se do caos ao criar contornos para o que é amorfo.

Além disso, quando nos damos conta de nossa existência, tomamos consciência da nossa exposição ao tempo, o qual se mostra, na essência, fundamentalmente alheio ao nosso desejo, à nossa vontade – as horas escorrem sem prévia permissão. O que marca o encontro com esse motor de modificação da esfera física é o sentimento de passividade. Mas não somos tão estranhos aos mecanismos do relógio.

Diante da narrativa da vida, a luta do homem se dirige no sentido de domar a contingência, pois narrar é um procedimento gerador de sentido e arranizador da esfera temporal. A narrativa ata o passado, o presente e o futuro. Ao criar os elos temporais, o narrador inaugura as dimensões de fato, dando-lhes sentido já que o passado não é mais, o futuro, uma indefinição e o presente, algo sempre a escapar de maneira irrecuperável.

Para tanto, o homem não apenas tenta estacionar os efeitos do tempo – registrando e, assim, preservando a memória da comunidade ou de fatos individuais de sua vida –, mas também reinventa o acontecido, projetando o futuro ou remodelando o passado. A narrativa está ligada, por um lado, à memória e, por outro, à utopia, uma vez que reorganiza lembranças e, ao mesmo tempo, está carregada da noção fantasiosa ou idealizada do vivido ou do imaginado, especialmente, na esfera religiosa.

Verificaremos que a reorganização que tem propósito estético sobre a narração mítica submete um conteúdo caótico de imagens arquetípicas ao plano imagético não-linear e racionalizado, mas organizado como discurso. Ao narrar, o homem faz com que haja fluxo entre o meio onde vive e os devaneios de seu espírito. Daí resulta algo transitável entre o relato do acontecido e as imagens formadas no inconsciente, mantendo – se certo equilíbrio entre o individual e o de domínio da comunidade.

Entretanto, o mito é um tipo de narrativa em que se propõe o outro modo de lidar com o tempo. É o tempo arquetípico, de *arché*, origem, princípio formador de tudo. Mas, como narrar esse antes, se nem se podia falar de tempo, pois o tempo mesmo ainda não tinha sido criado? Tratar da criação do cosmos significa debruçar-se sobre algo sem precedentes, tangenciar o buraco negro do caos sem cair dentro dele, estar à beira do precipício. Como dizer o que a Filosofia e a Matemática, um dia, chamaram de nada? A fala não autoriza descreve-lo.

À medida que nos debruçarmos sobre o nascente, sentimo-nos bem no centro de um jogo de espelhos. Quem criou tudo? As imagens refletem-se umas nas outras e apontam

para o infinito entorpecedor. Não sabemos se há progressão infinita ou regressão. À proporção que a distância avança, o olho não enquadra, não fixa não enxerga. A sensação é de abismo.

Enfim, os mitos constituem narrativas essencialmente religiosas, no sentido de religar o homem a outra esfera – além que remonta à época anterior à dos seus antepassados. Os mitos são histórias verdadeiras e sagradas sobre o nascimento do cosmos (que pode ser um homem, uma ilha, um comportamento ou o universo) graças à ação de seres sobrenaturais. Tal acontecimento teve origem no tempo primordial, original, arquetípico, donde tudo provém, uma vez que o homem sempre buscou mecanismos para explicar o início. Mas, para o pensamento mítico, entender a gênese de algo não significa apenas compreender como se iniciou; significa também poder interferir, positiva e magicamente, na sua existência presente e poder fazê-lo ressurgir quando ameaçado com o mesmo vigor inaugural. No mito, a gramática dos começos não se dispõe de modo a recompor o passado para a compreensão do presente em sucessão de causa e efeito. O acontecido na origem não é irreversível como versa a História; ao contrário, está sempre se refazendo – o mundo é permanentemente re-inaugurado. Cada escatologia equivale a nova gênese.

Assim, a experiência com o sagrado permite ao homem o abandono da noção de tempo profano, cronológico, irreversível e, por conseqüência, o ingresso no tempo forte. No tempo mítico, o presente não substitui o passado nem tampouco prenuncia o futuro. Ritualizar é re-atualizar. Contudo, o contato com o agora absoluto abole a hierarquia das horas. E, se não há ontem nem amanhã, o momento é de eternidade, que é indefinidamente recuperável circular.

Por isso, o homem mítico, ao contrário do homem moderno – fruto da História Universal – provém do que aconteceu no tempo original. Ele caça, procria, morre, anda sobre duas pernas, o sol se levanta, o arroz nasce nas várzeas. Hoje se sabe que não há fundamentos na idéia evolucionista que postula a tese de o homem ter passado do estágio pré-lógico, dito simbólico ou mitológico, para outro completamente racional.

Ademais os mitos não explicam o mundo tal qual a ciência moderna almeja. As metáforas míticas, por sua vez, são tentativas de se alcançar o transcendente. Mesmo nas sociedades em que o mito ainda está vivo, distinguem-se, com clareza, as narrativas míticas dos outros tipos de narrativa. Estas relatam situações ditas profanas, não contribuem significativamente com as atividades vitais da comunidade; aquelas, ao contrário, estão ligadas a temas como a vida e a morte, o renascimento, a reprodução sexual, a alimentação, o plantio, a colheita, a criação de animais, as fases da vida, mudança de *status* social e espiritual.

Para o mito, o homem não é sujeito do conhecimento, porque se produz a verdade de forma transcendente e divina, não cabe ao homem gerá-la, apenas reproduzi-la ritualmente. Contudo, em certo momento, mito e *logos* se igualam, ao produzirem – na verdade, de maneira antitética – não afirmações sobre os fenômenos do mundo, mas sistemas de compreensão ou mobilização do real. Portanto, não se pode reduzir o mito a uma espécie de narração que desestimula o homem a sentir-se agente de sua história e mero repetidor de algo estabelecido sem o seu consentimento ou sua ação. Do mesmo modo, seria atitude simplista dizer que o *logos* é um instrumento “pobre” na descoberta de verdades transcendentais.

Vale lembrar que os avanços da Antropologia, Biologia, Física e Matemática se dispuseram a entender as narrativas míticas como sistema lógico de categorização do real, capazes de relatar, de forma metafórica, o nascimento do cosmos ou de lidar com temas complexos, como, por exemplo, a passagem entre a natureza e a cultura, com suas intercessões e desdobramentos.

Enfim, vale dizer, o mito não é mitologia. Sobre esta incide o peso do discurso, da explicação. Ademais, enquanto a mitologia constitui um sistema de narrativas em que se tenta criar elos lógicos (*mythos logie*) de modo a assegurar coerência entre as imagens do mito e as imagens mentais, os mitos não se propõem dar lições de moral nem transmitir ensinamentos sociais, mas apenas contar uma história sobre o sagrado tornado fenômeno do homem.

1.3. O sagrado como fenômeno humano

O que se vive no íntimo da consciência humana, no âmbito da fé e da experiência do sagrado, vem à tona e se torna fenômeno. O sagrado como fenômeno humano significa, para Mircea Eliade, que

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo *hierofania*. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade (2001, p.17).

O sagrado que faz parte da vida humana se revela no cotidiano, proporcionando reaproximação com o humano, despertando neste, em algum momento, sentimentos de pavor e, em outro, o desejo de estar próximo do sagrado, que se deixa ser tocado, olhado, sentido. Isso proporciona experiência profunda àqueles que a desejam próxima de sua vida real, dando espaço para vivência pessoal e transcendental. É como se cada um tivesse a oportunidade de registrar na memória a sua experiência religiosa mesmo não ligada diretamente a essa ou aquela religião. O seu desejo, porém, de encontrar o sagrado, por meio dos objetos, o leva para o encontro consigo e com os outros. “O símbolo religioso está localizado, em primeiro lugar ‘entre’ o totalmente Outro e o sujeito humano que o experimentar. ” (CROATTO, 2004, p. 83)

O homem sempre encontrará uma forma de se permitir chegar mais próximo do sagrado e sempre buscará compreender o significado de ter e fazer a experiência com o sagrado, dentro do espaço deste ou não, o que confere importância ao diálogo dos homens com o sagrado, produzindo novo tempo de reaproximação do intocável para o tocável. Com isso, os seres humanos se permitem realizar experiência de encontro e valorização dela dentro do espaço humano, sem negar a presença e a *hierofania* do sagrado presente no cotidiano do homem.

Para Mircea Eliade (2001), os homens associam os objetos com a manifestação do sagrado e passam a venerar os respectivos símbolos, dando-lhes nomes e sentidos. Acreditam que podem tocar ver e ouvi-los. Assim, permitem-se fazer o encontro espiritual, unindo seus desejos ao objeto. Então, por exemplo, a pedra, que antes era apenas uma pedra, depois da manifestação do sagrado, transforma-se em algo que possibilita o encontro com seu “eu” e com o “Outro”.

A experiência humana passa pela mística do encontro com o outro e é própria da pessoa que deseja, a todo tempo, expressar seu afeto, usando os objetos que se tornam o meio de o indivíduo conhecer o universo do outro, aparentemente, longe da realidade humana. Sobre isso, assim se expressa Bingemer: “O princípio de toda experiência religiosa encontra um denominador comum no desejo seduzido, à inclinação fascinada e irresistivelmente atraída pelo mistério do Outro, que envolve, seduz” (1999, p. 80). Eliade faz bela leitura do universo simbólico que envolve o mistério da manifestação do sagrado na vida humana e proporciona a quem ler uma viagem histórica, filosófica dos símbolos; ademais faz a relação entre os seres humanos e o sagrado, seguindo o caminho de compreensão da hierofania através do tempo e espaço. Eliade afirma em seu estudo: “ Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio

cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente “ (2001, p. 30). Qualquer espaço e tempo podem tornar-se lugar para a hierofania e, assim, proporcionar aos que procuram realizar sua experiência a oportunidade de selecionarem os elementos capazes de ajuda-los nesse encontro. Então – pode-se dizer – o ser humano se supera a cada dia, criando e recriando ao seu jeito formas que o levam a compreender a própria forma de vida e ter a consciência do seu inacabamento, sem se sentir isolado do resto do universo e de tudo o que o cerca. Assim é a vida nossa de cada dia.

Em todo amanhecer, nós, seres humanos, buscamos os novos caminhos para viver em harmonia com a natureza e, acima de tudo, com o sagrado, mesmo não ligados diretamente a essa ou àquela religião. O sagrado estará em nós, no outro e na vida, segundo a forma de vivificá-lo em nosso cotidiano. O próprio ser humano tem o direito de escolher, por meio de ritos, símbolos, o que será sagrado e profano.

Portanto, o ser humano sempre encontrará uma forma de se comunicar e dar sentido à sua existência no mundo, criando caminhos para o universo do sagrado. O que antes nada significava passa a ter significado, como, por exemplo, água, terra, ar, fogo, tempo, árvore, na vida dos humanos e na relação direta e indireta com o sagrado expressa nos símbolos.

1.4 O sagrado expresso por meio dos símbolos

Os homens, ao longo da história, sempre tentaram comunicar-se com o sagrado por meio dos símbolos (o que antes era apenas uma pedra passa a ter outro sentido), selecionados pelos próprios homens e eleitos como sagrados, a fim de fazerem a própria experiência de hierofania. Nesse sentido, a leitura, sob a perspectiva do pensamento simbólico na vivência do sagrado, é uma celeuma nas sociedades religiosas contemporâneas. Segundo Eliade, podemos dizer:

Na realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses. “A fim de compreendermos melhor a necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, é preciso insistir um pouco na concepção tradicional do “mundo”: então logo nos daremos conta de que o “mundo” todo é, para o homem religioso, um “mundo sagrado” (2001, p. 32).

Os símbolos mexem com os aspectos humanos uma vez que expressam hierofania por meio dos objetos (ELIADE, 2001, p. 17). Portanto, compreender a dinâmica existente entre os símbolos e a natureza humana torna-se indispensável para a hermenêutica em

questão. A pessoa, por sua vez, se realiza e transcende por meio dos símbolos à sua volta. Já os objetos tendem a ter sentidos diferentes em determinadas culturas: em determinados lugares, podem ter sentido religioso ou não. Destarte, a experiência humana com o sagrado pode ser individual ou grupal. Por isso, verificamos que “a imagem do sagrado não é completa, ou seja, inteiramente revelada, pois o universo religioso nos remete a uma realidade simbólica.” (VERÍSSIMO, 2004, p. 180)

O homem, por natureza, podemos dizer, é um ser simbólico, que a todo tempo, deseja expressar as emoções por meio da fala, do desenho, da dança ou dos objetos. Além do mais, sempre encontrou forma de se comunicar com o mundo profano e com o universo sagrado por meio dos símbolos, os quais lhe têm possibilitado experiência no plano individual ou no coletivo, de acordo com a realidade de cada indivíduo e, se possível, com a forma de este se relacionar com o sagrado e expressar a sua fé. Deve-se pensar no símbolo como algo que possibilita a pessoa a se entregar à religião por meio do sentir, ver, perceber, fazendo dessa escolha o caminho para contato com o sagrado, utilizando os objetos. Esses, então, passam a ter valores espirituais, criando no indivíduo a idéia de ligação com o sagrado, possibilitando-lhe sensação de liberdade e despertando a confiança na presença manifestada do sagrado.

A riqueza do encontro do homem com o sagrado por meio dos símbolos permite a experiência com o místico, o que impulsiona os indivíduos a se expressarem de nova forma. Os símbolos revelar-se-ão como se cada um tivesse a oportunidade registrar na memória a própria experiência religiosa, mesmo não ligada diretamente a qualquer religião. O desejo de encontrar o sagrado por meio dos objetos leva o indivíduo a encontrar-se consigo e com os outros. Entretanto, a forma de os seres humanos se relacionarem com os objetos escolhidos por eles mesmos é que determinará o lugar de manifestação do sagrado e como se dará essa experiência. O homem sempre encontrará uma forma de chegar mais próximo do sagrado e buscará nos símbolos a ponte que o levará à outra margem do rio, sem a necessidade de passar por dentro das águas.

Ao tentarmos aqui compreender o significado dos símbolos, convém lembrar que eles são inerentes ao contexto social, portanto, significado o mais diverso possível – comunicam, expressam necessidades psicológicas, sociais, econômicas, religiosas, afetivas, entre outras específicas do humano. A respeito da necessidade humana de se utilizar dos símbolos, podemos, com Jung, afirmar;

O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja transmitir. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos [...] O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato (1964c, p. 20).

O mesmo significado aponta que o homem se utiliza dos símbolos criados pela natureza ou por ele próprio. Todavia, ele se apropria dos símbolos como algo só seu que lhe revela sentimentos. Dessa maneira, o indivíduo se permite vivenciar experiência de encontro e valorização dos objetos, os quais passam a ter outros significados. Um símbolo pode não ter o mesmo significado para determinados grupos religiosos, daí a necessidade de se respeitar a cultura local, considerar a realidade de cada povo, perceber como aquele grupo se relaciona com seus símbolos.

O homem sempre buscou meios para se comunicar com o sagrado, utilizando os elementos da natureza, criando outros, dando forma aos seus sonhos, criando espaços, com o intuito de proporcionar tal comunicação, a fim de compreender- lhe o processo de manifestação ao longo da história da humanidade. Para Eliade (2001), ao associar os objetos com a manifestação do sagrado, o indivíduo passa a venerar seus símbolos, dando-lhes nomes e sentidos. Decorre daí a possibilidade de encontro e renovação das suas forças, o que impulsiona o recomeço, dá coragem e alegria, sentimentos próprios dos humanos.

Acredita-se que, por meio dos símbolos, o tempo se refaz e a vida de cada dia passa a ter outro sentido. Isso proporciona às pessoas a possibilidade de encontrar o seu próprio “eu” e o do “outro” e, assim, de se aproximarem do sagrado. O tempo, elemento chave nesse encontro, permitir-lhes-á a oportunidade de se refazerem na sua existência e contribuir para a renovação do seu próximo. A cada novo dia, temos a oportunidade de avaliarmos nossa evolução, de fazermos uma limpeza no nosso interior, deixando entrar em ação os espaços sagrados escolhidos e marcados como local de encontro com o sagrado, onde estão os objetos que nos levarão a ler nossas experiências com o numinoso. Esse momento faz o ser desgastado sair renovado, cheio de perspectivas sobre a vida como um todo. Como afirma Eliade (2001, p.109), “o simbolismo desempenha um papel considerável na vida religiosa da humanidade; graças aos símbolos, o Mundo se torna “transparente”, suscetível de “revelar” a transcendência”. A beleza da experiência humana por meio dos símbolos demonstra a nossa sensibilidade diante dos objetos. Isso faz a diferença na hora da venera-

los, pois, ao passar a ter outros significados, eles possibilitam vivência maior, que pode gerar profundo conhecimento sobre o significado de encontrar-se com o sagrado na vida cotidiana.

A experiência com o sagrado tende a permanecer no íntimo do indivíduo e a despertar a consciência de que toda experiência leva à outra margem desejada, considerando-se como o homem se comporta diante de si mesmo e do outro desconhecido. Croatto afirma:

A experiência do Mistério (inclusive quando não personificado) é essencialmente afetiva e, portanto, participativa. Ela não pode ser vivida de forma individual e isolada. Seria uma carga insuportável! Comunicá-la alivia. A experiência do Mistério é um processo psicológico fácil de ser entendido. Mas sua comunicação possui um valor sacramental, enquanto significa e realiza novamente a presença do sagrado. A expressão religiosa é tanto a comunicação do vivido, como uma nova vivência. Cada uma das linguagens dessa vivencia – símbolo, mito, o rito – recria a experiência religiosa a sua maneira, mas todas participam dessas características (2004, p. 82).

Tal compreensão também é importante na relação dos seres humanos com o “cosmo”, pois eles vão desenvolvendo a consciência de saber cuidar da vida e, dessa forma, continuar acreditando na manifestação do sagrado no cotidiano. Logo, o homem será capaz de alcançar a mais alta espiritualidade quando compreender que a sua experiência com o sagrado pode ocorrer em qualquer espaço e tempo, levando em consideração o seu desejo de viver e ter uma experiência universal.

1.5 A igreja do Concílio Vaticano II como portadora do sagrado para o nosso tempo

A Igreja Católica, há mais de 2000 anos, é responsável por manter vivo nos cristãos o desejo de conhecerem e fazerem a experiência do sagrado no cotidiano. Ela, que, ao longo dos tempos, superou grandes crises ligadas ao social, filosófico, psicológico, religioso, político, econômico, à ciência e ao humano, nasceu com o objetivo de ser sal da terra, luz no mundo, de ser a voz dos esquecidos, dos que vivem às margens da sociedade. Essa Igreja anuncia a boa-nova e denuncia as injustiças sociais contra os pobres injustiçados. Ademais, ela anseia por grandes mudanças dentro e fora de suas estruturas, valorizando o diálogo com outras religiões. Sobre isso, afirma Souza:

Uma instituição fortemente hierarquizada como a Igreja Católica Romana, em que a idéia de autoridade ocupa lugar destacado, insiste em seus documentos na importância da participação social, e ela própria tem sido espaço de práticas participativas em experiências pastorais recentes (2004, p. 19).

1.6 A igreja do Concílio Vaticano II

Convém deixar bem claro que a Igreja Católica não tem só uma linha de trabalho, mas várias áreas que permitem a todos os membros poderem escolher o caminho a seguir. Ao lado disso, ela recorre a várias metodologias no anúncio do evangelho. De outra parte, não pára diante das dificuldades ao longo da sua existência e, constantemente, ela se refaz das crises internas e externas que parecem nunca abalar sua solidez.

Em virtude de tomar grandes decisões, ela pode influir, com sua postura, na vida dos seres humanos, aspecto fundamental numa sociedade carente de valores éticos e cristãos. Assim, tem assumido a postura de servir às massas populares, sem perder de vista a sua importância na formação humana, resgatando nos fiéis a sua pertença a esse novo tempo que estaria renascendo com o Vaticano II. Ao optar pelos pobres e marginalizados, refaz o papel do Cristo que veio em nome do Pai para servir, e não ser servido. A proposta pedagógica do Cristo toma força dentro e fora dela, que aos poucos vai definindo o seu papel na sociedade, buscando dar outro sentido à experiência do sagrado no cotidiano dos cristãos. Acerca disso, Souza afirma:

Participação, solidariedade e cidadania tornaram-se palavras-chave em todas essas atividades mobilizadoras. Vêm a ser uma contribuição decisiva para a construção de um espaço público em que sociedade civil e sociedade política, por meio das iniciativas dos movimentos e do Estado, questionam a realidade social e elaboram políticas sociais capazes de refazê-las em profundidade. A igreja, com seus membros e suas instituições, vem a ser, entre muitos, um dos atores decisivos na arena político-social. Temos de vê-la ali com suas divisões internas, suas contradições, seus limites e suas intuições criadoras (2004, p. 35).

A Igreja Católica reassume o papel de transformadora da sociedade por intermédio dos trabalhos pastorais, dos movimentos juvenis, dos leigos, dos estudos bíblicos, da participação na política e nos movimentos sociais, da campanha da fraternidade, enfim, pela opção pelos pobres. Ela retoma a sua identidade “católica” com a intenção de contribuir para reconstrução da fé pelo resgate social. “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 35)”. Vejamos as características dessa Igreja portadora do sagrado.

1.7 As características da nova igreja portadora do sagrado

João XXIII sonhou ver a sua Igreja fazer realmente a diferença no mundo e assumir a missão evangelizadora de acordo com o modelo do Cristo Jesus, ou seja, voltar-se para o outro e, principalmente, para os esquecidos pela sociedade, os sem voz e sem direito. E ainda: desejou vê-la como Igreja portadora do sagrado humano, com objetivo de reaproximar o humano do sagrado no cotidiano. João XXIII convocou a comunidade católica para se reabastecer na luz do evangelho e da tradição e, assim, buscar inspirações para o novo jeito de ser Igreja no mundo sustentada por dois grandes pilares: “Aggiornamento que significa atualização, renovação, reforma de si mesmo e outro pilar forte foi o ‘diálogo’ ao entrar em diálogo com seu interlocutor, a Igreja não apenas fala, mas também escuta, aprende, se repensa, se questiona, se modifica, se atualiza.” (MIRANDA, 2006, p.17)

O Concílio Vaticano II nos apresentou, na essência, a mesma Igreja de Jesus Cristo, dos concílios anteriores; acentuou, porém, alguns aspectos particulares que, no decurso dos tempos, caíram no esquecimento ou perderam o vigor na prática e na reflexão pastoral. Quais esses acentos especiais? Igreja: povo peregrino de Deus; Igreja: testemunho e compromisso; Igreja: comunhão; Igreja: conversão; Igreja: missão; Igreja: carisma; Igreja: opção pelos pobres.

Igreja: povo peregrino de Deus. O Vaticano II concentrou a atenção mais no aspecto de Igreja como instituição de salvação, sem esquecê-la como fundação de Jesus Cristo. É preciso ter presente o seu aspecto dinâmico. Não se deve ficar demasiadamente preso ao imutável da instituição, porque se pode passar a visão de uma Igreja muito a-histórica, atemporal, estática. É fácil ficar amarrada ao passado de cristandade, agarrada às formas de encarnação do passado, denominado tradição. Na realidade, a autêntica tradição é a tradição viva.

A Igreja, sem rejeitar o válido do passado, é um organismo vivo, sempre em crescimento, em construção, haja vista as imagens Corpo de Cristo, Povo de Deus, Templo do Espírito Santo com que ela é caracterizada na revelação. Ela, de alguma forma, sempre constitui um projeto, porque deve buscar entre os homens a realização do reino de Deus, do qual ela é o sinal, o germe, o princípio, o instrumento no meio dos homens para conduzi-los à sua meta definitiva (LG 5; Puebla 227-228).

Sua palavra e ação implicam realizações parciais desse reino em benefício da instauração de sociedade mais justa, fraterna e solidária, como vitória sobre o pecado, a injustiça, a opressão. Esse trabalho levá-la-á ao conflito, à perseguição e à morte à semelhança

de seu divino fundador. Participar no destino de Jesus é uma exigência do seu seguimento (Mc 8,34; LG 8).

O Concílio Vaticano II situou a Igreja, quanto à missão evangelizadora, na dimensão da história dos homens, de modo que se entendesse melhor o nexo de sua existência com o desenvolvimento do plano salvífico de Deus no mundo para a construção do reino. Ela funciona na história, como instrumento da salvação, como proposta de Deus e resposta dos homens. Ela não se pode considerar jamais definitivamente construída e acabada, ou seja, é um acontecimento sempre novo do Espírito de Cristo entre os homens.

Igreja: testemunho e compromisso. A atenção dela dirige-se, hoje, com insistência particular, à dignidade da pessoa humana como ser livre e consciente de corpo e alma. É necessário, porém, manter-se o equilíbrio entre o institucional, o sociológico, o jurídico, o ritual, o externo e o estado real de intimidade religiosa dos fiéis; entre a estrutura eclesial e a co-responsabilidade eclesial; entre a agregação batismal à Igreja e as garantias de desenvolvimento cristão do batizado. Assim, deve prevalecer o cristianismo vivo ao cristianismo oficial; a Igreja de salvação à religião de ritos; o povo de Deus a uma massa cristã. É o equilíbrio entre o que a teologia chama de *opus operatum* e *o opus operantis*. Então, o sinal que torna visível a Igreja não deve ser o número de batizados nem a existência de uma comunidade de pessoas convertidas a Deus e ao testemunho cristão. Na verdade, importa a adesão ser pessoal, livre, responsável, de compromisso. A fé autêntica decorre do encontro pessoal com Cristo na intimidade da consciência do fiel. Logo, para a edificação autêntica da Igreja, é insuficiente manter uma situação de fé em função do reconhecimento doutrinal das verdades da fé católica. A Igreja do Vaticano II orienta-se para a salvação do homem como um todo, corpo e alma – história e eternidade e –, não só para salvação das almas. Portanto, os dois aspectos unidos – espiritual e social – devem ser salvos em Cristo.

Igreja: comunhão. A terceira acentuação feita pelo Concílio Vaticano II é a abertura ao comunitário, como forma de viver a vida cristã em oposição ao individualismo “rastejante”, segundo João Paulo II, *Laborem Exersens*, 21. Existir em comunidade é exigência da fé cristã. A fé só se vive em comunidade e a salvação nos chega enquanto membros de um povo eleito. Ademais, o essencial do mistério da Igreja é ser ela uma comunhão com o Pai por Cristo no Espírito Santo e viver em comunhão fraterna como sinal da comunhão com Cristo. Assim, ela é salvação e graça, missão e testemunho em comunhão com outros. Aqui se coloca a reflexão e a consequência prática da co-responsabilidade, colegialidade, subsidiaridade, participação.

Igreja: conversão. A chave do sentido da renovação da Igreja, conforme o Vaticano II, está no fato de esta constituir o sacramento universal de salvação (LG 48; GS 45). A renovação, portanto, não pode restringir-se à revisão das estruturas eclesiais relacionadas aos sinais institucionais; implica, também, conversão da consciência, transformações de mentalidades no sentido de um catolicismo bíblico, missionário, personalista e comunitário, mais dinâmico e encarnado, mais serviçal e solidário, empenhado na convivência com os homens, sem renunciar à comunhão com Deus; implica, enfim um cristianismo cujo rito seja vida.

Igreja: missão. Significa que ela anuncia alegremente ao homem de hoje que ele é filho de Deus em Cristo; que ela se compromete com a libertação do homem todo e de todos os homens (o serviço da paz e da justiça constitui um ministério essencial da Igreja) e se insere solidária na atividade apostólica da Igreja universal, em estreita comunhão com o sucessor de Pedro. Tais aspectos foram ressaltados pelo Vaticano II e, posteriormente, desenvolvidos na vida da Igreja (PUEBLA, 1304).

A Igreja missionária ajuda a construir nova sociedade fiel a Cristo e ao homem no Espírito Santo; ela denuncia as situações de pecado e compromete os fiéis na ação transformadora do mundo (PUEBLA, 1305). De fato, já existe um novo estilo na Igreja: o do diálogo, da valorização e do respeito pelo homem, o da cooperação com todos para o bem da verdade, para a libertação e a justiça, para o progresso e a paz.

No Concílio Vaticano II, ela se abriu às dimensões das realidades sociopolítico-culturais e ao seu desenvolvimento na práxis. Daí, a Igreja do Concílio Vaticano II opera no mundo não como organização isolada e rival de outras organizações, e sim como fermento evangélico inserido no coração da humanidade. Isso gerou três mal-entendidos que têm desvirtuado ou desfigurado a concepção inicial: o espiritualismo, o temporalismo e a politização da Igreja.

O espiritualismo mostra a imagem de uma Igreja fechada na sacristia. Mas ela não pode dissociar-se da vida do mundo. Assim, cuida de levar as almas para o céu e, ao mesmo tempo, de tornar o homem mais humano e a terra mais habitável. A pastoral deve buscar o bem temporal das pessoas sem, contudo, perder de vista o bem eterno.

De outra parte, o temporalismo não pode reduzir o cristianismo a um sistema político, social ou econômico. Seria outro equívoco. Como o cristianismo leva a mensagem de salvação para a vida eterna, caracteriza-se como fato religioso, se bem que envolve os diferentes matizes da vida das pessoas. Os cristãos não podem dedicar-se de tal modo ao temporal, que percam de vista o eterno; não se podem entregar com tal afinco às

reivindicações sociais, que descuidem de buscar e compartilhar, além do pão do mundo, a Palavra de Deus e o Pão do céu; não podem servir de tal modo ao homem, que percam os vestígios de Cristo.

A politização da Igreja. A Igreja precisamente, porque deve anunciar e testemunhar diante dos homens Jesus Cristo, salvador de todos, não pode engajar-se na luta partidária da política. Isso, porém, não significa que a Igreja não se deva politizar de forma nenhuma. Ela, por exemplo, não deve omitir-se quando se trata de valores cristãos fundamentais, como, por exemplo, o reconhecimento dos direitos da pessoa humana ou quando está em jogo a salvação do homem. Ela jamais poderá admitir um estado de coisas anti-evangélicas. Se tal situação ocorrer, a Igreja deverá falar e promover a purificação e transformação das estruturas.

A Igreja, como voz do povo que vive sob a opressão do poder o qual retira dos mais pobres o direito de viverem dignamente, numa sociedade capaz de reconhecer no pequeno a imagem do sagrado, deve apontar caminhos de libertação, onde cada ser humano reconheça o valor do outro dentro e fora dos muros da Igreja de pedra. Trata-se de uma Igreja inquieta ante as injustiças sociais, portadora do sagrado na vida cotidiana e de luz e sal na massa.

A Igreja: carisma. O Concílio Vaticano II acentuou a ação do Espírito Santo. Assim a Igreja é, acima de tudo, obra do Espírito Santo; é a energia divina que a energiza por dentro e o Espírito Santo a renova incessantemente. Isso porque renova sempre de novo a face da terra, e o espírito da verdade que, no decurso dos tempos, guia à Igreja a verdade total (Jó 16,13). Por isso a grande importância dada no referido concílio aos carismas do povo de Deus, ao *sensus fidei* (sentido da fé do povo de Deus). Dessa forma, a Igreja nasce como resposta do povo de Deus, mas por ação do Espírito Santo.

A Igreja: opção pelos pobres. A *Lumen Gentium* recebeu atualização na América Latina, em Medellín e Puebla, no documento 14, sobre a pobreza da Igreja e sua opção pelos pobres. Quais as características desse anúncio profético? O CELAM¹⁰ denuncia a carência injusta de bens deste mundo e o pecado que a engendra; prega e vive a pobreza espiritual, cristã, evangélica como atitude de infância espiritual e abertura para o Senhor; compromete-se ele mesmo, voluntariamente e por amor, com a dedicação aos necessitados, para testemunhar o mal que representa a carência injusta dos bens deste mundo e a liberdade espiritual em relação aos mesmos bens.

¹⁰ Conferência Episcopal Latina Americana. Tem como missão refletir corretamente sobre a realidade da Igreja Latino-Americana e Caribenha.

Como portadora do sagrado, ela assume a responsabilidade de reaproximar o homem do mistério sagrado, criando uma atmosfera mística e oportunidades de encontro dentro da realidade histórica, despertando o reencontro dos indivíduos com o sagrado na condição de seres em processo de crescimento. Assim, ela assume a condição de Igreja libertadora, missionária, humanizada e dialógica com as diversas realidades humanas e de ser sal e luz no mundo, provocando nos cristãos o crescimento humano, de modo a refazer a sua caminhada na sociedade, dando sentido à sua existência e à busca pelo sagrado.

Ela não só atua como portadora do sagrado, mas também constitui uma comunidade de encontro e promoção dele mesmo. Tal experiência passa pelo caminho do encontro pessoal, íntimo e coletivo, com a participação de outros no processo de amadurecimento da vivência mística. Vejamos a opinião de Miranda a respeito da Igreja como comunidade humana e lugar de encontro com o sagrado

Embora constitua uma comunidade religiosa, uma comunidade de fé, a Igreja não deixa de ser uma comunidade humana. O que de fato constitui uma Comunidade humana? Segundo alguns autores, é uma comunidade que chega à sua realização pela conjunção de quatro componentes estreitamente relacionados entre si. Esses elementos constitutivos devem ser comuns a todos os seus membros. Principalmente uma experiência partilhada por todos, o que implica situações existenciais com seus desafios atingindo a todos, plasmando assim uma história comum. Em seguida, seus membros devem dispor de compreensões e avaliações da realidade também comuns. Inclusive das experiências acima mencionadas. E, finalmente, se requer compromissos e decisões comuns em vista de valores comuns para que essa comunidade se torne efetiva (2006, p.130).

1.8 A experiência humana com o sagrado antes e depois do Concílio Vaticano II

A experiência – que é própria do ser humano – implica constante reconstrução nas relações interpessoais, amorosas, religiosas. Destacamos aqui a busca contínua de vivenciar o sagrado, possibilitando um caminho que leve o indivíduo à transcendência, além dos limites da mente humana. Encontrar o sagrado nas coisas e nos outros, fazer do tempo da existência eterna busca de ligação com o mistério, revelável em tudo e em todos, não limitando a experiência a algo particular dessa ou daquela religião, são características da transcendência. Sobre isso, Meslin expressa:

Mas se a relação criada pelo sagrado se estabelece com o divino, esta experiência é sempre mediatizada. Se o homem pode ao mesmo tempo levar o impuro para dentro do santuário, violando as proibições que protegem a entrada deste último, e também introduzir, e reintroduzir, por ritos apropriados, o sagrado no campo das coisas comuns, no profano, se em

outros termos, o homem é o agente de deslocamento do sagrado, ele não pode ser só seu agente. As coisas sagradas não são entregues à sua livre disposição desde o instante em que ele crê que estas são religadas ao divino. Se as coisas são sagradas porque o homem as pensa religadas ao mundo dos deuses, de uma maneira ou de outra, não é possível considerar o sagrado como uma energia autônoma, uma corrente, que os tabus isolariam como se isola uma corrente elétrica (a comparação é de Fazer!), evitando que esta energia sagrada se disperse na ordem natural e profana (1992, p. 61).

No século XVII é que o termo “experiência”, tão usado nos dias de hoje, começou a ser usado na sociedade ocidental. Vejamos o que o dicionário de espiritualidade diz sobre o referido termo:

Experiência, conceito “enigmático” – “A experiência é um dos conceitos mais enigmáticos da filosofia.” Esta impressão generalizada impõe um tom de humanidade à reflexão sobre a experiência. Esta humanidade, que não nega a aproximação científica, pode ser assim formulada: embora não sejamos capazes de precisar o que é a experiência, podemos intuir sua consistência. Também a intuição tem suas possibilidades (1993, p. 389).

Todo ser humano já fez algum tipo de experiência em sua vida, por exemplo, nascer é uma significativa experiência tanto para quem nasce como para quem promove o nascimento. Isso não quer dizer que seja positivo ou negativo na vida da pessoa, pois tudo vai ser de acordo com o momento e a situação em que se encontram ambas as partes. Fazer uma experiência não indica necessariamente um caminho para libertação ou conhecimento de si ou de algo, porém possibilita novo momento na vida de quem procura viver grandes momentos sua vida cotidiana com o sagrado. Observemos opinião de Meslin:

O sagrado e o profano é sempre móvel e depende do desejo do homem e da escolha das sociedades nas quais ele vive, o sagrado se impõe sempre de alguma forma ao homem religioso porque ele é o lugar onde o divino é percebido (1992, p. 83).

No ser humano é que ocorrem as mais diversas experiências, seja relacionadas à afetividade, seja à família, à política, à religiosidade, não importa. Só nele reside a capacidade de reaproximar-se das grandes experiências provocadas pelas próprias necessidades de busca e de encontro com algo que o preencha de verdade, interna ou externamente. “Realmente, a volta à experiência é um dos traços característicos dos discursos atuais que falam do religioso, talvez em conseqüência de toda uma insistência no compromisso pessoal”. (MESLIN, 1992, p. 87). Qual a importância de compreender o papel do objeto com o sujeito que está no processo da experiência? Qual o valor real dessa ligação? Que elementos comprovam se

existiu a ligação do objeto com o sujeito, despertando-o para a experiência concreta no seu cotidiano? Quanto à experiência, afirma Meslin:

Todo o problema, com efeito, é saber se pode existir uma outra experiência diferente daquela que supõe a dualidade de um sujeito e de um objeto. É, pois necessário enquanto é sujeito do conhecimento, e o sujeito que relata sua experiência, a fim de compreender até que ponto é variável, em nossa experiência vivida, a percepção dessa dualidade sujeito\objeto. Numa tal perspectiva existencial, podemos pensar que um homem religioso, que afirma sua relação com um ser maior, a paz, a felicidade, indica um fato evidente para ele e que assim a realidade do objeto da experiência religiosa que ele vive lhe é dada nesta experiência mesma (1992, p. 89).

A experiência humana com o sagrado não ocorre fora do contexto natural dos seres humanos, porque só se realiza no cotidiano. Não se pode separar o homem do sagrado nem de seu convívio natural para proporcionar-lhe a experiência perfeita, sem seqüelas psicológicas e religiosas. Também não se compara tal experiência como uma experiência química de laboratório, onde se separam as bactérias com substâncias manipuladas para gerar os resultados desejados pela pesquisa científica. E ainda: impossível enquadrar a experiência humana em algo manipulável e uniforme para todos os humanos. Meslin afirma sobre isso:

Eles atestam que esse sagrado jamais pode ser captado em estado puro, que ele não é uma parte de uma experiência feita pelo homem e que poderia ser isolado, como se faz com o corpo químico durante um experimento. O sagrado só pode ser conhecido, captado, experienciado no nível da existência do homem: essa experiência é (no alemão) *Erlebnis*, na medida em que o sagrado se apresenta sempre a nós como o sagrado-divino, inserido numa existência individual, interiorizado e apreendido pela consciência individual (1992, p. 90).

A experiência humana com o sagrado, antes do Concílio Vaticano II, era privilégio de determinados grupos escolhidos segundo o nível intelectual, econômico, político e eclesial, muitas vezes bem distantes do contexto natural – uma experiência a sete chaves, dentro dos muros das Igrejas. Esse sagrado, quase intocável, provocava experiência negativa, porque, envolvida por sentimentos de medo e angústia, em muitos casos, afastava os fiéis da prática religiosa. Não se permitia, assim, o encontro do homem comum com o sagrado. E Castro afirma taxativamente:

Muitos cristãos viveram e continuam a viver no ambiente da pastoral do medo. Deus ainda está ligado a uma figura autoritária, que vive distante dos problemas humanos. É o Pai severo que, de seu trono, governa os acontecimentos, aplicando a justiça num tribunal onde não pode haver

defendido; um juiz que não perdoa culpabilizador e fonte de angústia (1998, p. 31).

Nesse sentido, a experiência humana passou por significativa transformação depois do Concílio Vaticano II: aconteceu a revalorização da pessoa humana e do sagrado; abriram-se as portas das igrejas para os fiéis realizarem suas experiências com o sagrado; aproximou-se o sagrado do mundo real.

Para esse encontro acontecer, é importante estabelecer uma relação contínua do homem com o mundo, já que o mesmo não mantém relações estabelecidas, prontas e estagnadas e que constantemente essas relações estão sendo quebradas e refeitas ao mesmo tempo. (BERGER 2003, p.18).

Todavia, convém esclarecer que, para ocorrer tal experiência, o sujeito da ação deve ter a clareza da importância de reconstruir o seu mundo particular, sua história com a vida, pois o sagrado não está fora do nosso cotidiano, e sim no mundo real, onde se permite experimentar por quem desejar. Embora o sagrado faça parte da vida humana, isso não significa que todos os humanos em ação desejam encontrar-se com o sagrado na sua vida cotidiana. A teóloga Bingemer declara:

Esse Deus preocupado e solícito com as realidades terrenas revelar-se-á, no pensamento do Concílio, um Deus cuja vontade e desejo consistem em que as realidades terrenas tenham sua autonomia respeitada, em que a ciência possa fazer seu caminho e em que a história seja considerada como lugar onde a criação e as criaturas irão encontrando seus estilos de viver e de existir, de conviver e mesmo aceder à comunhão com seu Criador. Pois esse Deus se deixa encontrar por aqueles que, em meio às tramas da história e ao desafio de pensar a realidade, aquiescem em ser conduzidos por sua mão e aí recebem sua revelação. (2004, p.192).

É na história humana que o homem encontra o sagrado (não o objeto apenas venerado por todos) real da vida cotidiana inacabada. Aí a experiência com o sagrado vai concretizar-se. “É em meio à própria história, provisória, contingente e conflitiva, que o ser humano vai ser solicitado a fazer a experiência de seu Senhor. ” (BINGEMER, 2004, p.193). Constatamos, no Concílio Vaticano II, elementos fortes que apontam novos caminhos para o encontro dos seres humanos com o sagrado e redescobrem neles elementos que proporcionam a experiência com o sagrado. Então, faz-se necessário compreender e valorizar a realidade de cada indivíduo que está no processo de perda ou de busca do sagrado, proporcionando-lhe um encontro com base no diálogo e no respeito a cada momento de sua vida.

Se o Concílio Vaticano II não tomasse outro rumo dentro e fora da Igreja, o sagrado continuaria monopolizado, afastado da realidade humana e seria privilégio de um grupo exclusivo.

A experiência continuaria sendo privilégio daqueles e daquelas que, vocacionalmente ou em atitude de busca, se retiram a um convento ou sobem para o alto de um monte, porque se sentem enojados diante de uma civilização que se nos escapa, deslizando entre as mãos. E isto não pode ser cristão. Defendemos e apoiamos a experiência autenticamente cristã desses fiéis que se encontram em contato diário com as realidades mais materiais, mais simples e mais trágicas ao mesmo tempo (GUERRA, 1993, p. 393).

Antes de tudo, é necessário fazer uma vivência pessoal, que gerará profundas e maduras experiências individuais e comunitárias. Que não tenha dia e hora para finalizar, mas uma experiência que dê sentido de pertença e de existência humana. Que proporcione transformação na sua vida espiritual e existência no mundo, resgatando o sentido da pertença numa comunidade de fé. Tal experiência deverá estar encarnada na vida e no corpo humano. De acordo com Castro (1998), o ser humano é corpo (*carne-sarx*), o ser humano é alma (*nefesh*), o ser humano é espírito (*ruah*).

1.9. O Concílio Vaticano II e o sagrado juvenil

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja se abriu a um novo tempo, permitindo-se reestruturação que proporcionasse aos fiéis uma comunidade de convivência humana e espiritual e abrisse espaço, em especial, aos adolescentes e jovens. Antes, porém, de falarmos sobre as relações destes com o sagrado, faz-se necessário compreender o que é ser adolescente, ser jovem, quais as características próprias de cada uma dessas etapas do desenvolvimento humano em constante evolução. Isso exige ter dados que contribuam para a leitura daqueles comportamentos que determinam o afastamento do sagrado institucional e o que os faz não desejar estar perto do sagrado enquanto Igreja, regras, proibições, ao mesmo tempo em que se percebe inconsciente desejo juvenil de realizar uma experiência libertadora do sagrado no conflituoso universo juvenil.

De acordo com Libório (2006), na pré-adolescência e idade juvenil, surgem as grandes transformações no comportamento psicorreligioso, a passagem da heteronomia religiosa para autonomia: antes, na infância, os pais os obrigavam, orientavam na escolha religiosa; agora, na adolescência, eles próprios escolhem ter ou não ligação com uma Igreja, o

que gera momentos de grandes crises existenciais. Assim caracteriza Libório o período da adolescência:

Há uma ambigüidade, no momento de passagem da infância para Adolescência, já que o pré-adolescente se sente fascinado pelo “novo”, embora não esteja com coragem para enfrentar esse “novo” sozinho. [...] As pesquisas sobre o adolescente religioso vêm mais como os jovens “personificam” o seu credo religioso e o “significado para ele” de sua experiência religiosa, nessa idade de transformações físicas, psíquicas e motivacionais. (2006, p.12).

Com efeito, em tal processo de transição, cada estágio vivenciado pelos adolescentes e jovens tem suas particularidades. A passagem de uma fase para outra requer ajuda da Psicologia para a compreensão desse fenômeno, que envolve não só o aspecto biopsicológico mas também o social, o familiar e o religioso. Requer, ainda, considerar as transformações geradoras de crise de identidade, as quais afetam, inclusive, os que estão em volta deles. Como essa experiência de transformação atinge o comportamento dos adolescentes e jovens com relação à Igreja institucional e como a experiência deles se dá com o sagrado? Sobre isso, Libório (2006, p. 104) afirma:

O adolescente ainda crê em Deus. A adolescência é um período privilegiado de “discernimento da religião”, em vista de uma “escolha mais convicta e madura”. É um período em que aparece, com mais clareza. “a religião do grupo”, graças à mediação significativa dos amigos e ao desaparecimento lento das velhas formas de religiosidade institucional. Na adolescência, aparece de modo muito evidente a diferenciação a respeito da “percepção” da vivência afetiva da própria fé.

Com relação à juventude, adiante, procederemos à análise de como se processa a busca do sagrado. A adolescência e juventude são períodos eivados de emoção, afetividade, agressividade, egoísmo, solidão, sentimentos que provocam, também, momentos de grandes rupturas. O jovem, portanto, ao viver a própria fé, procura revalorizar o seu aspecto “funcional” em função da própria experiência. Daí se pode entender por que, em alguns momentos, cada vez mais, jovens e adolescentes se afastam – não totalmente – do sagrado institucional.

No Concílio Vaticano II, tempo do diálogo, da abertura aos novos tempos da humanidade, renasceu a esperança de se constituir uma Igreja que deixa de ser a onipotência, o centro das atenções e passa a ser serva da humanidade, com objetivo de tornar o sagrado tocável, experienciado, vivenciado por todos, em especial, pela juventude, cheia de conflitos

e grandes questionamentos próprios da idade em movimento. Vejamos o que está escrito no documento de MEDELLÍN:

A juventude, tema “digno do máximo interesse e de grandíssima atualidade”, constitui hoje não só o grupo mais numeroso da sociedade latino-americana, como também uma grande força nova de pressão. Ela se apresenta, em grande parte do continente, como um novo corpo social (com perigo de detrimento na relação com os outros corpos sociais), portador de idéias próprias e valores inerentes ao seu próprio dinamismo interno. Procura participar ativamente, assumindo novas responsabilidades e funções, dentro da comunidade latino-americana. Frequentemente, sua impossibilidade de participação na vida da sociedade, provoca na juventude certa marginalidade forçada (1968, p. 98).

A Igreja percebe na juventude novo tempo que se refaz em atmosfera de profundas transformações na sociedade, nos valores humanos, resultantes, sobretudo, da globalização, da desvalorização humana, nas quais mais vale o ter. Nesse tempo é que a Igreja abre as portas para entrada da juventude com seu protagonismo, criando espaço onde se processe a experiência do encontro juvenil com o sagrado humanizado bem próximo da realidade dos adolescentes e dos jovens, um sagrado que desperte afeto, respeito. A Conferência de Medellín assim se pronuncia:

A Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade. A juventude é o símbolo da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma. Por isso ela quer desenvolver, dentro da pastoral de conjunto, uma autêntica pastoral de juventude, educando os jovens a partir de sua vida, permitindo-lhes plena participação na comunidade eclesial (1968, p. 270).

A juventude, então, passou a ser vista como a força inovadora do novo tempo. Após Concílio Vaticano II, a Igreja depositou suas esperanças nesse grupo, resgatando, assim, a força, a coragem de ser Igreja em tempos de modernidade, em momentos de novos rumos nos quais o mundo seduz a juventude com novos valores e modismos perigosos: sexo pelo sexo, vício em drogas etc.

Como assumir uma postura coerente nesse tempo normal do período juvenil? Grandes inquietações envolvem os jovens, e a Igreja, como instituição, tenta santificá-los a qualquer preço, sem, muitas vezes, respeitar a subjetividade, passando por cima do fenômeno psicorreligioso diferente, que é próprio da transição adolescência-juventude. Logo, convém avaliar a realidade deles e levar em conta sua passagem pela existência humana. Como a Igreja do Concílio Vaticano II se propôs a dialogar e respeitar as diferenças religiosas, faz-se necessário entender o afastamento juvenil do sagrado institucional, para ajuda-los a ter sua

experiência humana com o sagrado mais próximo das próprias necessidades psicossociais e religiosas.

Fazer uma leitura humanística do universo juvenil ajuda a não afastar os adolescentes e jovens do convívio com o sagrado institucional e proporciona encontro de afeto e diálogo entre os dois mundos que, em muitos momentos, não são compreendidos.

Responder às necessidades de maturidade e à necessidade de acompanhamento é algo urgente. Dinamizar uma espiritualidade do seguimento de Jesus, proporcionando o encontro de fé e vida, a promoção da justiça e a geração de uma nova cultura da vida são necessárias. (SANTO DOMINGO, 1992, p. 279).

Refazer as relações afetivas da Igreja e da juventude com o sagrado passa pela prática do diálogo e da escuta e pela valorização da importância do protagonismo juvenil. Isso implica participar da reconstrução do caminho juvenil ao sagrado, envolvendo o seu cotidiano, a sua realidade. Tal relação cria um espaço de entrada e saída, gerando ação maior com a vida – o encontro da realidade, a experiência juvenil com o sagrado real. Segundo Croatto, a experiência humana como tal é uma vivência relacional:

a) com o mundo (a natureza, a vida e o que a realidade oferece); b) com o outro indivíduo; c) com o grupo humano (todo ser humano está socializado, de uma forma ou de outra, em diferentes níveis: família, clã, etnia, bairro, município, estado, nação, clube, associação, fraternidade, Igreja, partido político etc.). (O trabalho (uma realidade que ocupa um terço do dia de cada pessoa), o transporte, a alimentação, os encontros e reuniões, as festas, os meios de comunicação, tudo reúne) e socializa, ou seja, o indivíduo está sempre em sociedade. Essa característica da vida humana tem, como veremos, uma grande influência na “socialização” da experiência religiosa (2004, p. 41-42).

Para Croatto (2004, p. 43) o indivíduo humano é um ser relacional em constante mudança. Ele busca formas para estar no mundo com outras pessoas e, ao mesmo tempo, descobrir que é da natureza humana evoluir social, política, religiosa, psicológica e educacionalmente e que seu crescimento faz parte do processo da vida. Enfim, ele tende à totalidade. Por isso, ao “sentir”, com tanta intensidade, suas necessidades e limitações, busca superá-las.

A Igreja também tem que assumir a responsabilidade de contribuir para com a formação integral da juventude e dos adolescentes, de modo que atenda às necessidades específicas das fases pelas quais esse grupo de indivíduos passa. Cabe à Igreja buscar metodologia capaz de envolvê-los no caminho que os ajude a compreender o mistério da vida humana e a atender às necessidades próprias da fase de cada um, às mudanças culturais e

religiosas de cada parte envolvida no processo de formação. O documento da CNBB 85¹¹ destaca a importância de a Igreja ter metodologia que envolva a juventude e sua vida cotidiana.

A tendência de acentuar os sentimentos, no mundo contemporâneo, tem forte penetração no meio dos jovens e levanta questões importantes referentes à metodologia de trabalho pastoral. Por outro lado, à medida que aumenta o nível de escolaridade dos jovens, aumenta, também, a necessidade de uma base intelectual da fé; caso contrário, muitos acabam abandonando sua fé. (2007, p. 22).

Então, é necessário encontrar caminho único que una a razão e a emoção, sem perder de vista a formação humana cristã dos adolescentes e jovens. Tal metodologia deve priorizar o diálogo e a escuta, criando espaço de confiança e pertença, a fim de contribuir para permanência dos jovens e adolescentes na comunidade de sua escolha.

Nas atividades pastorais com a juventude, faz-se necessário oferecer canais de participação e envolvimento nas decisões, que possibilitem uma experiência autêntica de co-responsabilidade, de diálogo, de escuta e o envolvimento no processo de renovação contínua da Igreja. Trata-se de valorizar a participação dos jovens nos conselhos, reuniões de grupo, assembléias, equipes, processo de avaliação e planejamento (2007, p. 53).¹²

Está bastante clara a importância de se criar espaço de formação dentro da Igreja para a juventude, porém é necessário que isso saia do papel para a práxis, ou seja, para uma formação não-fragmentada. Naturalmente, há que se considerar a realidade de cada lugar, daí a necessidade de metodologia flexível que valorize a vida dos jovens e adolescentes, mas, sobretudo, favoreça a integração Igreja-sociedade. O caminho a ser percorrido é árduo, cheio de lacunas, de mistérios e desafios, entretanto, nada intransponível, sobretudo quando se conta com a pedagogia do amor e da partilha, conforme afirma Paulo Freire (2000, p. 90): “Os corações amorosos se irmanam e fazem um mundo melhor”. Enfim, a tomada de consciência se dá na vida, reconhecendo-se a importância de cada indivíduo humano para a Igreja e sociedade. Fundamentalmente, a coragem de ousar, de olhar para a frente, acreditando no caminho a ser construído passo a passo, respeitando o tempo de cada um, está no processo de formação. A atitude positiva diante da vida desperta e resgata a auto-estima dos jovens e dos

¹¹ Cf. a nota de rodapé 5.

¹² Cf. as notas de rodapé 5 e 11.

adolescentes, sobretudo quando os colocamos como protagonistas da vida, proporcionando-lhes experiência, verdadeira transcendência.

À medida que o homem se caracteriza por essa transcendência, confronta-se consigo mesmo, é responsável por si, e assim é pessoa e sujeito. Pois unicamente no face-a-face com a infinitude do ser, que se desvela e se esquia, é que um ente se situa em uma posição e sobre um ponto de apoio desde onde pode assumir-se e responsabilizar-se por si (RAHNER, 1989, p. 49).

À medida que a Igreja assume tal formação, os adolescentes e os jovens caminham para o reencantamento do sagrado, mas, sobretudo, do novo tempo que se inicia pela experiência espiritual e transcendental.

Quando refletimos sobre as declarações dos jovens, sentimos que eles anseiam por algo que lhes seja sagrado. Para eles, sagrado sempre é também aquilo que para eles é importante. E o Sagrado expressa algo pelo qual vale a pena viver. O sagrado é maior do que eles. Do Sagrado eles esperam segurança, proteção, clareza e respeito de sua própria vida. E para a maioria dos jovens não deixam de ser sagrados os valores tradicionais, como confiança, amor, liberdade, confiabilidade, honradez. Estes são valores em que eles não querem tocar. Pois sentem que sem honradez, confiança e amor não existe amizade. Sem estes valores não é possível viver em família, não se consegue nem sequer existir. (GRÜN, 2003, pp. 85-86)

Esses valores fortalecem as relações afetivas entre os jovens e o universo do sagrado, vivenciando no cotidiano. Isso contribui para que, cada vez mais, eles possam pertencer à Igreja por consciência própria.

2 A PERTENÇA DO JOVEM À IGREJA DO CONCÍLIO VATICANO II

É imprescindível saber o significado para a juventude de pertencer ou não a uma Igreja institucional e de assumir, para sua vida existencial, uma identidade religiosa em tempos de grandes mudanças humanas, sociais, religiosas e éticas.

2.1 Pertencer ou não pertencer a uma igreja

O ser humano sempre está buscando formas de pertencer a alguma coisa que dê sentido à sua existência, por exemplo, pertencer a grupos com o mesmo jeito de ser no mundo, desde o pensar, falar até vestir e ver a vida com os mesmos olhos e fazer vive-la intensamente. Não basta pertencer a um grupo; tem que valer a pena a escolha na comunidade. Dessa forma, tudo em volta faz sentido para a permanência dos seres humanos. Vejamos o que Frankl escreve a respeito dos sentidos da vida humana.

O sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro, de uma hora pra outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento. Formular esta questão em termos gerais seria comparável a perguntar a um campeão de xadrez: “Diga-me, mestre, qual o melhor lance do mundo?” Simplesmente não existe algo como o melhor lance ou um bom lance à parte de uma situação específica num jogo e da personalidade peculiar do adversário. O mesmo é válido para a existência humana. Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo (2006, p.98).

Pertencer a algum grupo – social, religioso, familiar, político, entre outros – passa pelo processo da escolha, nesse caso quais são os critérios levados em conta pelos jovens na hora de escolher e pertencer a uma Igreja e esta fazer parte da sua vida. Para isso, faz-se necessário ter claro o sentido de pertença e sua influência na formação mística da juventude dentro e fora da Igreja como organização. Pertencer significa integrar alguma coisa que cria sentimentos de pertença nos seres humanos.

Por sua vez, escolher nem sempre é tarefa fácil na vida das pessoas, principalmente, na fase da adolescência e da juventude, quando, então, passam por momentos de amadurecimento e crescimento. Nesse período de busca de dar sentido à própria

existência, fica delicada uma definição exata da sua escolha religiosa, levando em conta a sua crise existencial de pertença no mundo.

O ser humano sempre buscou dar sentido à sua existência, mas, quando esse sentido ainda não foi definido, interfere diretamente na crise de pertença. A importância dos adolescentes e jovens dá sentido à própria existência no mundo, onde eles tenham liberdade para realizar suas escolhas, seja ligadas à identidade, à escolha profissional, seja a suas amizades e à sua experiência religiosa. A propósito FRANKL afirma: “A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma ‘racionalização secundária’ de impulsos instintivos” (2006, p. 92).

2.2 A Igreja do Concílio vaticano II e as relações com a juventude

Uma das grandes propostas da Igreja do Concílio Vaticano II foi abrir-se ao diálogo com o mundo em constante mudança. E daí, ela voltou seu olhar todo especial para juventude, conferindo-lhe grande destaque na participação dos trabalhos dentro e fora dos muros institucionais. Compreender e se relacionar com a juventude no seu desenvolvimento psicorreligioso em tempos de pós-modernidade continua como uma das propostas da Igreja Católica.

A pós-modernidade não substitui a modernidade. As duas culturas vivem juntas. Os valores da modernidade continuam sendo importantes para os jovens: a democracia, o diálogo, a busca de felicidade humana, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade e a igualdade. Uma Igreja que não acolhe esses valores encontra grandes dificuldades para evangelizar os jovens (CNBB, 2007, p.7).

Segundo afirma Fritzen (2001, p. 11), em todo grupo humano constituído, existe a necessidade de conviver e, melhor ainda, aprender a conviver. Não seria diferente com a Igreja e os jovens, já que a Igreja é formada por vários grupos de pessoas em busca de se incluírem e serem aceitos e de se relacionarem com pessoas diferentes. Conviver e viver implica aceitar as diferenças e buscar no diálogo a base para o fortalecimento das relações interpessoais. Além disso, as convivências são formativas: ajudam na reflexão e na interiorização pessoal e representam rejeição viva à sociedade egoísta.

Enquanto a pertença da juventude passa pelo processo de aceitação e resgate da identidade religiosa, a Igreja ver nessa mesma juventude o fortalecimento das estruturas internas e externas, razão por que a instituição tenta atingi-la diretamente, em muitos casos,

influenciando seu comportamento ante o sagrado institucional. Observe-se o posicionamento do magistério da Igreja sobre a juventude:

O magistério da Igreja se ocupou muitas vezes da Evangelização da Juventude. Apresentamos alguns ensinamentos da Igreja que podem balizar as atividades que posteriormente queremos propor, em vista de um novo impulso em tão importante tarefa pastoral. É saudável e inspirador alimentar-nos do Magistério da Igreja com relação à evangelização da juventude. João Paulo II, na *Christifideles Laici*, retomou a riqueza do que o Concílio Vaticano II falou sobre a juventude, afirmando que a Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja. Este diálogo recíproco, que deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e da juventude para Igreja e para a sociedade civil. Na sua mensagem aos jovens o Concílio diz: “A Igreja olha vós com confiança e amor... Ela é a verdadeira juventude do mundo... Olhai para ela e nela encontrareis o rosto do Cristo.” (CNBB, 2007, p.13).

Os tempos passam e se faz necessário uma releitura das relações entre a juventude e a Igreja, valorizando-se, assim, os laços dialogais e afetivos, que contribuem para a permanência madura e conscientizadora do público juvenil. Para isso, convém resgatar tal experiência da Igreja Católica: trabalhar com a juventude em épocas distintas. A propósito, a palavra religião provém do latim *re-ligare*, que quer dizer “unir”, “juntar”, “aproximar”, “chegar próximo”, assim deveria ser o significado das relações entre a Igreja e a juventude – reaproximação de mundos diferentes, mais próximo do universo tão conflituoso quanto o mundo juvenil. Embora seja tempo de grandes interrogações, conflitos pessoais, sociais e religiosos, tempo das mudanças, tempo de se lançarem os grandes desafios, o desejo de pertencer e reaproximar-se do sagrado está presente na juventude.

O homem é o responsável por grandes invenções, realizações; seu potencial de criar e recriar não tem limite, dessa forma tem poder de criar e recriar novas formas de vida e, assim, de dar recontinuidade a sua existência no mundo. Vejamos a opinião de Berger:

A existência humana é um contínuo “pôr-se em equilíbrio” do homem com seu corpo, do homem com o seu mundo. Outro modo de exprimir isto é dizer que o homem está constantemente no processo de “pôr-se em dia consigo mesmo”. É nesse processo que o homem produz um mundo. Só no mundo assim, que ele mesmo produziu, pode o homem estabelecer-se e realizar a sua vida. Todavia, o mesmo processo que constrói o seu mundo também dá o “remate” ao seu próprio ser. Em outras palavras, o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Mais precisamente – ele produz a si mesmo num mundo (2003, p. 8-19).

2.3 A importância do diálogo da igreja com a juventude

Quando estamos dialogando, aprendemos com o outro que a capacidade de dialogar é humana (FREIRE, 2001). Assim, quando a Igreja dialoga¹³ com a juventude, passa pelo processo de libertação e, ao mesmo tempo, revela a sua importância no processo de formação e permanência da juventude na Igreja. O diálogo – encontro dos homens, mediatizado pelo mundo, para pronunciá-lo – não se esgota, na relação eu-tu.

Quando a Igreja e a juventude dialogam entre si, estão possibilitando momento de descoberta, gerando sentimentos de afeição, encorajamento, compromissos, cuidado e abertura para os relacionamentos baseados na integração de todos. Em tal processo, portanto, não pode haver auto-suficiência. Assim, o diálogo só terá sentido se for verdadeiro por ambas as partes. Como ele retira o ser humano do processo de silêncio e o apresenta à realidade, apontando caminhos, deve gerar, nos jovens e adolescentes, sentimentos de libertação e compromisso de transformação. A Igreja do Concílio Vaticano II¹⁴ se comprometeu com a missão de trabalhar com a juventude na dimensão do diálogo e da escuta e, na verdade, vem tentando sintonizar-se com ela, de maneira que se estabeleça confiança em tão relação. Freire (2002, p. 81) chamar esse processo de “Fé nos Homens”, no qual um desperta no outro a confiança, que – no contexto aqui situado – gera o compromisso de pertença verdadeiro e libertador à Igreja.

Esse momento é de extrema importância para o fortalecimento das relações entre a Igreja e a juventude dentro e fora dos muros institucionais. Quando se fala “Fé nos Homens”, significa esperança neles, o que é pouco comum na sociedade atual. Isso porque, como o mundo está vivendo a era da “robótica”, onde as relações humanas ocorrem por telas e fios conectados, cada vez mais as pessoas se afastam umas das outras. Falta, então, despertar nos indivíduos a capacidade do diálogo, que gera contato, reaproximação e afeto. Só assim será possível criar redes de relações interpessoais, no sentido do bem-estar das pessoas. Se a Igreja redescobrir a força do diálogo, a relação com a juventude será outra, pois o diálogo é expressão de amor ao outro.

¹³ Pastoral é diálogo com o mundo moderno e com os não-crentes, com os humanismos seculares. (LIBANIO, 2005, p. 71)

¹⁴ Ser Igreja a partir do Concílio Vaticano II: A Igreja- comunhão de toda a humanidade em Cristo se realiza no povo de Deus da Nova Aliança, (e não só o clero) cuja cabeça é Cristo conforme o plano universal salvífico do Pai. (LIBANIO, 2005, p.110). Dentro dessa comunidade de unidade e partilha, encontra-se a juventude, parte integrante desse corpo que contribui para o sentido de Igreja que agrega, celebra e que anuncia a boa-nova a todos os seres humanos que estão em desenvolvimento constante.

Isso, entretanto, exige prática verdadeira. Uma das dificuldades das pessoas é depararem-se com a verdade e reconhecerem os seus limites. No contexto bíblico, encontramos a dimensão da verdade ligada à libertação: “A verdade vos libertará” (Jo 8, 32). Daí, a importância de as relações serem baseadas na verdade – reconhecer no outro a verdade –, despertando a confiança. Dessa forma, o processo será realizado passo a passo. E, como o ato de dialogar gera nas pessoas a libertação pela via da consciência crítica, contribui para o fortalecimento das relações humanas.

A humanização, por sua vez, perpassa pela essência do saber dialogar com outros seres existentes no universo. Humanizar-se constitui um direito e dever de todos os seres humanos. Ao se humanizarem, o homem e a mulher tomam para si a consciência do compromisso com a vida e dão sentido a sua existência no mundo. Nascer, crescer e morrer são etapas próprias de todos os seres vivos, mas, em especial, do ser humano, porque é diferente dos animais irracionais em razão de suas capacidades racionais. Vejamos a opinião de Angerami:

O sentido da vida é algo buscado pelo homem desde os princípios da humanidade. No entanto, os progressos obtidos nesse aspecto são praticamente nulos. Ao mesmo tempo em que o homem evolui nos avanços tecnológicos, chegando mesmo ao ápice do desenvolvimento e conhecimento técnicos, a busca do sentido da vida continua sendo tartamudeada da mesma forma há milênios. [...] A existência humana passou a ser explicada por conceitos cósmicos, energéticos e outros emprestados da física, hidráulica e até mesmo de realizações pertinentes às suas complexidades, pela sua falta de lógica. A vida é tida como sendo um mistério profundo, cujo conhecimento real parece cada vez mais distante do homem, e o sentido continua a ser um dos grandes celeumas contemporâneos. O próprio sentido da vida, muitas vezes, é determinado pelas crenças que norteiam a existência (1998, p. 24-25).

Quem não dialoga não se permite conhecer o outro e perde a oportunidade de viver experiência cheia de mistério. Percebe-se que a juventude busca manter um diálogo verdadeiro com a Igreja e, assim, romper as barreiras do silêncio e dos conflitos. Então, cabe à Igreja a responsabilidade de contribuir com espaços de formação juvenil que tenham como base a prática do diálogo e da escuta, para que se tenha uma juventude livre e consciente da sua importância para o crescimento da Igreja e da sociedade na dimensão humana.

O ser humano é essencialmente histórico e o mundo participa de sua historicidade. É o teatro da vida das pessoas que são atores de tudo o que aí acontece. Não é mero cenário, mas está marcado pelo esforço do homem em seus triunfos e fracassos. Como sujeito da história, o ser humano inter-relaciona-se dialeticamente com o mundo, construindo-o e sendo construído

por essa mesma relação de agente. O homem transforma e humaniza o mundo. (LIBANIO, 2005, p. 132)

Reconhece-se, pois, no cotidiano a importância das relações humanas, para que as mudanças aconteçam. Que a prática do diálogo gere nos jovens a capacidade de se humanizarem e, assim, se comprometerem com a vida no mundo. Paulo Freire afirma:

O conceito de relações da esfera puramente humana guarda em si, como veremos, conotações de pluralidade, de transcendência, de criatividade, de consequência e de temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é (2002, p. 47).

Nesse processo, percebe-se na formação dos jovens a importância do papel da Igreja como depositária de conhecimentos doutrinários que, em muitos casos, são vazios, não provocam mudança nenhuma na vida deles, mas crise de pertença. Assim, espera-se que a Igreja busque no diálogo a base para o fortalecimento das relações interpessoais com a juventude e, por conseguinte, o crescimento humano seja a prioridade de ambas as partes; que ela olhe sua juventude com prioridade, considere-os como pilares importantes do Concílio Vaticano II no diálogo e nas relações ecumênicas. Vejamos a opinião de Freire:

O homem – um ser de relações. O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo. Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo (nisto se apoiaria o problema da religião). (2002, p. 30).

2.4 A igreja do Concílio Vaticano II e sua opção pelos jovens

A Igreja que fez opção pelos pobres marginalizados, esquecidos, fez também pela juventude marginalizada na sociedade. O jovem está à espera de caminhos que o arranquem desse vazio interior e o tragam para o concreto da existência. Optar significa escolher alguma coisa, que implica dedicação, compreensão, afeto, diálogo e, acima de tudo, respeito ao que se torna objeto da opção. Com relação à opção da Igreja pela juventude, trata-se de um processo

de internalização e resgate das relações entre igreja institucional e seres humanos em desenvolvimento constante, entrada e saída de fases que provocam reações diversas no comportamento dos jovens. Tal processo implica a instituição assumir postura humanizadora diante deles e suas transformações, que são próprias dessa fase segundo Libânio:

A juventude é uma construção social. Uma minoria absorve o poder, a riqueza. A maioria encontra-se numa situação de marginalização e subordinação, tanto por causa da idade quanto de sua classe popular, sexo e de outras limitações. A sociedade marca, portanto, os jovens com suas características econômicas, políticas e, sobretudo culturais. E o jovem assimila esses elementos numa relação interativa (2004, p. 39).

No documento “Evangelificação da juventude: desafios e perspectivas pastorais”¹⁵, percebe-se o que a igreja institucional entende pela importância de contribuir para a formação da juventude. Vejamos, a seguir, alguns pontos do documento.

- 1) A Igreja Católica é uma das organizações que tem mais experiência acumulada e sistematizada no trabalho com a juventude (2006, p. 13).
- 2) Os jovens são mais sensíveis às mudanças e propensos a aceitar o novo (2006, p. 13).
- 3) Em cada época, há necessidade de adequar as concepções e as práticas de evangelização para se relacionar com os jovens (2006, p. 13).
- 4) A Igreja, consciente de sua missão, oferece seu ensinamento e a sua visão a respeito da juventude e de sua evangelização (2006, p. 14).
- 5) O desafio para o jovem – assim como para todos os que aceitam Jesus como caminho – é escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes (2006, p. 15).
- 6) A sensibilidade especial dos jovens para as situações de pobreza e desigualdade social nos abrem um caminho espiritual e de formação de consciência (2006, p. 15).
- 7) Nas atividades pastorais com a juventude, faz-se necessário oferecer canais de participação e de envolvimento nas decisões os quais possibilitem experiência autêntica de co-responsabilidade e o envolvimento no processo de renovação contínua da Igreja. Trata-se de valorização e participação dos jovens nos

¹⁵ Cf. Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros. *Evangelificação da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção estudos da CNBB, n. 85). 164 p.

conselhos, reuniões de grupo, assembleias, equipes nos processos de avaliação e planejamento (2006, p.17).

- 8) A juventude é a etapa da vida em que geralmente se completa a formação física, intelectual, psíquica, social e cultural. É tempo também propício à formação para a cidadania, em que o indivíduo toma ciência de seus direitos e responsabilidades. Apenas mediante a efetivação dos direitos básicos, é possível esperar que os jovens assumam suas responsabilidades na sociedade, tornando-se cidadãos responsáveis pela condução de suas vidas e da ação (2006, p.38).

A própria Igreja reconhece a necessidade de se realizarem trabalhos voltados para as carências próprias dos jovens, considerando-se os tempos de grandes mudanças na sociedade global que acabam interferindo na formação religiosa e psicossocial desses indivíduos.

Diante disto tudo, deve-se considerar com quais dificuldades os jovens são confrontados na sociedade atual, para formarem uma identidade própria. Com isto, são solicitadas condições sociais específicas que determinam enormes mudanças, justamente no que diz respeito à socialização religiosa, e que, portanto devem conduzir em seguida, para além dos resultados empíricos, a uma análise teórica sólida (METTE, 1999, p.20).

A Igreja, como instituição, não pode restringir-se à opção pela juventude; tem que dar sentido à escolha, contribuir para a formação juvenil com conscientização e humanização. Nesse sentido, é necessário compreender a juventude, suas crises de pertença religiosa e seus desejos de fazer a experiência com o sagrado em meio à vida em constante transformação. Tudo isso será possível quando acontecer o processo de resgate da identidade religiosa juvenil, dando sentido à experiência dos jovens com o sagrado humanizado – experiência que se dá em meio à vida e a tudo a ela relacionado: alegria, tristeza, festas, ganhos e perdas.

A vida humana é um mistério; os homens não conseguem agarrá-lo, especialmente em situações de sofrimento e desilusão, mas também em momentos de grande alegria e de felicidade (CANTONE, 1989, p. 149).

Enquanto houver desejo por parte de quem faz a igreja institucional em optar pela juventude, sempre haverá esperança em dias melhores. Cuidar da vida é a missão da Igreja. Comprometer-se com a juventude é estar contribuindo com a sociedade e o desenvolvimento de pessoas conscientes do seu papel no mundo. É tempo de reencantar a juventude pela

dimensão do amor, do diálogo, da escuta, do respeito, do cuidado, do compromisso e, acima de tudo, da esperança no ser humano. Que haja contribuição de todos os que constituem a sociedade com relação à formação dos jovens. A Igreja, formada por seres humanos, pode ser vista como uma instituição humana, composta por vários valores, regras que contribuem para formar grupos capazes de lidar com as mais diversas transformações que ocorrem no mundo em transição constante.

Ao optar pela juventude, a Igreja assumiu, diante do mundo, interesse em acolhe-la e contribuir para que aquela se tornasse protagonista da própria existência no universo. A Igreja vê na juventude a esperança de tempos melhores, tempos humanizados, com possibilidades de renovação nos valores perdidos ao longo dos tempos. Ela centraliza seu olhar na juventude com objetivo de não perdê-la de vista, pois precisa dela para dar continuidade aos projetos voltados para o resgate da identidade religiosa.

Antes de passar a considerar as atitudes concretas que se deverão adotar com relação à juventude, será oportuno esboçar a visão geral que a Igreja tem dela. A Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade e descobre nela um sinal de si mesma: “a Igreja é a verdadeira juventude do mundo” Vê, portanto, na juventude o contínuo recomeço e a persistência da vida, ou seja, uma forma de superação da morte. Isso não tem apenas um sentido biológico, mas também sociocultural, psicológico e espiritual. Na juventude assim entendida, a Igreja descobre também um sinal de si mesma. (MEDELLÍN, 1968, p.101-102).

A Igreja vê na juventude a revitalização das forças, por isso, ao longo da história, tem investido na formação humana dos jovens, porque há retorno positivo dos trabalhos pensados e desenvolvidos por eles, por exemplo, na renovação das estruturas, as quais, muitas vezes, não favorecem espaço humano adequando para a humanização juvenil. Logo, não basta atrair a juventude para fazer parte das ações dentro da instituição, de forma livre e conscientizadora, criando laços de pertença e laços de afeto. Vejamos, a seguir, quais as orientações de Medellín (1968, p.104) para os trabalhos voltados para juventude.

- 1) Elaborar uma pedagogia orgânica da juventude por meio da qual se estimule no jovem sólida formação humana e cristã e se apoiem os esforços em adquirir autêntica personalidade.
- 2) Conhecer a realidade sociorreligiosa da juventude.
- 3) Promover centros de investigação e estudos no que se refere à participação da juventude na solução dos problemas do desenvolvimento.

- 4) Esta pastoral exige, em particular, da parte dos ministros da Igreja, diálogo sincero e permanente com a juventude, tanto de movimentos organizados quanto de setores não-organizados, por meio dos conselhos pastorais ou outras formas de diálogo.

A Igreja tem-se esforçado para agregar os jovens, de forma que eles se sintam pertencentes à instituição por inteiro e se integrem no universo sagrado. Então, ela deve continuar a investir na formação integral da juventude. Investir na juventude permite que os jovens assumam seu protagonismo dentro e fora do espaço institucional e, por consequência, nunca desistam de estarem verdadeiramente inseridos no mundo real.

Convidar a juventude a ser fermento, sal e luz na sociedade não basta; é necessário contribuir, primeiro, para a formação dos jovens, sem tirar-lhes a autonomia de serem sujeitos integradores e geradores de opiniões na sociedade. Investir neles é fundamental para se encontrarem no mundo de forma libertadora e conscientizadora da importância do seu protagonismo na sociedade, a qual, cada vez mais está perdendo de vista seus valores integradores. Integrar a juventude na Igreja significa, na prática, que ela seja fermento, sal e luz no cotidiano, os quais permitam aos jovens descobrir o quanto são importantes para agregar novas formas de ver, julgar e agir diante da práxis.

De acordo com o Concílio Vaticano II, a Igreja constitui realidade complexa em que se encontram o divino e o humano (MIRANDA, 2006, p. 71), por isso tal realidade deve ser mostrada aos adolescentes e jovens, no sentido de cada um procurar fortalecer essa natureza, compreendendo e repassando entre o público juvenil e a toda comunidade de fé.

Pelo exposto, a comunhão com o sagrado passa pela idéia de experiência de comunidade. Na perspectiva juvenil, a experiência se torna mais rica quando passa a ser comunitária. No Colégio de São José, os adolescentes e jovens responderam que a fé e a vivência comunitária estão no poder de partilhar, aprender e fortalecer a caminhada em grupo. (CATEGORIZAÇÃO, q. 24, p.163)

3 CRISE JUVENIL ANTE O SAGRADO INSTITUCIONAL

Neste capítulo propomos mostrar, em linhas gerais, como se dá a crise de pertença religiosa nos jovens entre 14 e 24 anos, o que se entende etimologicamente por crise e o que ela provoca nos seres humanos, porquanto nem sempre deve ser vista como negativa, mas como possibilidade de mudança e oportunidade de crescimento humano. Pretendemos também compreender a influência da crise juvenil ante o sagrado institucional, como os jovens se comportam durante esse período, bem como analisar a reação ao sagrado institucional.

3.1 O que se entende por crise?

Em nossa contemporaneidade, fala-se muito em crise. Crise é palavra da vez, tudo gira em torno dela. A palavra “crise” surgiu no século XIX e daí foi criando força nos diversos segmentos na vida humana: a sociedade está em crise, os valores éticos estão em crise, o ser humano encontra-se em crise, a juventude está em crise religiosa, a política, enfim o mundo está em crise. Agora busca-se equilíbrio no mundo em evolução.

O homem é o próprio protagonista do movimento da história; movimenta-se segundo linhas de evolução e de involução, mas não se transforma substancialmente. Esta humanidade se confraterniza com a do passado e vivem hoje suas próprias crises individualizadas em cada pessoa e nas coletividades. É comum a convicção de que o tempo atual representa guinada decisiva quanto aos conteúdos da civilização. Portanto, nosso tempo é tempo de crise. Muitos definem o estilo da convivência humana contemporânea como sociedade em transformação. As ciências antropológicas e afins estão analisando a evolução da crise generalizada, que abrange a nível planetário, as ideologias, as políticas, a economia, a técnica, a ecologia, a religião, o humanismo em sua globalidade. No entanto, a crise não se dá exteriormente, porém dentro do homem; suas causas é que às vezes são externas, assim como em certas ocasiões são extrínsecos os seus efeitos; hoje também tem importância a crise do homem, que é sempre crise de identidade. (CANDIDO, 1993, p.236 - 237).

Diante de uma crise, pode-se tomar novos rumos, novo jeito de ver a vida, que se transforma diante dos olhos em segundos, momento de grandes possibilidades de ver o novo se refazendo, dando sinais de recomeço. Estar em crise não significa o fim nem apenas algo negativo, melancólico; ao contrário, pode indicar mudanças em todos os sentidos, já que o ser humano protagoniza sua evolução, buscando constantemente dar sentido à própria existência

no universo. Como o homem vive mergulhado em questionamentos, conflitos, passando por transformações constantes, surgem as mais diversas crises. Vejamos de onde provém tal palavra, o que significou e significa hoje, depois das transformações de sentido:

Na linguagem comum, o verbete crise ressoa com acentos de angústia e de abalado; evoca uma contingência desfavorável e perigosa; incentiva a intervir, com todos os meios possíveis, na cura do setor afetado. É uma palavra carregada de pessimismo. A origem etimológica e o correto significado léxico não dão motivos para semelhante unilateralidade. No vocabulário grego, o termo *Krisis* aparece com variedade de acepções: *krisis* é a força distintiva, é aquela separação, eleição, opção; é juízo, repulsa disputa, sentença, condenação; é êxito, solução, sucesso, explicação, interpelação. [...] No vocabulário latino, o significado fundamental de *crisis* se restringe ao conceito de “decisão” (corte decisivo de uma enfermidade, por acepções). Em nosso ambiente lingüístico, as acepções mais em uso deste termo aplicam-se, seguindo sua veia etimológica, a fenômenos concretos: crise é mudança repentina, para melhor ou para pior, de uma situação patológica (na terminologia clínica é habitual a acepção positiva: crise como desaparecimento brusco de manifestações doentias e, portanto, aparecimento de bem-estar); crise é perturbação, o momento mais agudo de uma situação (por exemplo, política, social, financeira, psicológica etc.) A crise, segundo estes significados, é o ponto decisivo, o limiar determinante, a linha de mudança de uma situação. Crise é uma situação da pessoa (CANDIDO, 1993, p. 231).

Podemos compreendê-la como uma teia de aranha: quando se tenta desmanchá-la, mas a aranha permanece, ela se refaz com outro formato. Assim é o período da crise: novo jeito de refazer a vida e tomar outros rumos; é tempo de refazer conceitos e de ver a vida de outra forma. Em outras palavras, ela oferece novas oportunidades de se viver no mundo em constante transformação. De acordo com Boff, (2002, p. 25-26) a crise contribui para a estrutura da vida humana:

Do que expusemos, algo deve ter ficado claro: a crise não é um mal que sobrevém, interrompendo o curso da vida. Ela pertence ao próprio conceito de vida e de história. Tanto uma como outra (vida e história) não possuem uma estrutura linear, mas descontínua. Pertence à essência da evolução o momento e o ponto crítico e a crise. A evolução acumula energias, atinge um limiar, a partir de onde se verifica uma convulsão de vida [...] Crise é o momento crítico da decisão, onde algo é deixado para trás e se abre um patamar superior que possibilita uma nova forma de vida. A crise assemelha-se a uma escada. Na escada há continuidade e descontinuidade. O degrau é ambas as coisas: continuidade e descontinuidade. É primeira continuidade, suporta o peso, possui estabilidade, é uniforme e plano. Mas não pode ficar nisso e para si. Deve levar ao outro degrau. Por isso, num segundo momento, o degrau representa a descontinuidade que permite ascender e avançar. Para que haja continuidade no processo de ascensão pertencem à vida: não é algo que deva ser deplorado e evitado. Mas

explorado, assumido e exaurido em seu valor enriquecedor para novas formas de vida.

Portanto, ela é inerente à espécie humana, que não pára no tempo sem modificar-se diante da vida. O ato de nascer – pode-se dizer – é a primeira crise do ser humano, pois implica sair de algum lugar para outro, adaptar-se ao novo mundo, fora da barriga da mãe. Nascer significa começar nova etapa, novo mundo repleto de várias crises. Há vários tipos de crise: espiritual, quando onde a fé no sagrado fica abalada; ética – nos comportamentos e valores humanos –; crise nas instituições religiosas, na família; crise econômica, social, política. Portanto, vivemos envolvidos em crise. Em outras palavras, o mundo sempre está em processo de transformações. “A crise não é, pois, alienação, nem despersonalização, nem abdicação, e sim processo de amadurecimento e de crescimento.” (CANDIDO, 1993, p. 239)

Em particular, podemos falar da crise juvenil diante da sua existência: de uma hora para outra, a criança se tornou o adolescente cheio de perguntas e conflitos para serem resolvidos, e, em segundos, transformou-se no jovem que tem que tomar decisões, assumir papel na sociedade, pertencer ou não a uma religião. Assim é a fase da juventude: bela, cheia de novidades, porém com alguns obstáculos e desafios. Segundo Boff, (2002, p. 27)

A juventude se caracteriza por excelência como um tempo de crise: o jovem conquista aos poucos autonomia física, intelectual e moral; julga e critica o quadro familiar, escolar e social no qual está inserido ou vai entrar; confronta-se consigo mesmo numa tomada de consciência aguda de suas possibilidades e das decisões de ordem moral, intelectual ou profissional que lhe vão traçar em linhas gerais o rumo na vida.

A juventude busca por afirmação no mundo dos adultos cheios de cobranças e normas, procurando equilibrar-se no balanço forte dos ventos que trazem as mudanças e se proteger de tais mudanças. Aí chega o tempo da crise que se instala com toda a força na vida juvenil, retirando-lhe a paz existencial, o que provoca inquietações. Em meio às turbulências, inicia-se novo momento na vida dos jovens: é tempo de recomeçar a viver, é tempo de não parar no velho tempo. Assim, a crise pode significar nascer ou morrer. Quem escolher viver terá a sua frente desafios a serem superados, um dos quais é a superação das crises relacionadas à existência humana. Quem escolher a morte apenas verá o tempo passar à sua frente, sem permitir-se ousar e mudar de vida.

A vida tem pressa e cobra de cada ser humano resposta autêntica que gera mudanças de quem escolhe viver a vida. Conta uma fábula que a águia, a cada sete anos, passa por um momento de transformação. Se ela não permitir a mudança, morrerá. Entre

morrer e viver, a águia prefere viver. Então, ela se abriga em uma rocha forte e começa o processo doloroso da retirada das penas, das unhas etc. Mas, depois de alguns dias, começam a nascer novas penas, unhas, novo bico. Foi o momento da superação da crise. Isso lhe possibilitou a continuar a voar e pousar em novas montanhas.

A vida coloca os seres humanos diante da crise, mas espera que saibam superá-la, porque esta, inclusive, tem a função de acordá-los para novo tempo de existência. Frankl vai dizer que o sentido da vida significa.

O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento. Formular esta questão em termos gerais seria comparável a perguntar a um campeão de xadrez: “Diga-me, mestre, qual o melhor lance do mundo?” Simplesmente não existe algo como o melhor lance ou um bom lance à parte de uma situação específica num jogo e da personalidade peculiar do adversário. O mesmo é válido para existência humana. Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo (FRANKL, 2006, p.98).

A crise permite aos seres humanos buscar o sentido da sua existência, mas, quando não compreendida, pode interferir na vida dos indivíduos, modificando comportamentos, desfazer vidas inteiras, interferir nas escolhas pessoais e de grupo. Na seção a seguir, tentaremos mostrar como a crise influencia na juventude e na sua identidade religiosa, a partir de questionamentos como: fazer ou não fazer parte de uma instituição religiosa? Quando a crise surgir, qual caminho tomar? Qual postura assumir diante da crise de pertença religiosa juvenil? Quando a crise está relacionada à instituição e não ao sagrado humano, qual caminho seguir?

3.2 A influência da crise na juventude ante o sagrado institucional

“Em tempos de globalização, a religião – como distribuidora de imagens do mundo – está em crise” (NOVAES, 2006, p. 135). A religião já não responde às necessidades humanas em tempos atuais, tempos de grandes reviravoltas na sociedade globalizada. Nesse meio, encontra-se a juventude e sua crise religiosa. Libânio se refere à crise religiosa juvenil da seguinte forma:

Muitos jovens vêm de um ambiente religioso familiar dotado de uma fé mais cultural e tradicional que pessoal e entram em crise por muitas razões.

Alguns que se dedicam aos estudos e às leituras esbarram com críticas de filósofos, cientistas, professores que lhes abalam a fé. Com frequência isso acontece no mundo universitário. (2004, p. 98).

Na pesquisa que realizamos com 75 jovens entre 14 e 24 anos, pertencentes a três núcleos diferentes, eles responderam à seguinte pergunta: “Você considera importante pertencer a uma Igreja?” Vejamos algumas respostas por nós adaptadas: através dela, conhece-se mais a Deus e os seus ensinamentos; ela nos possibilita ajudar o próximo, principalmente os mais necessitados, contribui para o crescimento religioso; é importante ter uma identidade religiosa e um referencial para a vida. Outros, porém, revelaram uma juventude que acha importante ter fé, crer em Deus, e não na Igreja, pois esta interfere nos nossos pensamentos – se Deus existe, não precisa de representante (CSJ, 2007). Um terceiro grupo respondeu assim: para quem acha importante pertencer a uma Igreja, aprendemos os princípios e valores fundamentais da Igreja a que pertencemos, e aprendemos a palavra de Deus. Mas o mesmo grupo mostrou divergência de opinião: o mais importante não é pertencer a um templo, mas absorver e colocar no cotidiano as filosofias e ensinamentos da religião para que se amplie a rede com o sagrado (FAFIRE, 2007). Em outro núcleo, constatamos afirmações assim: “Eu vou, quando tenho vontade.” “Nunca tive vontade de pertencer a uma Igreja.” Já para outros pertencentes a esse mesmo grupo, seria bom participar de uma Igreja; na Igreja, tem-se contato com Deus, pede-se pelas pessoas no mundo inteiro (CECOSNE, 2007).

Percebemos, então, significativa diversidade de opiniões dos jovens sobre a influência da Igreja na crise religiosa juvenil, pois, ao mesmo tempo, um grupo valoriza o papel da Igreja na formação religiosa juvenil e outro descarta as contribuições dela. Vejamos a opinião de Libório (2006, p. 110):

Definir e tipificar a religiosidade no período da adolescência não é coisa muito fácil, como demonstra a literatura a isso atinente. É a idade das crises, principalmente aquela que diz respeito aos valores religiosos, levando o jovem a chegar a um sentido mais “pessoal” da dimensão religiosa.

Os adolescentes e os jovens passam do processo de heteronomia para o de autonomia, o que significa saírem do controle feito pelos adultos para a autonomia diante de si mesmos e do mundo em transformação constante. É a juventude tentando, a todo o momento, sobreviver aos conflitos de um mundo em constantes transformações econômicas, sociais, religiosas, entre outras. Nesse contexto, a fé juvenil vai tomando corpo e aos poucos saindo do casulo, em busca da liberdade de existir nas grandes cidades, compostas cada vez

mais por imponentes arranha-céus, seres humanos individualizados, voltados a si próprios, longe do relacionamento com outras pessoas. Em tal turbulência e tantos conflitos, os jovens têm que se afirmar como pessoas conscientes do seu papel religioso. Libânio ajuda a compreender esse fenômeno da seguinte maneira:

A cultura pode ser para o cristão uma mediação do próprio Deus. Pois ele está convencido de que pelo mistério da Encarnação o Verbo assumiu tudo o que há de positivo na história humana e isso, de certo modo, se tornou também cristão. Na sociedade tradicional, o ambiente cultural cumpria a função de inculcação. Com seu desaparecimento, outras instâncias se tornam necessárias. Entra em questão a comunidade de fé, que no nível de influência direta é a paróquia ou uma comunidade menor. A cidade favorece a criação de diversos círculos de vida segundo os interesses. E a vivência da fé pode constituir-se em um desses círculos onde as pessoas se sintam acolhidas. Tais círculos podem ser provocados desde o centro paroquial, mas têm chance de existir se se formam em torno de pessoas interessadas (2002, p.72-73).

Em meio a tudo isso, a juventude tem que buscar respostas para as suas inquietações religiosas e responder às mais diversas e fortes cobranças. Libório (2006, p. 120) vai afirmar que

Os jovens “não-agregados” são os mais ‘indiferentes’ à problemática religiosa, geralmente, por causa das variáveis: sexo (proibições). [...] Os jovens “agregados críticos” (jovens que pertencem a um grupo religioso e que sempre criticam a religiosidade tradicional) manifestam uma maior vivacidade e vitalidade, em seu credo religioso, e confirmam a hipótese de uma fé, como experiência pessoal, entendida mais como procura de “protagonismo positivo” (experiência subjetiva) e não tanto como consumo individualista do “sagrado”.

Noutras palavras, os jovens estão buscando superar suas crises afetivas, intelectuais, sociais e religiosas. Nesse momento de superação da crise, portanto, é necessário um olhar humano, pois, em tal fase, estão vivendo grande explosão de afetividade – fase da descoberta da sexualidade, de se afirmarem na sociedade, quando vivem a própria experiência com o sagrado “protagonismo juvenil”. O jovem, portanto, ao viver a própria fé, procura revalorizar o aspecto “funcional” da fé, em vista de sua experiência afetiva.

3.3 A crise juvenil de valores e o sagrado institucional

Conforme já dissemos, a crise é compreendida por um momento que provoca reviravolta na vida dos indivíduos. Então, podemos indagar: como se dá a crise juvenil ante o sagrado institucional? Como os adolescentes e jovens encaram esse momento na sua

existência? Libânio leva em conta a razão humana como elemento que influencia as mudanças ocorridas na vida dos indivíduos. Vejamos a sua opinião:

A razão humana trouxe a percepção do tempo, das mudanças. Mas isso não aconteceu em todas as épocas da mesma maneira. A modernidade trouxe gigantesca aceleração dessa percepção por causa da rapidez e complexidade das mudanças. O fenômeno da mudança gera aceleração do tempo (LIBANIO, 2002, p. 93).

No questionário aplicado a 75 jovens entre de 14 e 24 anos, fizemos a seguinte pergunta: em algum momento, você duvidou da existência de Deus? No núcleo CECOSNE, dos 25, só cinco afirmaram que sim. Uns disseram: “Faz tempo, era um momento muito difícil na minha vida. Outro respondeu: “Pensei que ele tinha me esquecido; se Deus é bom, por que ele leva as coisas que a gente mais gosta, com tanta violência, gente morrendo, guerras.” No Colégio de São José, nove também responderam: “Quando eu era criança, via coisas horríveis acontecendo e, um dia, perguntei: ‘Deus existe mesmo?’ Em certo momento da crise, cheguei a pensar que não existia ninguém além de mim, mas, ao pensar com clareza, percebi que estava errada.” No grupo da FAFIRE, 11 já haviam duvidado da existência de Deus e assim justificaram: “Sim, por não conhecer bem a minha religião, por momentos de desespero, por não compreender a palavra de Deus.”

Entretanto, percebemos que os jovens, em muitos casos, ao mesmo tempo, abriam espaço para questionar a existência de Deus e para continuar a acreditar na sua existência, ou seja, parece que a crise é passageira, específica da fase de transição. Chega um momento em que os questionamentos surgem como uma enxurrada, são incontáveis.

A crise juvenil acontece em momentos de auto-afirmação na vida, quando o indivíduo está tentando organizar sua vida pessoal, profissional, familiar, social, econômica e sua existência no vasto mundo em transformação constante. Nesses momentos é que a juventude toma a decisão em relação ao sagrado institucional, um sagrado cuja experiência passa por regras, rotinas, rituais programados e decididos por outros que, em muitos casos, se acham no direito de uniformizar a experiência juvenil com o sagrado. Tal atitude acaba afastando os jovens do sagrado humano, um sagrado mais próximo da realidade juvenil.

Porém, em meio a essa crise, os jovens tentam dar sentido, de alguma forma, a sua vida, que, por estar fragmentada e cheia de lacunas, precisa de reforma quanto à pertença não só religiosa mas também em todos os sentidos da existência juvenil.

A experiência religiosa no processo de nova inculturação - A interpretação em clave psicocultural da condição juvenil não só não exclui, mas ainda exige a referência à dimensão religiosa do comportamento dos jovens. O arcabouço cristão-católico dos valores de nossa cultura tradicional obriga a pensar que na transformação cultural que estão vivendo os jovens também se acham implicados os elementos 'religiosos' (em sentido amplo) de sua personalidade de base e que, por conseguinte, o processo de reinculturação leva também consigo necessariamente a reestruturação de seu sistema de valores, atitudes e comportamentos religiosos. Um projeto de 'formação espiritual' "adequado à situação real dos jovens deveria levar bem em conta esta profunda implicação do religioso no cultural (GRASSO, 1993, p. 640).

Os jovens em fase de formação de identidade estão em meio a uma cultura que aponta novos valores que acabam regendo suas vidas como uma grande sinfonia a interferir na quebra dos valores familiares, éticos e religiosos. Acontecem, em muitas situações, verdadeiros desmoronamentos de valores e as construções de novos valores começam a ser erguer no piscar de olhos, na presença de todos. A cultura dos homens cria seus valores.

Os valores estão no coração da cultura. São transmitidos dentro dela. A cultura tradicional baseava-se na autoridade dos que a transmitiam. Os valores eram garantidos por ela. Tinha um caráter autoritário, beirando às raias do autoritário. Impunham-se pela força das autoridades religiosas, civis, familiares, educacionais [...] A cidade desfaz esta evidência com seu pluralismo estonteante (LIBÂNIO, 2002, p. 177).

A crise de valores – um fenômeno mundial – atinge todas as esferas da vida humana. Nesse âmbito a juventude busca não se perder, pois tal crise ultrapassa os muros da família, da escola, da Igreja. Agora, cabe perguntar: por onde andam as famílias ideais? Por onde anda a escola que forma seres humanos conscientes do seu papel no mundo? Por onde anda a formação religiosa, ou melhor, por onde tudo e todos que, um dia, estavam ditando as regras? Desistiram de se imporem como nos velhos tempos? Ou estão abaixando as cabeças para os novos tempos? Libânio define esse momento de crise de valores:

Agrava-se tal situação por deficiência das principais instâncias socializadoras dos valores: familiar, escolar, igrejas. Em seu lugar impera a mídia, que as desestrutura. A desagregação da família, com a crescente crise da figura do pai, impede uma socialização estável e sólida dos valores. A escola tem decaído muito nessa função, aceitando ela mesma a impossibilidade de transmitir determinada escala de valor. Em nome do pluralismo, assume atitudes neutras que terminam por ser, na prática, desorientadoras na formação da consciência ética dos alunos. A instância socializadora de valores mais poderosa é a mídia. E esta termina por gerar a mais absoluta confusão nesse mundo. Corrói os códigos mais venerandos. Acresce-se a defasagem geracional, de modo que as novas gerações

desacreditam do que recebem da antiga ou não conseguem entendê-la e assumir-lhe os valores (LIBÂNIO, 2002, p.178).

Constantemente vive-se em crises de valores na sociedade. Eles se assemelham, à moda: todos devem estar, ao mesmo tempo, usando os mesmos modelos, cores, estilo. Entretanto, os valores não podem ser tratados como a moda da vez, mas resgatados, trabalhados no centro das grandes culturas que predominam nos conceitos entre os jovens. Em meio a tudo isso, a juventude tenta entender o porquê de tanta confusão, já que tudo poderia ser mais simples. Não se trata de ausência de valores, porque sempre há, nem sempre se reflete sobre eles, mas nem se é capaz de defini-los com clareza.

3.4 Juventude e a superação da crise ante o sagrado institucional

Conforme já deixamos evidente, crise indica mudança, superação de um momento de turbulência, momento ideal de tomar novos rumos, mas aparentemente perdido no tempo da existência humana. Juventude e superação constituem uma combinação perfeita, pois superação implica alcançar um objetivo, vencer algum obstáculo, tornar-se vencedor. Assim, juventude relaciona-se à alegria, à liberdade de viver a vida como ela é, de amar e ser amado; relaciona-se ainda ao estilo próprio de viver, de criar novos conceitos, sempre buscando novo jeito de ser e de estar no mundo, fazendo-se ser percebido por todos ao seu redor.

Porém o conceito de juventude pode indicar para muitos dor de cabeça, tempestade, sexo, drogas, álcool, a fase vista como a da marginalidade sem volta e sem jeito para alguns jovens e adolescentes. De fato, isso se reflete no misterioso universo juvenil: determinado momento está em crises, em outro se supera com confiança total. Isso contribui para avançar sempre, buscar novos rumos, sair da vida pacata sem muitas modificações, buscar no tempo e espaço sentido para ser jovem. A juventude, então, envolvida pela anomia, que indica força de viver a vida com muita intensidade, no entanto, em muitos jovens se caracteriza pelo sentimento de morte, de fim. Vida sem sentido algum é uma realidade bem própria da nossa cultura globalizada, na qual tudo ou quase tudo é descartável, sem valor algum. Para a Igreja, que fez a opção pelos jovens, permanece o desafio de resgatar na juventude o sentido da vida e os valores adormecidos à espera de reativação. Libânio define o jeito de superação da juventude assim:

Os jovens permitem-se enorme liberdade diante das tradições que para eles não passam de preconceitos, de tabus a serem rompidos. De maneira

positiva, recuperam a singularidade e a originalidade, junto com o respeito da própria pessoa e dos outros. (LIBÂNIO, 2004, p. 105).

Parece que a juventude deseja encontrar-se com o sagrado, mas tal encontro deve ser próximo da sua realidade cotidiana. Quando ela se afasta do sagrado, está distanciando-se das normas, dos ritos pelos ritos, do sagrado institucional, o que requer compreensão humana. De qualquer forma, sempre estar ousando, saindo de situações nada convenientes para um ser humano em crise, é uma das belezas da juventude. Libório (2006) indica algumas motivações que contribuem para a superação da crise ante o sagrado institucional:

- 1) O jovem percebe, de modo mais orgânico, o valor global relevante que o credo religioso tem para as pessoas (2006, p. 94).
- 2) Essa relevância ainda se manifesta de modo não muito claro, por causa do aspecto evolutivo e dinâmico que caracteriza o desenvolvimento da religiosidade humana (2006, p. 94).
- 3) Isso acontece com os jovens, porque, na juventude, o indivíduo vive a maturação religiosa, antes de tudo, como uma resposta às necessidades, às exigências e valores que dão significado à sua vida (2006, p. 94).
- 4) Ao mesmo tempo, emerge no jovem a necessidade de sua autonomia, no encanar tais valores, assumindo o jovem uma condição religiosa não institucional e, muitas vezes, secundária com relação aos novos significados emergentes (2006, p. 94).
- 5) O jovem percebe e vive o processo de “maturação” de sua religiosidade. (2006, p. 94).

É próprio da juventude buscar meios de superar as crises, os medos, as perdas, a falta de credibilidade por parte de alguns segmentos da sociedade e, até mesmo, da própria igreja institucional. Por sua vez, é fascinante também vê-la refazendo-se diante da vida e de tudo que compõe a existência do universo, diante do sagrado humano e refazendo a sua experiência com o sagrado institucional de acordo com seu modo de ser gente no mundo. Encanta-nos vê – la olhar-se de frente, de olhos e corações abertos para um novo mundo, que renasce diante dela, convidando-a a se livrar dos mitos e preconceitos e a dar os primeiros passos para o encontro com o sagrado.

Logo, superação é sair de onde se encontra e partir confiando na vida, seguindo a luz que vem do sol e das estrelas, pois sempre haverá, em algum lugar, alguma coisa a indicar o caminho adequado; basta desarmar-se dos mitos e acreditar que, em cada um, começa a nova caminhada, que o sagrado é universal. O sagrado não depende de cor, de raça nem de cultura; ele é simplesmente sagrado, desejado, procurado, temido, respeitado, o mais buscado pelos seres humanos, mesmo pelos frios, apáticos diante de qualquer coisa que os ligue ao sagrado. Isso porque estes também reúnem dentro de si a força para não desistirem de viver sua relação com o sagrado. E assim a juventude vai superando as crises, caindo e se levantando, para ver a vida surgir em um novo tempo, que vai depender de cada um fazer ou não a experiência com o sagrado.

Então, na juventude, pode-se encontrar a esperança de uma Igreja renovada, pois a sua força é vital para a superação das crises entre a igreja institucional e a juventude. Logo, deve-se fortalecer as relações entre Igreja e juventude, mas admitindo-se que cada jovem e adolescente já são o presente, o agora. Isso significa oportunidade de crescimento para ambas as partes, juventude e Igreja. E insistimos: é preciso deixar a juventude protagonizar sua própria história religiosa.

A relação entre Igreja e juventude deve ser transcendente e a crise juvenil não pode dificultar os trabalhos de resgate dessas relações. Então, convém mantê-la à margem da melancolia, para que continue à busca de conquistar seu espaço no mundo, em particular, o religioso. Isso significa respeitar o tempo de casulo dos adolescentes e jovens, mas sem perder jamais de olhar para eles com o olhar de esperança. É necessário ressuscitar a crença na juventude, lembrada a opção que a igreja institucional fez e continua fazendo pela juventude.

É preciso aprender um pouco com a natureza sobre a importância de dar tempo. Vejamos o exemplo da borboleta: ela não nasce já borboleta linda, pronta para voar; ao contrário, há um tempo de formação da larva até que a transformação aconteça. Quando o casulo se rompe, sai de dentro dele a borboleta pronta para voar em busca da sua liberdade, que será breve, mas intensa e profunda. Isso nos mostra que há tempo para tudo: tempo de ser larva e tempo de ser borboleta, tudo no seu divino tempo de transformação e superação dos obstáculos. Assim seja o tempo da existência dos adolescentes e jovens: que saibam sair dos seus casulos e voar com a liberdade de pertencerem à vida, resgatando outros jovens para o espetáculo da existência humana. Enfim, existir já é um espetáculo concedido a cada humano.

É preciso, então, despertar em cada um a importância de ser protagonista da sua própria vida e a igreja institucional compreender esse período de casulo pelo qual muitos adolescentes e jovens passam. Que haja, de fato, parceria entre os jovens e a Igreja e o

sagrado seja experienciado no tempo real da vida de cada um. Ambos devem descobrir a importância de caminharem juntos. “O mistério da pessoa não se reconhece somente com o conhecimento, mas em uma relação feita de respeito, implicando as dimensões práticas e afetivas” (IMODA, 1996, p. 546). É necessário reconhecer a importância do outro na superação da crise. Daí, o diálogo constitui recurso eficaz para desenvolver a capacidade de ouvir e respeitar a opinião do outro na caminhada e para estimular a reaproximação das partes envolvidas numa crise. Dessa forma, é mais fácil a reconciliação, desde que se respeitem as diferenças.

Superar a crise é desejo dos humanos. Sair de momentos que os angustiam e os afastam da vida leva-os a buscar caminhos para apreenderem a lidar com a evolução da própria espécie. Adiante, apresentamos 10 orientações que podem contribuir para a superação da crise ou, pelo menos, convivência com ela. (CANDIDO, 1993, p. 241-242).

1. **Realismo** – situar a crise em sua verdadeira dimensão. Os erros de avaliação sobre as causas, o conteúdo, a evolução e os auxílios da crise desviam, em vez de apontar, o rumo certo.
2. **Otimismo** – perceber como indefectível o desfecho positivo da crise. A solução de uma crise reside na transferência – fatigante e incômoda – para situação diferente da situação inicial, que não será pior, mas que tenderá a ser melhor.
3. **Globalidade** – considerar a crise na sua existência total. Como todo objeto, também a crise, quando observada bem de perto, perde densidade e oferece só pormenores, impedindo a visão do relevo e do ambiente circundante. Essa parcialidade gera angústia, erros, equívocos, supervalorização e depreciação. O enquadramento na globalidade permite comparação multilateral e a desdramatização da crise, entendida como um dos episódios da existência. “A sabedoria do homem prudente está em conhecer bem seu caminho” (Pr 14, 8).
4. **Cultura** – conhecer o mecanismo da crise e os instrumentos auxiliares. A cultura tende à promoção humana. Atravessar uma crise com bagagem cultural é garantia de evolução retilínea e controlada. Cultura, aliás, não é apenas a soma dos conhecimentos mas também o resultado da formação e da estrutura de uma mentalidade.
5. **Exemplaridade** – observar a experiência das crises alheias. Toda existência é irrepetível e cada experiência, singular.

6. **Comunhão** – comunicar a outros a própria situação de crise. O isolamento empobrece; o exibicionismo aborrece a todos. A comunhão é busca sábia da pessoa a quem se vai abrir o coração e pedir ajuda.
7. **Ascetismo** – sentir a crise e considerá-la como momento de austera purificação. A crise, principalmente, vem acompanhada da força para se suportar. Ascetismo é ecologia espiritual.
8. **A mística** – transformar a crise em lugar de encontro com o sagrado.
9. **Oração** – levar ao diálogo da oração com o sagrado a condição de crise.
10. **Espera** – contemplar com esperança cada momento da crise.

Ademais, há vários caminhos para superação da crise: um é ser sensível para consigo mesmo e outro é aguçar os sentimentos positivos e olhar para frente, acreditando na superação passo a passo, sem perder de vista a esperança de um novo dia, estar aberto para o crescimento, fazer nascer um novo homem e uma nova mulher, robustecer o renascimento de novos tempos.

A vida humana é feita de superação. De acordo com Boff, “A juventude se caracteriza por excelência como um tempo de crise: o jovem conquista aos poucos autonomia física, escolar e social.” (2002, p. 27), ou seja, ele é um bom exemplo de superação de crise que surge diariamente na sua vida particular e comunitária. Uma vez que cada um apreende o caminho da superação da crise, é possível acreditar no novo momento espiritual juvenil.

Para eles, Sagrado sempre é também aquilo que eles é importante. E o Sagrado expressa algo pelo qual vale a pena para viver. O Sagrado é maior do que eles. Do sagrado eles esperam segurança, proteção, clareza e respeito de sua própria vida. E para a maioria dos jovens não deixam de ser sagrados os valores tradicionais, como confiança, amor, liberdade, confiabilidade, honradez. Estes são valores em que eles não querem tocar. Pois sentem que sem estes valores não é possível viver em família, não se consegue nem sequer existir. (GRÜM, 2003, p.85-86).

A citação acima mostra como a juventude concebe o sagrado no cotidiano e como se dispõe a buscá-lo ao seu modo juvenil, superando as diversidades culturais, religiosas e as diversas crises instaladas em suas vidas. Assim, os jovens podem vivenciar experiência espiritual madura e estão conscientes da existência do sagrado no universo humano.

4 A JUVENTUDE E A BUSCA POR ESPIRITUALIDADE QUE RESPONDA ÀS SUAS CRISES COM A IGREJA INSTITUCIONALIZADA

A juventude é o cenário e a esperança da Igreja. Mas adolescentes e jovens estão dispostos a vivenciar tal experiência? Como será essa espiritualidade formada em meio às descobertas e aos momentos de subjetividade? A mídia é forte, a Internet está presente, os desafios também, então o que fazer? Enfim, compreender o sentido de espiritualidade na perspectiva juvenil é fator determinante na relação Igreja-juventude. Daí é que encontraremos respostas para a crise de pertença religiosa, psicológica, social e suas transformações no mundo juvenil.

4.1 O que é espiritualidade?

Espiritualidade é o assunto do momento. O que se entende por espiritualidade em tempos de crises espirituais? Como ser espiritualizado em tempos de subjetividade? O que significa na ter práxis espiritualidade? Essas indagações nos obrigam a refletir sobre o assunto. Espiritualidade, em primeiro plano, só pertence aos humanos e só cabe a eles querer ter ou não espiritualidade definida em suas vidas, a opção de fazer sua caminhada espiritual de acordo com as próprias convicções. Teixeira (2005, p.15-16), que estudou a temática, afirma:

A espiritualidade não é algo que ocorre para além da esfera do humano, mas algo que toca em profundidade sua vida e experiência. A espiritualidade traduz a força de uma presença que escapa à percepção do humano, mas ao mesmo tempo provoca no sujeito o exercício de percorrer e captar esse sentido onipresente. Daí se pode falar em experiência espiritual enquanto movimento e busca do sentido radical que habita a realidade. A experiência envolve sempre a relação de um sujeito que se volta para a presença de um objeto, de um sujeito que busca penetrar a plenitude dessa presença envolvente.

Espiritualidade relaciona-se a espírito,¹⁶ pois está ligado ao humano que se coloca apto a realizar sua experiência espiritual. O espírito é o ânimo referente à vida/força que impulsiona as pessoas a dar sentido à própria existência. Alma é organização em sociedade, já que esta se compõe de constituídos seres de animo, que contribui para a vitalidade dos indivíduos. Durkheim (1989, p. 297) considera:

¹⁶ É parte imaterial do ser humano; alma.

Assim como não existe sociedade conhecida sem religião, também não existe sociedade, por mais grosseira que seja a sua organização, na qual não se encontre todo sistema de representações coletivas, que se relacionem com a alma, com a sua origem, com o seu destino. Pelo que se pode julgar com base em dados da etnografia, a idéia de alma parece ter sido contemporânea da humanidade e ela parece ter tido, logo de imediato, todas as suas características essenciais.

Assim, não se pode compreender espiritualidade sem relacioná-la com a vida em constante mudança. Como afirma Durkheim, “a alma não está no sopro, ela é o sopro” (1989, p. 301). O homem está na vida e a vida está no homem. Há estreita relação entre esses dois universos. Logo, a espiritualidade cria nos seres humanos a capacidade de unir o mundo e tudo que se encontre nele. Ter espiritualidade significa fazer parte da vida e compreendê-la a complexidade, já que se fala de seres em evolução constante. De outra parte, ela não se refere especificamente à religião, teologia, ao misticismo, aos dogmas ou ritos particulares; trata-se, sim, de ato relacional entre o humano e o transcendente.

Além disso, espiritualidade significa esperança, amor e virtude como possibilidade do surgimento da confiança e entrega ao novo, que pode chegar para transformar o momento conturbado de qualquer indivíduo desesperador diante da vida cotidiana, que pede ação positiva, gerando espiritualidade esperançosa.

A existência do indivíduo desenrola-se no caminho da humanidade rumo ao futuro. Conseqüentemente, o problema do futuro da humanidade e do mundo toca o próprio significado da existência de todo ser humano como responsável por toda a comunidade humana. (PIANA, 1993, p. 334).

O ser humano existe no tempo de ser, crescer e se tornar senhor do seu próprio tempo, portanto, acima de tudo, deve tomar consciência de que o tempo não espera por ninguém. Eis a razão por que cada momento é único para cada pessoa, sobretudo no sentido de desenvolver uma espiritualidade que contribua com o aperfeiçoamento humano.

O homem existe no tempo e acima do tempo. Traz, na consciência de si mesmo, a capacidade para uma plenitude supratemporal que, embora não possa conquistar por si mesmo, pode recebê-la como dom. A existência do homem tende para o futuro de uma vida libertada para sempre (PIANA 1993, p.338-339).

Pelo exposto, podemos inferir, a espiritualidade envolve movimento, quietude, contentamento, aspiração, desejo, dignidade, brandura, suavidade, fraternidade, estima, afeto,

reconciliação, bom senso, honestidade, coragem, bonança, sabedoria, solidez, introspecção, clareza, saborosidade, bem-estar, portanto, quando o homem descobre sua capacidade de ser no mundo, um homem espiritualizado abre-se às novas experiências e, sobretudo, consegue atravessar intempéries de forma madura e consciente.

Num tempo marcado pela indiferença em face do sofrimento alheio e pelo desgaste da compaixão urge a retomada de uma sensibilidade espiritual, da valorização da gratuidade, da simpatia e da cortesia espiritual. Mistério que nos convida a recuperar o valor e o lugar das paisagens e o significado de um novo sentimento. A espiritualidade não é nada mais do que esse fabuloso convite para nos banharmos nas águas desse lugar além das palavras, é a cristalina fonte de todo o sentido (TEXEIRA, 2005, p. 30).

A espiritualidade vem atravessando os muros das instituições, saindo do monopólio religioso. Enfim, “ a espiritualidade alargou-se além da atenção restrita a uma faixa limitada de fenômenos, como, por exemplo, o misticismo, para incluir a reflexão sobre os valores e estilos de vida de todos os cristãos. ” (SHELDRAKE, 2005, p. 77).

4.1.1 Espiritualidade e seu lugar na história da humanidade

“Espiritualidade”, termo bastante usado em nossa contemporaneidade, mas pouco compreendido por muitos. Cada ciência compreende-o de um modo, segundo seu objeto de estudo, com intuito de contribuir para o diálogo entre as diversas áreas do saber. Filosofia, Psicologia, Sociologia, Teologia, Antropologia e História são os campos mais interessados em encontrar uma resposta para a questão. Já mostramos que, quando falamos em espiritualidade, estamos referindo-nos ao espírito, ou seja, ao ânimo, integração, compasso e evolução da vida. Desse modo, podemos dizer: “o renovado interesse espiritual de nossa época brota de profundas exigências de autenticidade, de dimensão religiosa, de interioridade e de liberdade, que não satisfazem à sociedade consumista ”(GIANNA, CAMPANINI, 1993, p. 341).

Historicamente falando, ver a evolução dos seres humanos significa ter a oportunidade de conhecer a história da humanidade em relação à experiência com o sagrado. De acordo com Martelli (1995), “os fenomenólogos da Religião, o homem é *naturaliter religiosus*: a religião aparece como uma característica constante dos seres humanos, em todas as épocas.” Em outras palavras, os indivíduos tendem, por natureza, a ser religiosos. Mesmo não assumindo tal postura, seus comportamentos estão ligados à essência da espiritualidade

envolvida em véu a ser desvelado. Logo, a espiritualidade é ação que envolve os seres humanos em uma práxis de transcendência. Por isso, alguns estudiosos afirmam:

Considerada como ciência constituída, a história da espiritualidade constitui conhecimento novo com inúmeros métodos, que entrou tarde na lista dos conhecimentos humanos. Acompanhou o movimento da história científica que também apareceu tardiamente. Sua originalidade consiste em introduzir em toda história apresentada, política, econômica, social ou de outra índole, a dimensão de interioridade de caráter religioso. Podemos estudar as cruzadas sob os aspectos mencionados. Sem nos esquecermos destes aspectos, podemos tentar surpreender nelas a inspiração espiritual que projetou para o Oriente multidões ocidentais desejosas de viver e morrer junto ao sepulcro de Cristo. O campo de investigação e pesquisa da história da espiritualidade é imenso: séculos de cristianismo vividos no Oriente e no Ocidente, assim como no Extremo Oriente e em outros continentes mais ou menos imbuídos das correntes espirituais orientais e ocidentais. É um campo variado, porque compreende o estudo de pessoas, de homens e de mulheres, de indivíduos de ação ou teóricos, destituídos de posteridade espiritual ou iniciadores de movimento que os prolonga, superando-os porque inclui também a experiência de cristão narrada por ele mesmo ou relatada por outros, a doutrina que ele pôde ensinar ou a que outros extraíam da sua vida. Aliás, ele compreende os movimentos espirituais de breve ou de longa duração, alguns dos quais continuam sepultados no solo da história para ressurgir depois. Também as formas institucionais, mais ou menos sólidas, que asseguram a duração destes movimentos espirituais, podem frear ou até asfixiar sua vida espiritual quando não se mantêm em estado de reforma ou de renovação; entre outros, este é o caso das ordens e das congregações religiosas. Quanto às doutrinas, diremos que é o fruto de ensinamento direto, a condensação de experiência ascética e mística, o resultado de elaboração intelectual que os discípulos tentaram pôr em prática e que chega a se transformar na doutrina de uma escola de espiritualidade. As atitudes espirituais podem concretizar-se conforme os estados de vida: há uma espiritualidade do leigo cristão, casado ou não; do religioso, do sacerdote, do bispo. Cada uma delas pode também expressar-se em gestos concretos: devoções, orações, peregrinações, participações diversas de grupos mais ou menos numerosos ou mais ou menos especializados, que expressam, cada um a seu modo, a relação que o cristão deseja manter com Deus, tanto individualmente quanto com os outros. Existem também traços espirituais que se manifestam neste ou naquele povo, uma espécie de experiência coletiva, cujo fundo manifesta tendências enraizadas em certos ambientes nacionais. As circunstâncias felizes ou infelizes da vida dos povos repercutem em seu comportamento espiritual. Denota contato direto com a vida o falar da espiritualidade que se pensou e se viveu durante um período da história na Alemanha, na Itália, na Espanha, na França, nos países do Novo Mundo e entre os povos do Extremo Oriente. A história da espiritualidade tende para a síntese, ideal este que só pode realizar-se em medida incompleta, devido à variedade e à complexidade das experiências espirituais e as dificuldades em explorar a relação do homem com o Transcendente. Que parte compete ao homem e que parte compete a Deus nesta experiência? Até onde pode avançar a psicologia espiritual?... As exposições sintéticas da história da espiritualidade são pouco numerosas e relativamente recentes, porque só aparecem no séc. XX. Até o presente, publicaram-se três ou quatro, e uma delas incompleta. Por outro lado, para

considerar uma prolongada evolução no transcurso do tempo, convém proceder, na exposição, recorrendo a divisões geográficas, divisões cronológicas e considerações temáticas, com o risco de que, não fazendo assim, o esforço para ser claro e pedagogicamente ordenado desfigure a face múltipla e a cambiante variedade das experiências espirituais (DUMEIGE, 1993, p.491).

Como se vê, a espiritualidade é o conjunto de fatores que interfere na vida e na história dos humanos, proporcionando encontro de várias gerações, e, sobretudo, desperta nos indivíduos o desejo de se encontrarem no mundo real, ou seja, impulsionando-os a superar os conflitos diários. Por isso, o alimento espiritual vem da vida cuja energia pode contribuir para o fortalecimento da espiritualidade de cada ser humano. Enfim, compreender a espiritualidade é relação experiencial do homem com o sagrado, livre de quaisquer regras das instituições religiosas.

A espiritualidade vinha, assim, a se identificar com a vida normal e real de um cristão qualquer, fosse qual fosse o ambiente em que ele se movesse. Não são estes espaços religiosos, que existem quadriculados na existência do cristão, que especificam sua espiritualidade; é a própria vida dentro e fora destes espaços (GUERRA, 1993, p. 509).

Passar pelo caminho histórico da espiritualidade faz-nos compreender que não é recente a discussão sobre o fenômeno espiritual, pois o homem sempre a almejou, apesar de nem sempre ser concebida fora dos muros das religiões, daí a confusão sobre o que é espiritualidade¹⁷ e religiosidade¹⁸ durante muitos e muitos anos. Enfim, eis a questão: o que é espiritualidade? Para Sheldrake, as raízes da espiritualidade contemporânea encontram-se em uma ênfase na experiência humana. Em toda a sua variedade e dor, nossa experiência humana comum transforma-se no contexto imediato para a auto-revelação de Deus.

Vale acrescentar que o lugar e o tempo têm importância para o desenvolvimento da espiritualidade: enquanto o lugar – espaço onde os ritos acontecem ou não – tem a capacidade de proporcionar aos humanos a oportunidade de vivenciarem e experienciarem o encontro com o desejado e esperado sagrado, revelado na vida cotidiana, o tempo é cronômetro da vivência e da experiência espiritual e humana, no qual a espiritualidade se desenvolve. Portanto,

¹⁷ De acordo com o dicionário Houaiss, espiritualidade é qualidade do que é espiritual, característica ou qualidade do que tem ou revela intensa atividade religiosa ou mística.

¹⁸ No dicionário Houaiss, religiosidade significa qualidade do que é religioso e a tendência para os sentimentos religiosos, para as coisas sagradas.

O lugar também tem a capacidade de revelar e evocar o sagrado, ou o significado mais profundo da existência. Isso transcende o que pode ser pronunciado ou finalmente conhecido. Tem um efeito transformativo porque naquele momento e naquele lugar nosso eu mais profundo fica exposto e nu. O lugar sagrado ou, melhor ainda, a qualidade sagrada do lugar é onde o intemporal e o profundo podem ser encontrados e nisso estão à graça e a revelação (SHELDRAKE, 2005, p. 203-204).

4.2 Espiritualidade na concepção juvenil

O que os jovens e os adolescentes compreendem por espiritualidade quando muitos estão em crise existencial? Eis a grande indagação! Em tempos de modismo, viver conectado a comunidades virtuais, como, por exemplo, *orkut*¹⁹, é parte do mundo juvenil. Diante de tantas questões elaboradas e reelaboradas em relação à experiência religiosa juvenil em tempos de transição, busca-se compreender o fenômeno principal causador do afastamento e da reaproximação da juventude no mundo espiritual. Por outro lado, sabe-se que cada pessoa é única e, por isso, cada experiência também.

Assim sendo, perguntamos: como os jovens concebem a espiritualidade em seu contexto? Uma investigação sobre isso realizamos com 75 jovens entre 14 e 24 anos, de perfis e gêneros diferentes (escolaridade, condições financeiras, familiares etc.). Nela, percebemos uma juventude sensível e desejosa por experiência nova conforme seu jeito de ser e dentro do seu contexto sociocultural. Além do mais, identificamos no grupo pesquisado, em especial no Colégio de São José, um olhar mais aguçado sobre essa temática. Na concepção deles (FAFIRE) espiritualidade está inerente à renovação do espírito, paz interior, contato com Deus, sobretudo na ação do Espírito Santo. A reflexão girou em torno da vivência com o sagrado, ou seja, pensamento em Deus e em Cristo, especialmente, em seus ensinamentos-atividade que se desenvolve no interior de cada pessoa. Por fim, para o grupo do CECOSNE²⁰, a espiritualidade não é humana, trata-se de coisa íntima que talvez passe. E ainda: significa estar próximo de Deus, ter com quem conversar (Deus), ter vida após morte. Vejamos o que diz Müller (2004, p. 21-22):

E em isto o sagrado não é para mim uma coisa. É alguém, não apenas um Tu, mas o meu Tu, na medida em que Tu entras em relação pessoal comigo e eu posso dizer-Te Tu. Assim o sagrado e “O Sagrado”, por um lado, se me opõem, mas, ao mesmo tempo, também podem envolver-me e tocar-me. Eles têm que me estar subtraídos. Têm que ter seu lugar fora de mim e fora de meu mundo. Têm que vir a mim de fora, agir sobre mim de fora. Eu posso

¹⁹ Comunidades virtuais: novo jeito de fazer diários, amizades, namorar etc.

²⁰ Ver categorização p. 179

continuar a não estar para eles assim como eles estão para mim. Esta diferença não pode deixar de existir. Assim como tem que existir também o desnível que ela acarreta. Mas o sagrado pode envolver-me e abranger-me. Consegue colocar-me sob sua influência. Pode tocar-me. Eu sou sensível ao sagrado.

Assim, enquanto alguns negam qualquer tipo de experiência com o sagrado, outros buscam fazer sua experiência com o sagrado – momento forte de evolução espiritual, marcados pelo desejo de ser e estar no mundo à procura da auto-afirmação espiritual. Além do mais, aí surge a idéia de que Deus é pai, amigo, sobretudo é aquele que ajuda e protege, ou seja, é força vital do mundo. O começo da “autonomia” (própria lei) – distanciando-se da “heteronomia” (a lei dos outros) – dá início à auto-afirmação da personalidade do pré-adolescente e também repercute em sua relação com Deus, afirma Libório (2006). A juventude e os adolescentes estão todo tempo buscando, ao seu modo, marcar o encontro com o sagrado e, dessa forma, descobrir o quanto é gratificante quebrar mitos criados em torno do sagrado que, por muito tempo na história da humanidade, fora concedido.

De acordo com Frankl, a experiência espiritual pode ser inconsciente. Vejamos sua opinião:

Numa segunda fase de desenvolvimento, a análise existencial fez uma investida pelo campo da espiritualidade inconsciente. Da mesma forma que a logoterapia, como aplicação clínica da análise existencial, acrescentou o espiritual ao psicológico (que era até então praticamente o único objeto da psicoterapia), ela passou a aprender e ensinar a ver o espiritual também dentro do inconsciente, algo como um *logos* inconsciente; ao id, como inconsciente instintivo, foi acrescentado, como nova descoberta, o inconsciente espiritual. Com esta espiritualidade inconsciente do homem, que qualificamos como inteiramente pertencente ao eu, descobrimos aquela profundidade inconsciente, onde são tomadas as grandes decisões existencialmente autênticas; a partir disso deduzimos, nem mais, nem menos que, para além da consciência da responsabilidade, ou responsabilidade consciente, deve existir algo como uma responsabilidade inconsciente (2004, p. 47).

Os jovens e os adolescentes, mesmo sem saber definir a espiritualidade, consideram-se pessoas espiritualizadas. Vejamos o que alguns manifestaram: amor a Deus, fazer coisas boas, paz interior, estar bem com Deus. (CSJ). Preferencialmente o amor a Deus e ao próximo e o exercício da caridade (FAFIRE); fazer os outros alegres, seguir as normas da Igreja, ser caridoso, ajudar ao próximo, respeitar os pais, seguir os mandamentos da Bíblia, enfim, freqüentar a igreja e proporcionar o bem (CECOSNE). Em síntese, a espiritualidade

vivenciada e demonstrada na práxis, distante das regras e ritos programados pelas instituições, permite à juventude encontrar o caminho e a força de ser constantemente espiritualizada.

4.3 Uma igreja institucional espiritualizada na concepção juvenil

A Igreja sempre buscou formas de estruturar a prática espiritual em seus espaços considerados sagrados. Neste contexto, vejamos alguns modelos de espiritualidade praticadas pela igreja institucional eclesial. Conforme o dicionário de espiritualidade, “não existe experiência que não esteja estruturada; não existe vivência eclesial que não esteja informada. (1993, p. 546) Assim sendo, Igreja antiga é aquela do período patrístico, no qual estão presentes os seguintes elementos liturgia, sacramentos, experiência do martírio, necessidade pastoral, pregação apostólica, sentido eclesial e o diálogo com a cultura.

Na visão da juventude, a Igreja espiritualizada deveria estar em comunhão com Deus e com os outros, cujas diferenças não fossem obstáculos para participarem dos sacramentos (CSJ); deveria atender as bases menos favorecidas, proporcionar-lhes relacionamento maior com Deus e com o outro, principalmente possibilitando a discussão da práxis, uma vez que a Igreja permite o uso do livre-arbítrio; não impor regras, mas dar orientações à humanidade e aos padres, os quais devem estar mais próximos de seu rebanho (FAFIRE); enfim, deveria ser o caminho da salvação e da realização do projeto de Deus na humanidade (CECOSNE).

Portanto, na opinião dos adolescentes e dos jovens, a Igreja espiritualizada deve manter a relação entre o homem e o sagrado, todavia sem perder de vista a realidade dos humanos, ou seja, espiritualidade que contribua para o desenvolvimento das pessoas e, cada vez mais, para o crescimento da sociedade. Para tanto, ela deve valorizar a pessoa do outro e as diferenças religiosas, em virtude da existência de diferentes correntes de espiritualidade dentro da própria Igreja. Logo, a concepção juvenil fica bem clara: a valorização das diversidades religiosas, porque Igreja é comunidade que agrega diversas pessoas com diferentes modos de pensar e personalidades. A espiritualidade, nesse sentido, contribui com um olhar humano sobre as diferenças, sobretudo, com a solução dos conflitos. Essa Igreja, portanto, deve responder às necessidades da comunidade, de forma que não se transforme apenas em lugar de ritos sem significados e o povo, principalmente o público juvenil, possa descobrir e redescobrir os valores dos ritos na celebração com a graça da experiência em relação ao sagrado e, assim, alimentar sua prática espiritual.

Embora constitua uma comunidade religiosa, uma comunidade de fé, a Igreja não deixa de ser uma comunidade humana. O que de fato constitui uma comunidade humana? Segundo alguns autores, é uma comunidade que chega à sua realização pela conjunção de quatro componentes estreitamente relacionados entre si. Esses elementos constitutivos devem ser comuns a todos os seus membros. Primeiramente uma experiência partilhada por todos, o que implica situações existenciais com seus desafios atingindo a todos, plasmando assim uma história comum. Em seguida, seus membros devem dispor de compreensões e avaliações da realidade também comuns, inclusive das experiências acima mencionadas. E, finalmente, se requer compromissos e decisões comuns em vista de valores comuns para que essa comunidade se torne efetiva. (MIRANDA, 2006, p. 130)

A comunidade significa unidade, vida, amor, perdão etc.; nela, há pessoas que vão buscar algo, ou seja, o sentido da sua existência no mundo e sua experiência religiosa. Para os adolescentes e os jovens, da mesma forma, a Igreja tem que ser agradável, acolhedora, para a qual eles possam ir a qualquer momento e deixá-la sem temer. Então, se a Igreja, de fato, não assumir o papel de comunidade, isto é, lugar de formação humana e lugar de experiência com o sagrado, ocorrerá enorme evasão por parte da juventude. Ademais, convém considerar, a experiência espiritual pode ser concebida em qualquer lugar, tendo apenas o indivíduo a vontade de recomeçar sua caminhada no mundo concreto, com altos e baixos, com perdas e ganhos, porque a vida é dinâmica.

Por isso, a Igreja espiritualizada, humanizada, vai compreender melhor a crise de pertença juvenil e, por conseqüência, buscar meios para ajudar os jovens e os adolescentes a se firmarem, formarem sua espiritualidade e, assim, poderem contribuir diretamente com a Igreja como protagonistas de uma comunidade que acolhe, promove e estimula a juventude. Para o público juvenil, pertença à Igreja (comunidade de fé) significa receber orientações, fazer amizade, proporcionar o bem, mas, sobretudo, fortalecer a fé, o relacionamento com o outro e com Deus (CSJ)²¹. Os jovens que participavam da comunidade de fé exprimiram: “É no relacionamento comunitário que descobrimos verdadeiramente o crescimento pessoal e espiritual, principalmente o testemunho de vida” (FAFIRE)²²; “É bom participar da Igreja, pois vou às comemorações, é lugar de aproximação de Deus, proporcionar o bem, partilhar as experiências etc.” (CECOSNE).²³

Os jovens, atualmente mais bem equipados a nível intelectual, deveriam saber reagir contra a fascinação da exaltação misticóide. Terão, porém, que encontrar nas igrejas não só ajuda mais inteligente para consolidar racionalmente suas convicções de fé, mas também o calor do encontro

²¹ Ver categorização na p. 156.

²² Ver categorização na p. 168.

²³ Ver categorização na p. 179.

comunitário (que se torne juvenilmente festivo mediante a colaboração de meios expressivos atraentes, como a música e o debate democrático), onde encontre sua satisfação a necessidade “inata” de experiência religiosa e ao mesmo tempo social. (SIERRA, 1993, p. 642).

A juventude busca uma Igreja espiritualizada que contribua para sua vida dentro e fora dos espaços considerados sagrados. Os jovens e os adolescentes vivem em um tempo em que os valores estão invertidos; ser espiritual tem que ser do jeito de cada um, a espiritualidade deve atender as suas necessidades – de afetividade, crises familiares, estruturação psíquica e auto-afirmação no mundo inacabado –, enfim, a espiritualidade deve construir relações interpessoais nas quais eles possam fortalecer suas identidades espirituais.

Um novo tempo de esperança e alegria de num mundo em secularização traz novos ventos para o fortalecimento da espiritualidade, possibilitando a volta dos jovens e dos adolescentes à Igreja. É o tempo de superação de crises e novas perspectivas, sobretudo de possibilidade de novas metodologias que lhes permitam desenvolver suas experiências espirituais. Martelli (1995, p. 292-293), afirma:

No plano individual, a secularização é a perda de plausibilidade da Religião institucional pela visão do mundo pessoal. Na sociedade moderna, que é pluralista, a definição da realidade dada pelo *sacred cosmos* (cosmo sagrado) não é mais perceptível pela totalidade da população. Para Berger, a secularização está em estreita relação com o processo de “pluralização” das escolhas, isto é, com a oferta diversificada de modos de vida, torna possível pela multiplicidade de instituições, cada qual com finalidades diferentes e normas específicas, que caracteriza a sociedade moderna. Essa pluralidade de modos de vida, valores e normas institucionalizam, em nível societário, o “imperativo herege”, isto é, impõe necessidade aos indivíduos uma escolha entre crenças e valores diferentes e até contrastantes. O resultado final é do ponto de vista social, a compartimentalização das escolhas, que implica a relativização das pretensões de plausibilidade propostas por cada uma das instituições.

A necessidade de auto-afirmação por parte de muitos adolescentes e jovens tem levado a que a experiência espiritual juvenil, em muitos casos, produza certo impacto na construção da identidade religiosa, ao mesmo tempo, alguns não querem experienciar o sagrado institucional e certo grupo busca colocar em prática a vivência espiritual sem perder de vista sua autonomia no mundo que não pára de evoluir. “A religião também é um campo de experimentação e de escolha para os jovens, mesmo que em todas estas áreas da vida as decisões não sejam definitivas e irreversíveis.” (RODRIGUES, 2007, p. 70).

O tempo atual é propício às mudanças nas estruturas espirituais da Igreja institucionalizada, as quais podem proporcionar aos adolescentes e aos jovens experiência

autêntica e adequada a essa fase de transição, de busca espiritual. Tal experiência pode também proporcionar o encontro entre eles em uma igreja institucional onde o diálogo e a escuta sejam os pilares da nova espiritualidade que ressurge da coragem de mudar as estruturas, sem perder de vista o centro da espiritualidade.

O grupo respondeu à seguinte pergunta, pensava que pertencer à Igreja significasse? As respostas foram: Conhecer mais sobre Deus e seus ensinamentos, ajudar mais o próximo, principalmente, aos mais necessitados, possibilitar o crescimento religioso e espiritual (CSJ)²⁴; é uma possibilidade de enxergar o mundo melhor, de aprender os princípios e valores fundamentais para uma vida cheia de virtudes e discernida (FAFIRE)²⁵; a Igreja vai ganhando vida para Jesus, quando abre suas portas para a juventude, sobretudo não custa nada adorar a Deus e testemunhá-lo na práxis, por isso faz-se necessário, é importante pertencer a uma Igreja (CECOSNE)²⁶.

Os jovens e os adolescentes têm visão clara da importância de uma Igreja espiritualizada (mesmo atingida pela secularização) que assuma seu papel na vida das pessoas e contribua para o desenvolvimento humano e da sociedade. Afinal, responder às necessidades dos indivíduos é ato de admiração e respeito para com estes. Além do mais, o espaço da escuta e da acolhida torna-se para a juventude lugar de realização e de protagonismo da vivência do sagrado. O ser humano é consciência, liberdade, fonte de valor. Toma consciência de sua dignidade, de sua capacidade de decisão, de sua autonomia. (LIBÂNIO, 2000, p. 43). Portanto, é tempo de refazer as relações espirituais entre a Igreja e a juventude, pois os jovens que participam da comunidade de fé exprimem: “É no relacionamento comunitário que descobrimos verdadeiramente o crescimento pessoal e espiritual, principalmente o testemunho de vida.” (CECOSNE)²⁷.

4.4 Juventude com sede e onde está o poço espiritual?

Diante do afastamento da juventude, a Igreja busca caminhos a fim de satisfazer-lhe o desejo de voltar às fontes espirituais, pois os humanos sempre estão à procura de algo que os impulse para frente do seu tempo, da sua existência, o que é a característica forte da juventude (mudança).

²⁴ Ver categorização p. 156.

²⁵ Ver categorização p. 168.

²⁶ Ver categorização p. 179.

²⁷ Ver categorização p. 179.

À proporção que a juventude caminha e busca novas experiências, surge o desejo de saciar sua sede de afeto, justiça, amor, escuta perdão, espiritualidade etc. Quais águas estão bebendo os adolescentes e os jovens? Onde estão buscando água? Quem está fornecendo a melhor água? Que tipo de água os jovens desejam para saciar sua sede? A expectativa de resposta é enorme, mas a carência de resposta também, daí a necessidade de a juventude ser co-autora nesse processo de resposta institucional, em razão do seu desejo de contribuição para uma Igreja mais forte e mais preparada.

À medida que os adolescentes e jovens buscam algo para dar significado à sua existência no mundo, o viver vai organizando-se, estruturando-se, dando sentido à busca. Para tanto, é fundamental identificar a fonte onde eles vão buscar respostas para seus anseios. Nessa busca, há um caminho a ser avaliado e quem vai proporcionar o encontro, levando, sempre que possível, em conta os seguintes métodos: ver a realidade dos adolescentes e jovens, julgar o momento e avaliar com sabedoria as ações a serem tomadas diante do desejo de eles optarem por nova fonte que sacie suas sedes interiores e exteriores, individuais e coletivas, fora ou dentro dos espaços institucionais.

De acordo com Rosanna, a experiência passa pelo processo de tomada de consciência e tomada de decisões adequadas ao momento em que os adolescentes e jovens se encontram.

Por tal motivo desejam ter experiências disso de forma consciente, ou seja, conhecer e julgar para agir depois: ler nosso tempo, avaliar situações, pessoas, acontecimentos, relações, instituições e agir, fazer, mudar; por isso, mostram-se especialmente sensíveis para captar as causas mais macroscópicas da mudança, para assinalar suas problemáticas e para descobrir suas conseqüências. (ROSANNA, 1993, p. 643)

As diversas expressões juvenis que podem ocorrer durante o processo dessa busca pela fonte espiritual podem proporcionar experiências no cotidiano, a qual tem alguns pontos que podem contribuir com essa busca. Rosanna fala de tais experiências a seguir:

A experiência da racionalidade – À medida que a sociedade se foi desenvolvendo sob o aspecto tecnológico e burocrático, isto é, com o progresso da racionalização. E os jovens experimentaram frequentemente suas conseqüências absorvendo lentamente o espírito da lógica do ter, da dinâmica do carreirismo ou da competitividade exagerada, da marginalização estrutural, da confusão dos valores. Daí decorreram desequilíbrios, tensões, solidão, frustrações, tal como já havia previsto, por outro lado, a sociedade racionaliza. Dentro deste contexto, é de suma importância preparar os jovens para o reto uso da racionalidade [...] esta preparação traz consigo a tomada de consciência dos numerosos

condicionamentos socioculturais a que o jovem está sujeito, os quais tendem a enfraquecer sua liberdade.

A experiência do pluralismo – A sociedade pluralista, isto é, a sociedade que protege o pluralismo como valor que gera regime de competitividade cultural, suscita para os jovens problemas e possibilidades nada indiferentes. Os jovens exigem independência diante de tradições, normas, instituições e autoridades de todo tipo, a fim de realizar a experiência da permissividade e da anomia. [...] Tudo isso não tira dos jovens a possibilidade de observar nestes terrenos pluralistas tão caóticos certas sementes fecundas que poderiam fazer germinar a sociedade nova para o homem novo. Descubrem, por exemplo, a necessidade urgente de voltar ao essencial, de se apropriarem de si mesmos, de encontrar um sentido profundo para a existência, de se abrirem à esperança que transcenda as necessidades imediatas e a vulgaridade do cotidiano, e de exigir a proeminência dos valores sobre as estruturas.

A experiência da secularização – Entendida como a tradução do comportamento de certas orientações de valor extraídas de alguns grupos de pertença e de referências - e diante de determinado número de experiências juvenis na sociedade pluralista e racionalizada de hoje, entramos agora na parte viva do problema da secularização. **a)** A experiência do dissidente. As experiências da ‘dissidência’, próprias dos grupos juvenis que aceitam as teorias da inutilidade ou da morte da religião sem mais ou menos, apresentam multiplicidade de expressões que vão desde a oposição indiscriminada e aberta à Igreja até a corrosão subterrânea dos valores religiosos. **b)** A experiência do comprometimento. A experiência do jovem comprometido, ainda raro na sociedade atual por ser incômoda, inteligente e inquietante, é própria dos jovens que perderam e experimentaram, e talvez tenham sofrido o impacto da sociocultura na religião católica, mas que souberam também intuir a vitalidade que lhe é própria e que se tem vindo expressando – a partir, sobretudo do Concílio Vaticano II – por meio de propostas concretas em favor do homem e da sociedade (1993, p.643-646).

Enfim, a juventude tem sede e deseja beber, todavia passa a vida a se questionar onde encontrar a fonte para o reencontro com o sagrado. Além do mais, a busca fundamental que perpassa pela crise de pertença juvenil leva a Igreja a verificar sua função de ordenar e organizar os ritos, que, muitas vezes, não despertam na juventude a chama do amor pela pertença a uma religião. Faz-se necessária, então, nova metodologia que desperte a simpatia com a religião, sobretudo com a vivência religiosa e transcendental.

De acordo com Libório (2006), a tão sonhada experiência favorece os jovens e adolescentes com a liberdade e a possibilidade de olharem para si mesmos e descobrirem a possibilidade de viver a sua experiência de forma consciente e, assim, contribuir para outros poderem encontrar-se também. O encontro com a fonte marca, na vida de quem busca resposta, a possibilidade de tornar-se processo constante de viver novas experiências. O que significa mesmo experiência na vida cotidiana? Quais pontos são significativos no processo da experiência? Como fazer da busca pela fonte uma profunda experiência espiritual? O ponto de vista de Valle é:

Do ponto de vista etimológico, o vocábulo “experiência” tem vários significados, nascidos mais do cotidiano do que da especulação. A palavra “portuguesa” “experiência” vem do grego *empeiria*, matriz de “empírico” e de “empirismo”, que pelo latim *experientia* acabou gerando nosso termo “experiência”. São muitos os sentidos que o senso comum atribui à palavra “experiência”. Em seu significado mais básico, refere-se à apreensão que os sujeitos fazem da realidade. Tem a ver com a forma de sentir, conhecer e fazer do sujeito. É um modo imediato de “saber” que antecede ao enjuizamento reflexivo do sujeito apreendido. Um segundo sentido relaciona a experiência ao traquejo e à prática de alguém em determinado campo. (1998, p. 37).

Portanto, a igreja institucional que fez a opção pela juventude deve proporcionar-lhe experiências que marquem a vida deles, momentos fortes em suas vidas e alguns momentos de experiência do encontro com a água da vida: ‘Eu sou água da vida quem beber da minha água jamais terá sede’ (Jo 4, 10).

Uma vez encontrada a fonte, que é inesgotável, os jovens poderão beber ou não da água da vida, respeitando-se o estado de consciência de cada indivíduo, pois ali as relações humanas com o sagrado são refeitas. Identificando o lugar de encontro e relações refeitas, Paula Frassinetti, ao ver no outro a presença viva do sagrado encarnado na vida humana, assumiu a postura de serva.

A vida de Paula Frassinetti foi marcada por gestos concretos na vida pessoal e comunitária, sempre se dispondo a ajudar o outro a se encontrar na vida e fazer sua experiência. Um gesto forte ocorreu quando ela assumiu certa postura diante do exército dos garibaldinos, os quais, em sua época, tinham a missão de destruir igrejas, conventos e tudo que estivesse relacionado à religião – época de grandes perseguições religiosas. Certo dia, o convento das irmãs foi invadido pelos garibaldinos que pediam água. Naquele momento, envolvida pelo desejo de ajudar e de não lhes ser indiferente, ela os levou até o poço e ali saciaram a sede. Assim, colocou-se como serva diante da vida, não importava a quem servia. Aquela atitude de humanidade deve ter chamado a atenção do exército dos garibaldinos, que estava em missão inversa à de Paula Frassinetti, que era a de cuidar da vida e proporcionar vida com dignidade para os jovens, crianças e mulheres esquecidas pela sociedade. Então, na noite em que os garibaldinos saíram para continuar a missão de destruir, ateando fogo pela cidade, Paula Frassinetti estava na varanda. E, por algum motivo forte, eles não queimaram aquele convento onde foram bem recebidos e se saciaram. O poço foi o lugar de encontro e de experiência. Um simples gesto fez a diferença na vida dela e dos garibaldinos.

Portanto, a forma de viver, a experiência com o sagrado na vida cotidiana e como Paula Frassinetti fez opção em ser serva da vida por meio de gestos humanos capazes de transformar vida sem sentido em vidas bem vividas constituem nossa base para este estudo.

Paula Frassinetti, optar pela Igreja, fé-lo pela via do coração e do amor, assumindo a missão de se colocar a serviço da juventude. Nos capítulos a seguir, mostraremos, com mais clareza, quem foi essa mulher, como fez sua opção pela vida consagrada – educar e contribuir com a sociedade. Mulher espiritualizada e centrada no Cristo eucarístico, elegeu como meta pessoal comunitária colocar-se à disposição da vida, de modo que as pessoas pudessem se encontrar como um todo. Dessa forma, ela foi dispondo-se a serviço da Igreja, da educação, da sociedade, da família, principalmente, da juventude.

Também nos próximos capítulos, faremos uma ponte da experiência espiritual e mística de Paula Frassinetti com a juventude que silenciosamente está buscando encontrar-se no seu tempo real e forte, ser compreendida na sua formação constante e ter a intuição de perceber como Paula Frassinetti pode, nos dias atuais, contribuir com a formação espiritual em tempos de grandes mudanças mundiais. O tempo dará conselho... (PAULA FRASSINETTI, CARTA 426, 4)

5 A ESPIRITUALIDADE DE PAULA FRASSINETTI E SUA OPÇÃO PELA JUVENTUDE

Exemplo de vida, Paula Frassinetti, amiga da juventude, das crianças, das mulheres, mulher para hoje, viveu à frente de seu tempo, pois, numa época de grandes impasses quando o cotidiano italiano sofria profundas transformações sobre testemunhar a presença de Deus, fez a opção preferencial pela causa da juventude, sobretudo lançando nova metodologia – modelo para a época, para o hoje e para o amanhã – de como trabalhar, cativar e amar os jovens de forma transformadora por meio de sua espiritualidade.

5.1 Quem foi Paula Frassinetti?

A vida humana começou a ter sentido desde o seu nascimento. Isso é válido para Paula Frassinetti, que nasceu no dia 03 de março de 1809, na cidade de Gênova, Itália. Filha de Baptista Frassinetti, homem de princípios cristãos, e de Ângela Maria Benedita Viale, mulher temente à vontade de Deus, a qual consagrou a família ao coração de Jesus e a Maria. Compunham ainda a família quatro irmãos, que, mais tarde, seriam todos padres: Paulo José Maria Frassinetti, João Frassinetti, Francisco Frassinetti e Rafael Frassinetti.

Enquanto Paula Frassinetti crescia num lar onde o amor fluía entre seus pais e irmãos, ela, na inocência de criança, absorvia princípios que a ajudariam a enfrentar, com esperança e coragem, a perda da sua querida mãe, que a deixara, aproximadamente, com nove anos de idade. Nesse período, consagrou-se, por inteiro, ao coração imaculado de Maria. Assim, foi transformando-se em menina grande, na menina dos olhos do pai e dos irmãos da casa, que assumiu com toda força, para cuidar dos queridos familiares. Tinha, portanto, na família, a força para se tornar grande mulher. E foi o que aconteceu: surgiu uma mulher movida pela oração e amor incondicional a Cristo, com fé centrada no evangelho e nos ensinamentos pedagógicos de Jesus Cristo. Podemos afirmar que sua espiritualidade era cristocêntrica.

Podemos nos indagar: como era o tempo em que Paula Frassinetti nasceu? Como a sociedade reagia diante da religião? Iniciava o séc. XIX, tempo de transformações na sociedade italiana e no mundo, sobretudo, com surgimento da indústria, mudanças de

comportamentos etc. Diante de tudo isso, Paula Frassinetti assumiu o compromisso de uma formação humana mais justa e igualitária, na qual as pessoas vivessem protegidos pelos pilares de justiça e da paz. Isso resultou da formação dentro da família. Assim, foi construindo seu saber e formulando seus sonhos, sempre acompanhada da boa vontade de contribuir com dias melhores para outras pessoas, principalmente, para a juventude e as mulheres.

Aos 25 anos, optou, por meio do coração e do amor, pela vida consagrada com mais cinco companheiras. Inspiradas pelo amor de Deus por suas criaturas, resolveram fazer de suas vidas verdadeira oferta ao serviço do reino de Deus, assumindo a missão de educar pela via do coração e do amor. De acordo com Teixeira, o coração para os místicos significa lugar forte de grandes experiências, e não seria diferente com Paula Frassinetti: envolvida por uma intuição maior, escolheu o caminho do coração para chegar ao universo particular do seu próximo; apaixonada pela vida, assumiu caminhar envolvida pelo amor maior ao sagrado e ao seu projeto de vida – a via escolhida foi a do coração, onde nascem os sentimentos verdadeiros pela vida, lugar de perdão e de reencontro com o universo.

O caminho a ser seguido é o da purificação do coração. No cristianismo, os “puros de coração” são bem-aventurados (Mt 5,8) e avançam no caminho da vida espiritual. O mesmo ocorre nas outras tradições religiosas, que apontam a importância da bondade do coração, capaz de compaixão (budismo) e do desatamento dos “ nós” do coração (hinduísmo) para o aperfeiçoamento da vida interior. Na tradição judaica, o coração revela o que há de mais íntimo na personalidade. “Para o místico persa Rûmî, um dos grandes mestres da tradição mística do islã (sufismo), o coração é o “ lugar onde se elevam os raios da lua e a abertura das portas (da Realidade) para o místico”. O coração é um símbolo muito precioso nas três tradições abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islamismo). É nele que se enraíza a vida espiritual. Trata-se de um símbolo marcado por uma extraordinária “riqueza plurivalente”. De acordo com Luce López-Baralt, a tradição sufi destacou o coração como órgão marcado por perpétua transformação (taqallub), sendo extremamente receptivo às diversas formas de teofania, ou manifestação de Deus. Trata-se do “órgão sutil de percepção mística, entendido como receptáculo cristalino e protéico capaz de refletir todas as epifanias ou atributos de Deus: a inacabável, infinitude manifestação da Divindade na morada da União”. (2005, p. 22)

É no pulsar do coração que Paula Frassinetti e suas companheiras fizeram a bússola da vontade de Deus num gesto de confiança e de humildade, reconhecendo o outro na sua história de vida. Isso possibilitou-lhes desenvolver o espírito verdadeiro nos próprios corações, despertar o desejo de serem fochos ardentes no mundo em crise e destacar a crise de fé e de pertença religiosa. Paula Frassinetti, na verdade foi uma mulher à frente do seu tempo,

guerreira, amiga, corajosa, forte e suave, mulher espiritualizada. Envolvida pela crença no próximo, alimentou a crença de que o outro é um ser importante – tempo em que o sagrado já não era mais o centro da vida dos humanos. A religião já não respondia às necessidades espirituais em virtude de grandes transformações nos valores éticos e religiosos. Inspirada por força maior, centrou seus objetivos no resgate da vida humana, excluída pelos desenvolvimentos desenfreios da sociedade em transição. Aquela época pedia atitudes coerentes, pautadas no respeito ao outro, principalmente em relação ao jovem sem espaço para desenvolver suas habilidades intelectuais e culturais e à mulher marginalizada, esquecida pela sociedade dominada por homens com idéias machistas e excludentes.

No dia 12 de agosto de 1834, Paula Frassinetti, envolvida pelo desejo de contribuir com o resgate da dignidade dos jovens e mulheres, vendo na educação a esperança de novo tempo a ser reconstruído pela coragem e o amor pelo seu semelhante – para ela, a própria imagem de Deus vivo – fez da educação a porta do conhecimento gerador dos seres humanos, possibilitando-lhes protagonizar a história e se comprometerem com a vida humana. Ela seguiu os passos do Mestre.²⁸ Aproximou-se dos semelhantes pela dimensão do amor, do diálogo, da escuta, da suavidade, do respeito, da acolhida, colocando essas dimensões a serviço da vida. A educadora Paula Frassinetti estabeleceu a sua opção pedagógica: “Educar, para nós, significa deixar-nos possuir pela pedagogia de Jesus Cristo” (CONSTITUIÇÃO. 26).

Aqui e agora, começa uma viagem no tempo, no sentido de sabermos como uma jovem simples conseguiu enxergar na juventude um lugar de hierofania do sagrado. Na verdade, tinha pela juventude verdadeira admiração e amor. Tudo que realizou e deixou para as gerações seguintes darem continuidade ao projeto de uma vida inteira foi pensando no resgate da identidade social e religiosa da juventude. Dessa forma, reescreveria novo jeito de contribuir para com a formação dos jovens, para se compreender o fenômeno juvenil. Ademais nunca lhe faltou a coragem de lutar por uma Igreja que agregasse os jovens e dentro dela pudessem ser protagonistas de um tempo espiritual, fortalecendo, assim, a crença no sagrado humanizado.

Paula Frassinetti sempre demonstrou ter consciência da importância de seu instituto para a sociedade, sobretudo para com a juventude em tempos de negação da fé. Daí sua preocupação em contribuir com o desenvolvimento, pois, no século XIX, a irreligião avançava como forte temporal, desarrumando o que fora organizado ao longo dos anos, com

²⁸ Jesus Cristo, seu modelo.

tanto carinho. No meio dessa tempestade, ela desejou ser o abrigo para quem estivesse perdido, como confirmam suas palavras: “a irreligião vai avançando pelo que é preciso que nos empenhemos, a todo custo, em fazer o maior bem possível.” (CARTA.302, 3,4)

De acordo com Berger, a crise religiosa, quando explode, abre caminhos para o surgimento de várias denominações religiosas, com as mais diversas práticas espirituais. No tempo de Paula Frassinetti, ocorria irreligião, como hoje, ou seja, forte crise religiosa. Ela fundara o instituto com objetivo de contribuir para com a sociedade por meio da educação humana e religiosa. Convém lembrar que as transformações por que a sociedade passava geravam, inclusive, a crise de pertença religiosa nos fiés. Berger chama esse momento de secularização, conforme se percebe melhor no trecho a seguir.

A “crise de credibilidade” na religião é uma das formas mais evidentes do efeito da secularização para o homem comum. Dito de outro modo, a secularização acarretou um amplo colapso da plausibilidade das divinações religiosas tradicionais da realidade. Essa manifestação da secularização no nível de consciência (“secularização subjetiva”, se preferir) tem seu correlato a nível socioestrutural (como “secularização objetiva”). Subjetivamente, o homem comum não costuma ser muito seguro acerca de assuntos religiosos. Objetivamente, ele é assediado por uma vasta gama de tentativas de definição da realidade, religiosas ou não, que competem por obter sua adesão ou, pelo menos, sua atenção, embora nenhuma delas possa obrigá-lo a tanto. Em outras palavras, o fenômeno do “pluralismo” é um correlato socioestrutural de secularização da consciência (2003, p. 139).

Sua opção de vida foi motivada em contribuir para uma nova sociedade por meio da formação humana baseada na pedagogia de Jesus Cristo.

5.1.1 Paula Frassinetti e alguns retalhos do contexto histórico de sua época

Paula Frassinetti tinha convicção muito forte da sua opção de vida no mundo, o que era fundamental para lidar com as mudanças rápidas da época, conforme podemos inferir de uma das suas cartas: “Tenha os olhos fixos na bússola, para não bater com a cabeça nos escolhos. A bússola das Dorotéias é a vontade de Deus” (866,2). No tempo em que Paula viveu e trabalhou para contribuir para uma sociedade justa e humana, aconteceram alguns fatos importantes. Então, faz-se necessário situar, em linhas gerais o contexto histórico em que ela nasceu, cresceu e morreu.

O século XIX se caracterizou por profundas mudanças nas diversas áreas da sociedade, que não parava de crescer e desenvolver-se bem à frente dos seus olhos na península Itálica – hoje chamada de Itália, mas, na época, era uma simples reunião de

ducados, principados, repúblicas etc. A Europa, na primeira metade do mesmo século, oscilava entre as revoluções liberais (conseqüência da Revolução Francesa) e as tentativas de restauração do antigo regime absolutista.

Em relação à religião, em 1846, difundia-se na Itália um espírito anti-religioso. As Dorotéias eram perseguidas. Então, Paula Frassinetti resolveu ficar sozinha e enfrentar esse momento dramático. Confrontavam-se entre o Iluminismo, os católicos liberais com os ultramontanistas e a tradição papal. Na ciência, destacava-se a Física, de Newton; a teoria da seleção natural, de Darwin; o surgimento da fotografia com Daguerre; as leis da hereditariedade, de Mendel; a microbiologia, de Pasteur; o descobrimento da bactéria da tuberculose por Koch, entre outras grandes descobertas. Na filosofia, predominava o Racionalismo, de Descartes e Leibniz; o Empirismo inglês, de Locke e Hume; o Idealismo alemão, de Hegel; o Positivismo, de Comte; o Marxismo, de Karl Marx. Surgiram os filósofos responsáveis por matar Deus, como Nietzsche e o precursor do existencialismo, Kierkegaard. Na arte, o domínio e queda do Neoclassicismo; surgimento do Romantismo; exaltação ao racionalismo e aos ideais revolucionários; busca da liberdade individual; o espírito de liberdade de Beethoven; a melodia de Spontini e Weber.

Nesse contexto, Paula Frassinetti, envolvida de coragem, seguia em frente com seu projeto de vida. No cotidiano, ia aprendendo a lidar com as perdas e ganhos, porém sem desistir nunca de sentir no outro a presença viva do sagrado. Isso a ajudava a construir relações verdadeiras com a vida, a superar as crises da sua época e fixar o seu olhar no horizonte à frente, motivada para alegria de servir à sua Igreja e à sociedade.

5.2 Paula Frassinetti e sua opção pela igreja e juventude

Paula Frassinetti respondeu à crise religiosa juvenil da época com sua mística inspiradora e com a conduta também adotada hoje, no sentido de contribuir para espiritualidade dos jovens: “Já que os maus procuram corromper a juventude, procuremos, nós, salvá-la a todo custo.” (CARTA 302, 3.4). Ela, desde a infância, cultivava no seu coração um amor muito grande por Jesus Cristo e pelas pessoas, principalmente, crianças e jovens carentes. Ao mesmo tempo, a religião não era significativa nem para a elite, nem para as classes populares.

De acordo com Boff, a mística cristã está centrada em seguir os passos de Jesus Cristo.

A mística cristã, porque é histórica, orientar-se-á pelo seguimento de Jesus. Tal propósito implica um compromisso de solidariedade para com os pobres, pois Jesus incluiu-se entre eles e pessoalmente optou pelos marginalizados das estradas, do campo e das praças das cidades. Implica um compromisso de transformação pessoal e social, presente na utopia pregada por Jesus, do reino de Deus, que começa a realizar-se na justiça para os pobres e a partir daí, para todos e para toda a criação (BOFF, 1996, p. 21).

A espiritualidade de Paula se faz a partir de forte experiência de Deus em Jesus Cristo, espiritualidade de confiança e de entrega: “Estamos nas mãos de Deus, estamos muito bem” (Carta 607,6). Centrada a sua vida na rota do Cristo vivo e da ação pelo outro, ela percebeu no semelhante a imagem concreta do Jesus vivo, que se inculturou na realidade humana, sem perder de vista a identidade de filho de Deus e para que viera ao mundo.

Paula Frassinetti, como Jesus, optou pelos mais pobres, os marginalizados da época e concentrou o seu olhar na juventude, a fim de fazer a diferença na vida de cada um, pois acreditava que cada ser humano deveria ser amado, acolhido, respeitado e que tivesse oportunidade de se encontrar no mundo e fazer sua jornada consciente. Como se vê, mística que poderíamos chamar de corajosa, cheia de ensinamentos a qual proporciona espiritualidade sustentada na confiança e centrada no amor do Pai pelos seus filhos.

Que felizes somos nós, os cristãos! Não há circunstância alguma da nossa vida na qual não vejamos o nosso bom Jesus que vai adiante, ensinando-nos não só o caminho, mas também a maneira de o percorrer, sustentando-nos ainda nos passos mais difíceis. Portanto, coragem! (PAULA FRASSINETTI, 262, p. 6).

Para compreender melhor a mística de Paula Frassinetti, devemos entender o período em que ela fundou sua congregação e optou pela vida consagrada e pela espiritualidade cristocêntrica. Qual seria o modelo de espiritualidade do século XIX de acordo com Dumeige (1993, p. 506-507)?

A revolução francesa e as suas conseqüências invadiram a curto ou longo prazo os espíritos na Europa. O séc. XIX é assinalado por crises e guerras que apresentam a vantagem de estimular a espiritualidade dos cristãos, que em vários países reagem segundo suas tradições e seu temperamento nacional. Os princípios do século são muito humildes. Poderíamos dizer que todas as iniciativas espirituais deste século, seguindo a vereda da humildade. O cristocentrismo continua consolidando-se na devoção à Eucaristia sob múltiplas formas: a adoração, que se converte às vezes em “adoração perpétua”, é praticada por confrarias e inserida nas estruturas dos novos institutos religiosos. O movimento da comunhão freqüente se acentua como motu proprio de Pio X. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus penetra em numerosos ambientes sociais. As consagrações das famílias e de diversas

nações são os prelúdios da consagração do gênero humano, anunciada pela *Annum Sacrum* de Leão XIII, e acompanham outras práticas (à hora santa, a comunhão, o oferecimento do apostolado da oração). Fundam-se muitas congregações religiosas com as mais diversas finalidades, sob o título do Sagrado Coração. Também a espiritualidade e a devoção mariana experimentam interessantes impulsos teológicos ou práticos. Católicos também e animado de um zelo ardente de evangelização é o impulso missionário que se manifesta em novas congregações religiosas. A consciência cristã adquire dimensão universal. Também a vida religiosa manifesta sua vitalidade espiritual. Durante o sécs. XIX e XX fundam-se 168 institutos religiosos masculinos e 1.086 congregações femininas, cuja orientação, principalmente apostólica se especifica em obras de ensinamentos, de educação da juventude. O século possui muitos santos fundadores e santas fundadoras que, sensíveis a alguma grave necessidade da sociedade de seu tempo e estimulados pela graça, criam entre mil dificuldades instituições e obras que dão testemunho de que o amor de Cristo é inseparável do amor dos irmãos. Um dos traços significativos da espiritualidade do séc. XIX é a retomada de um cristianismo social.

Paula Frassinetti adotou a Igreja como parte de sua vida, o que implicou humildade e respeito aos princípios religiosos da época, porém – o mais importante – sempre centrada na mística do evangelho e Cristo como o modelo ideal para conduzir o instituto cujos princípios básicos são o espírito de união, de mansidão, de suavidade e de caridade.

Paula Frassinetti tinha, dentro de si, o sentido de pertença muito consciente sobre a sua opção de vida consagrada ao serviço do reino de Deus por meio da Igreja, conforme se percebe na Constituição escrita por ela mesma no ano de 1851,9 cap. IV, p. 63,9: “O Instituto professará em todas as ocasiões um acatamento, devoção e obediência à Igreja.” Portanto, para ela, o que importava mesmo era progredir, sem perder de vista o desejo de contribuir com a Igreja para o resgate e formação da juventude, esquecida pelo poder público da época e semelhante ao nosso tempo.

A fundadora soube lidar com as mudanças no comportamento da juventude sem, em nenhum momento, perder de vista a essência do seu semelhante. Veja-se o exemplo das jovens do conservatório de *Rippeta*²⁹: foi preciso trabalho de equipe e muita esperança no ser humano, para não desistirem nunca.

Na intuição pedagógica da educadora Paula Frassinetti, o amor ao outro contribuiria no processo de formação que pudesse gerar, nos indivíduos, mudança, eles pudessem contribuir para a sociedade se tornar justa e coerente, resgatando – se a esperança nas pessoas. Dessa forma, ela com suas irmãs contribuía diretamente com a Igreja da época, fazendo da sua existência um somatório de atitudes inspiradas na luz do evangelho. “Seja

²⁹ Reformatório de jovens meninas. Paula Frassinetti o recebeu com a missão de reestruturá-lo. Com conversas e atitudes humanizadoras, despertou nas educandas respeito e afeição.

verdadeira missionária nessa casa e nesse país; pregue muito com o bom exemplo e pouco com as palavras”. (CARTA. 708,8)

De personalidade forte, ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, suave, manteve clara a missão da congregação. Com maturidade consciente e inspirada na vida cotidiana, fazia corretamente a leitura do seu tempo, de modo a contribuir com a Igreja e com a sociedade, amenizando os corações feridos pela ausência de afeto, respeito, educação, moradia, entre outras necessidades geradas por uma sociedade que, cada vez mais, valorizava o ter, e não o ser.

Paula Frassinetti olhava a pessoa humana como criatura criada por Deus para ser sal e luz no mundo e, juntando elementos como humildade, simplicidade, respeito, afeto, alegria, movimentava os seus sonhos que a impulsionavam a seguir em frente e caminhar em direção ao universo do seu semelhante. “Vê, no serviço da educação, a tarefa missionária de ajudar cada indivíduo a desenvolver todas as suas dimensões da pessoa humana, os seus dons e talentos recebidos de Deus” (CONSTITUIÇÃO, 1851). Ademais, estimulava nas irmãs a prática do bom exemplo para a contribuição na formação humana das jovens, pois acreditava que, muitas vezes, o exemplo é muito mais eficaz de que, mil palavras jogadas ao vento “Recomendo-lhe muito, muito a pregação efficacíssima do bom exemplo.” (CARTA. 681, 4).

É na Igreja que ela encontra força para concretizar seu sonho, colocar em prática sua intuição de educar pela via do coração e do amor, construindo tijolo a tijolo a Pia Obra³⁰, de modo a responder aos desafios da época. Como a fé cristã estava passando por altos e baixos e diante da indefinição do lugar da mulher leiga na Igreja e na sociedade, resolveu trabalhar no cotidiano com jovens e crianças. Assim, cada tijolo colocado na construção da Pia Obra fez crescer em Paula o serviço pela evangelização. Para a educadora, a Pia Obra “não é outra coisa senão a correção fraterna das meninas facilitadas e feitas com método próprio”(CONSTITUIÇÃO, 1851, p. 209), e o papel das irmãs é a alma que dá sentido à existência da Pia Obra.

A nossa participação na missão de Jesus Cristo concretiza-se no serviço ao crescimento integral do homem através da educação evangelizadora.

Pela nossa vocação na Igreja somos enviadas a evangelizar através da educação com preferência pela juventude e pelos mais pobres.

Na nossa ação educativa procuramos em fidelidade às orientações da Igreja, promover a justiça e a fraternidade universal. (CONSTITUIÇÃO, 1851, p. 5, 26, 27).

³⁰ A Pia Obra de Sta. Dorotéia não é outra coisa senão a correção fraterna facilitada e reduzida a método. Por si mesma, pede que as pessoas a ela dedicadas assumam um cuidado caridoso das meninas, do modo conveniente e segundo a variedade das circunstâncias que se apresentam. (CONSTITUIÇÕES, p. 55)

Quando se referia ao método próprio, queria dizer que a formação das meninas seguiria princípios humanizadores baseados no evangelho, respeitando o tempo de cada uma, o tempo de existência de cada indivíduo. “As pessoas não as podemos formar todas a nosso modo” (C.131,8). Sobre o método, afirmava:

O trabalho da Pia Obra torna-se facilitador pela formação de grupos pelos quais se distribuem todas as meninas. Deste modo, a cada uma das cooperadoras cabe um número reduzido de crianças que deve acompanhar e assistir. (CONSTITUIÇÃO,1851, p. 210).

Pelo exposto, percebe-se que ela fez uma aliança muito forte com a Igreja, seguindo as orientações da instituição, porém não perdeu de vista sua centralidade no evangelho, que constantemente lhe revelava que, quando se ama e a experiência é feita dentro de uma entrega sem medo e sem receios, é possível conseguir a transformação nas pessoas. Por isso mesmo, acredita-se que Paula Frassinetti tinha a convicção do que fazia:

Para nós, significa deixar-nos possuir pela pedagogia do Evangelho, que leva o homem a descobrir que é amado por Deus, a acreditar nesse amor e a crescer como pessoa até a plenitude da maturidade em Cristo. A nossa participação na missão de Jesus Cristo concretiza-se no serviço ao crescimento integral do homem através da Educação Evangelizadora... mantemos vivo o espírito para discernir a ação de Deus na história e colaborar em cada situação concreta. (CONSTITUIÇÃO, 1851, p. 5, 26)

Paula Frassinetti desenvolveu sua espiritualidade consciente, com dimensão orante, dialógica, respeitadora, amorosa. Dessa forma, foi dando rumo a sua prática religiosa e atuando na sociedade, com base na mística real e experienciada no cotidiano, a qual não parava de evoluir nem de surgirem novos problemas de caráter religioso, econômico, político, social, ético, entre outros. Mesmo assim, seguia, superando os obstáculos. Quanto à sua espiritualidade, crescia forte e suave, capaz de envolver outras pessoas na prática espiritual – atuante na sociedade e respeitadora ao tempo de cada ser humano: “As pessoas não as podemos formar todas a nosso modo”. (CARTA. 131, 8)

5.3 Paula Frassinetti: mulher espiritualizada para seu tempo e para hoje

Paula Frassinetti foi uma mulher que optou pela vida dedicada ao outro numa sociedade excludente e que não consegue ver no outro a imagem de Deus revelada no cotidiano. Sua espiritualidade, portanto, é cristocêntrica?

Em espiritualidade, quando falamos de cristocentrismo, situamo-nos evidentemente no ponto de vista da experiência cristã ou da “vivência”; portanto, não simplesmente no ponto de vista da subjetividade cristã, da primazia e do lugar central que nela deve ocupar a figura histórica de Jesus Cristo, Filho de Deus e Salvador. Nossa exposição pretende antes captar e mostrar como, por direito e de fato, a referência radical do crente cristão à realidade de Cristo caracteriza, em geral, a fenomenologia do cristão e, em particular, as tipologias diversas, embora todas substancialmente homogêneas e coerentes, da fenomenologia cristã fundamental. Caracterização por direito e de fato, porque a experiência cristã não pode deixar de ser “cristica”, nem pode deixar de ser, a seu modo, um “saber” que é um “saber” de Jesus (FIORES, 1993, p. 243).

Quando alguém tem espiritualidade cristocêntrica, busca imitar os passos do Cristo e tenta colocar na vida cotidiana seus valores, no sentido de contribuir com a caminhada humana cristã. Podemos inferir, daí, haver modelos diferentes de espiritualidade cristocêntrica que, ao longo da caminhada da humanidade, influenciarão nas suas experiências com o sagrado. Alguns modelos dessa espiritualidade estão em Moiola (1993, p. 245-248):

“Cristocentrismo” monástico: A concepção da vida cristã como “imitação de Cristo”, sobretudo conforme se apresenta através da literatura do séc. XII, está muito carregada de sentimento. Toda a vida de monge aparece nela como um caminhar com Cristo; mais ainda: como uma tendência para assimilá-lo, a ser “conformado” com ele, a revivê-lo, na suposição de que “Cristo seja o sentido e o fundamento da história da salvação com mediador, dá volta às origens, a imagem divina ideal perdida em Adão e restabelecida nele”.

Cristocentrismo de imitação: a imitação da “vida” de Cristo. É um segundo e grande modelo de acesso ao “seguimento-contemporaneidade”. Imediatamente mais simples, acessível e “popular”, como às vezes se diz, é fácil que esteja ligado ao franciscanismo e à espiritualidade inaciana; com efeito, ambos se propunham construir a personalidade cristã sobre o “modelo” da vida “histórica” de Cristo segundo a narração evangélica.

Cristocentrismo beruliano: releitura beruliana do modelo monástico. Apresenta a espiritualidade do Cardeal Pedro de Bérulle como “monástica” seria, evidentemente, uma afirmação aventureira, e até injustificável. “Mas não deixa de ser verdade que sua meditação sobre a vida de Cristo pode ser considerada uma volta à reflexão monástica sobre Cristo como “forma” do cristão e, portanto, sobre a existência cristã como “reatualização” de Cristo.

Cristocentrismo da “cruz” nos séculos XVI - XIX: Referimo-nos a um modo típico de interpretar a vida ou a experiência espiritual em termos de “cruz”; aqui a “cruz” é, evidentemente, a cruz do crucificado (e, portanto, o mistério da paixão e morte histórica de Jesus); mas é também aquela “crucificação” interior que o discípulo deve aceitar pelo próprio fato de que o caminho que lhe é proposto é um caminho “na fé”. A fé (as exigências da vida de fé), a sabedoria da fé, a “desnudez” da fé, o “despojamento” interior (a nível afetivo, intelectual, sensitivo etc. que a fé requer, tudo isto é a “cruz” do cristão; é a associação radical e sintética com o Crucificado a que o cristão não deve fugir, porém antes vivê-la com um abandono e uma

confiança totais. Em substância, trata-se da “sabedoria da cruz” proposta aos “espirituais” e aos que aspiram a sê-lo.

Cristocentrismo do “coração”. Referimo-nos à chamada “devoção ao Sagrado Coração”, típica incidência “espiritual” que a consideração do coração de Cristo assume a partir do séc. XVII (João Eudes e Margarida Maria Alacoque), e que, percorrendo entre tensões e resistências, o séc. XVIII se transforma num fato que caracteriza a vida católica em geral ao longo do séc. XIX e dos primeiros cinquenta anos do séc. XX (Enc. Haurietis Aquas Pio XII, 1956)[...] .O “coração” que se considera é o da paixão e da cruz, de um lado, e o da eucaristia, do outro.

Paula Frassinetti cultivou sua espiritualidade baseada na tentativa de imitar os passos do Cristo, sobretudo na totalidade da vida divina e humana do Cristo, na vida pautada no silêncio e na ação. Tal espiritualidade, que a fazia não temer diante das dificuldades da existência humana, podia ser chamada de esperança, coragem, afeto e dialógica, porque estava envolvida pela alegria da vivência, pela experiência na práxis e pela descoberta de que é belo ver a vida por mais de um olhar humanizado. Essa espiritualidade dava sentido à sua existência, contribuía para com a formação das jovens educandas e orientava as irmãs a serem fraternas na hora de chamar a atenção de alguns erros cometidos entre elas e as educandas. Vejamos sua orientação:

Sendo a Pia Obra correção fraterna, as pessoas que a ela se dedicam não devem usar modos ásperos e castigos, nem reivindicar direitos e autoridade, mas usar boas maneiras e avisar com caridade fraterna (CONSTITUIÇÃO, 1851 p. 209).

Conforme podemos perceber, ela desejava uma espiritualidade que despertasse nas pessoas a experiência de respeito e afeto, fatores que geram a vivência pautada no diálogo e a compreensão de mundos diferentes, porém próximos pelas afinidades que completam uns aos outros.

Assim, ela foi buscar, nos exercícios espirituais, o cultivo para integrar – se na vida, aprender como é belo perceber que existir é transcendental e provoca vivência que marca a vida para sempre. Dessa forma, ela se pôs a caminhar, olhando a vida através da esperança que alimentava seu coração. Isso acontecia à medida que prosseguia amando seu próximo.

De acordo com Santo Inácio de Loyola (1548) *apud* Mota (2002, p. 25-26), assim se definem Exercícios Espirituais:

Os Exercícios Espirituais (EE) são frutos de um longo processo de amadurecimento espiritual, vivido por Inácio de Loyola, numa profunda

conversão. Eles constituem uma ação integral de toda a pessoa, cujo resultado é a renovação transformadora no seguimento de Cristo daquela que os faz. As vinte primeiras anotações dos EE ajudam-nos a compreender, de modo claro, sua finalidade e sua exigência para quem deseja fazer a experiência, considerada que, somente através de praticá-los, a pessoa poderá ver uma visão experiencial pessoal profunda, do seu sentido transformador, como afirma Santo Inácio na primeira anotação: “ *que por este nombre ejercicios espirituais se entiende, todo modo de examinar la conciencia, de meditar, de contemplar, << de orar, vocal y mental>>, y de otras espirituales operaciones según que adelante se dirá. Porque así como el pasear, caminar y correr son ejercicios corporales; por la misma manera, todo modo << de preparar y disponer el anima, para quitar de si todas las afecciones desordenadas, y después de quitadas para buscar y hallar la voluntad divina em la disposición de sua vida, para la salud del anima>>, se llaman ejercicios espirituales.>>* Desenvolve-se dentro de uma pedagogia orante em quatro semanas: as duas primeiras semanas constituem o núcleo principal do objetivo a ser alcançado, e as duas outras semanas têm a finalidade de integrar e aprofundar as duas primeiras à luz da realidade do mistério pascal de Cristo, isto é, conduzindo a pessoa à confirmação com Cristo e o mistério do seguimento de sua seqüela até à sua morte e ressurreição, libertando o homem de si mesmo das más inclinações e colocando ordem definitivamente na sua vida o leva a encontrar a vontade de Deus e a respondê-la numa eleição de vida.

Quem não ama não permite ser amado, acolhido, nega a existência do outro na sua vida. Paula fez a experiência contrária, amou e foi amada, respeitou e foi respeitada, integrou-se e foi integrada na vida. Alimentou sua espiritualidade com alegria e coragem de servir ao seu semelhante. “Fortalecida pelo espírito, a nossa consagração em fraternidade e serviço, com Cristo, na Igreja, para o mundo, anunciam a possibilidade de viver já o amor que permanecerá para sempre” (CONSTITUIÇÃO. 41).

O que significam exercícios espirituais? Qual importância deles para o aperfeiçoamento espiritual? O que significaram para Paula os exercícios espirituais? O que se faz necessário para compreendê-los através do tempo e como se estruturam? De acordo com Schiavone,

A expressão “exercícios espirituais” (EE) evoca idéias e imagens que entusiasmam uns e aborrecem ou entristecem outros. Encontro pessoal com Deus, conhecimento “espiritual” do Verbo encarnado, animação e direção do Espírito, busca e descoberta da própria identidade em Deus...são realidades vividas por quem teve a sorte de assistir a um curso de EE dirigidos e feitos com seriedade e compromisso. A expressão obteve êxito definitivamente com Inácio de Loyola³¹. Mas já antes os crentes se “isolavam” para refletir e rezar.

1) Na Bíblia: A comunidade cristã primitiva oferece não poucas experiências de EE. A mais interessante é a dos primeiros cristãos: Maria, mãe de Jesus, “perseveravam unânimes na oração”. Foi uma experiência magnífica e

³¹ Fundador da Companhia de Jesus (os jesuítas), em 1540, por Inácio de Loyola.

privilegiada de...EE feitos para dispor-se a receber o Espírito Santo, o “dom” que haveria de marcá-los e lançá-los definitivamente.

2) Antes de Santo Inácio: Os monges, já desde os primeiros séculos, se dedicaram aos diversos “exercícios” de oração e de vida cristã, bem isolados nos lugares ermos (ermitãos), de modo bem comunitário nas “Laura” (*anacoretas*) e nos mosteiros ou cenóbios (*cenobitas*).

3) As experiências de Loyola: a) Num primeiro momento, não se preocupou com o significado de tais estados de ânimo tão variados. “Assim que se lhe abriram um pouco os olhos e começou a espantar-se com esta diversidade e a refletir sobre ela, aprendendo por experiências próprias que com uns pensamentos ficava triste e com outros alegres, pouco a pouco passou que se agitavam: um vinha do demônio e outro de Deus”. Inácio descobriu um dos mais originais elementos constitutivos dos EE. b) Os ensinamentos de Manresa. Depois de narrar outras numerosas experiências, que registrará rigorosamente no livrinho dos EE, Inácio escreve: “Deus o tratava da mesma maneira com que um professor de escola trata uma criança, ensinando-lhe (1993, p. 379-380).

Paula Frassinetti percebeu, nos exercícios espirituais, o caminho para fortalecer o espírito, pois acreditava que ação por si só era vazia, daí a necessidade da oração que despertasse sinais de mudança para vida pessoal e comunitária. Na constituição de 1851, escrita por ela mesma, destaca-se a importância da prática dos exercícios espirituais:

Para adiantar na vida interior, que deve ser a alma do Instituto e sem a qual pouco se poderia esperar das obras de caridade que se dedicam, atenderão com grande empenho aos exercícios espirituais, sendo os principais uma hora de meditação diária, a Santa Missa, dois exames de consciência (o geral e o particular), a reza do terço e uma leitura espiritual. (CONSTITUIÇÃO, 11).

Paula Frassinetti, com a sensibilidade de ir sempre mais além das limitações humanas, percebeu a importância da prática dos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola por parte dela e das irmãs: durante a caminhada, seria necessário alimento para fortalecer-se e seguir em frente, no sentido de contribuir com o resgate da dignidade humana por meio da formação integral, dentro e fora das salas de aula. Assim, cada pessoa que passasse pelo instituto deveria ser chama ardente na sociedade. Ao lado disso, ela priorizou dois pilares que considerou de máxima importância para as irmãs: a humildade e a caridade.

Conviverá, quanto possível, fazer com devoção os ofícios em que mais se exercitam a humanidade e a caridade; e, duma maneira geral, quanto mais cada uma se unir com Deus e mais generosa se mostrar para com Ele, tanto mais generoso Ele se mostrará; assim, dia a dia, ficará mais bem disposta para receber maiores graças e dons espirituais. (CONSTITUIÇÃO, 1851, 23).

Paula Frassinetti estruturou sua vida espiritual e da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia nos exercícios espirituais, tendo em vista a experiência profunda com o Cristo ressuscitado na vida cotidiana, na dimensão transcendental que fortalecesse as práticas relacionais religiosas com a sociedade, no sentido de que cada um é diferente, mas nenhum indivíduo pode comportar-se como indiferente um do outro. Assim, outras pessoas podiam perceber, em seus hábitos espirituais, uma mulher autêntica, corajosa, consciente, amadurecida, fiel aos princípios cristãos e com espiritualidade encarnada na vida.

De acordo com Bingemer, pode-se dizer, ela passou pela via da sedução e chegou à experiência total com o sagrado concreto na sua existência total:

Encarnada, humana, portanto, particular, essa experiência é não menos, por isso, universal, total. Porque há necessariamente uma relação da opção cristã, sempre particular, com sua alteridade – ou seja, com o que não é ela, não porque se lhe oponha, mas porque a ultrapassa –, é que essa experiência pode reconhecer o Deus que é seu objeto de desejo e sua razão de ser. Reconhecer-se particular, histórico, é reconhecer a existência não apenas de si mesmo e suas limitações, é reconhecer a existência não apenas de si mesmo e suas limitações, mas também do outro, que é sinal do Outro que nada consegue abarcar, o Deus sempre maior. E assim, ao mesmo tempo em que experimentar Deus é não ver nada, não perceber nenhuma coisa particular, participando de uma visibilidade e uma “experimentabilidade” universal, é também, e não menos, ver, ouvir, tocar, em uma palavra, experimentar o Deus que se revela e manifesta na mais limitada das concretudes: na face e na carne do outro e no tecido histórico e social em que este outro vive sua condição encarnada e sua existência concreta. (1993, p. 61).

No plano de Paula, estava sempre a busca profunda pela experiência com o amor maior. Tal busca deveria ser um gesto envolvido de sentimentos capazes de fortalecer a expectativa pelo horizonte. Sempre agindo na gratuidade, empenhando-se em encontrar, nos exercícios espirituais, sinais do verdadeiro caminho e embalada pelo desejo de continuar a absorver, nos ensinamentos do evangelho, a luz para sua espiritualidade, fez da própria existência eterna aprendiz e apaixonada do Cristo, que se manifestava, de forma concreta, na face do próximo. O sagrado, então, revelava-se no outro. Isso se concretizou nas suas atitudes, gestos concretos de acolhida, amor e fidelidade para com os menos favorecidos.

Ao lado disso, ela rezava, praticava os exercícios espirituais e atuava na educação. Construiu, assim, a aliança da fé com a obra, uma completando a outra, o que lhe permitia enfrentar as dificuldades da época com o coração cheio de esperança e paz. Dessa forma, Paula Frassinetti teceu dentro de si a experiência vivida com o sagrado no cotidiano.

Ele se sente chamado por esse amor a uma re-criação, aspira a um renascimento, deseja uma nova vida, desde que aceite voluntariamente se submeter à Realidade absoluta e se perde nela. Então é a própria essência de seu ser que revela a seus olhos de homem sua verdadeira dimensão, na ofuscante luz de uma misteriosa relação entre o absoluto divino e seu eu, purificando enfim pelo amor que os une para sempre. (MESLIN, 1992, p. 338).

Portanto, não se pode conceber os exercícios espirituais como algo aplicável seguido por regras, porém prática que revela a vontade de Deus na caminhada do humano que se propõe amadurecer diante da própria experiência espiritual. De fato, a pessoa pode capturar a vontade Deus em dimensão verdadeira e perceber qual caminho a ser seguido: experiência que revela Deus não apenas como criador da criatura mas também como pai que cuida, acolhe e joga o jogo da vida com seus filhos – a experiência que possibilita o encontro do ser humano com seu idealizador no cotidiano.

Paula Frassinetti acentuava que a prática dos exercícios espirituais acontecessem de modo que as irmãs fortalecessem a experiência com o sagrado em suas vidas cotidianas, sem dia, nem hora marcadas com o Espírito Santo.

Isso reforçaria a prática de meditar e contemplar a vida, que, muitas vezes, passa despercebida diante dos olhos humanos. Muitas vezes, não percebemos que cada dia é único, que a experiência de ontem pode contribuir para nova experiência com o sagrado, com o eu e com o outro que se aproxima da nossa vida. Reconhecer a importância do outro na vivência espiritual é de um valor incalculável. Quem vivenciou poderá explicar como se deu, passo a passo, a convivência com sagrado e como captou o que deveria ser feito de forma madura e consciente. “Abra o seu coração às maiores esperanças para o futuro” (PAULA FRASSINETTI - CARTA 756, 3).

Mulher espiritualizada no cotidiano, mulher de relações baseadas no diálogo e na escuta, mulher livre, espontânea, de transparência espiritual, mulher evangelizadora e alegre pela opção de vida consagrada, sem fugir da sua realidade humana, pode-se afirmar, Paula Frassinetti foi além do seu tempo e ainda hoje se faz presente. Ela remiu três princípios básicos: a caridade, a obediência e a simplicidade – uma vida inteira conectada a Deus. “Tudo o que Deus quer também o quero eu.” (CARTA 220, 1). O que importava era fazer a vontade de Deus.

A espiritualidade pautada na simplicidade não deixava a vaidade tomar conta do ser humano nem ter lugar na formação das irmãs. O orgulho, por consequência, não era visto como bom conselheiro. Era necessário fazer uma aliança entre o eu, o Outro e os outros. Seu

lema era: “Em simplicidade trabalhar.” (CARTA-128), que veio se tornar o lema da Congregação de Santa Dorotéia.

5.3.1 Paula Frassinetti e os exercícios espirituais de Inácio de Loyola como princípio para a espiritualidade das irmãs da Congregação de Santa Dorotéia

Paula Frassinetti fez dos exercícios espirituais o caminho para o fortalecimento espiritual da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia. A seguir, o esquema – baseado em Schiavone – dos exercícios espirituais criados por Inácio de Loyola:

O fim dos EE³²-Inácio fala de quatro etapas (EE4), que correspondem: a primeira à via purgativa, a segunda à via iluminativa, a terceira e a quarta à via unitiva. “O exercitante que, em colaboração ativa, consente em deixar-se “pilotar” (evidentemente e, sobretudo, pelo Espírito de Deus), chegará a “vencer-se a si mesmo e a ordenar a sua vida sem determinar-se por nenhum afeto desordenado”; através de uma série de exercícios, amadurecerá sua abertura e sua aceitação do plano divino.

Processo de purificação e dimensão sacramental - A I semana tem como fim principalmente “situar” o exercitante na história da salvação: qual é sua relação com o Salvador? Na realidade, o homem, chamado a abrir-se a Deus, libertando seu espírito de tudo o que possa distraí-lo.

Busca da própria identidade e dos próprios valores pessoais – A II semana, depois de haver insistido oportunamente na prontidão, na diligência e na entrega incondicional (EE 91-94), apresenta ao exercitante, numa visão sintética, o plano de Jesus: salvar o mundo seguindo Ele.

“Em” e “com” Cristo para vitalidade do corpo místico – À medida que a vida de Jesus vai pouco a pouco passando diante dos olhos atentos do exercitante, o quadro dentro do qual deve comprometer-se vai adquirindo contornos cada vez mais claros e definidos; vivemos tanto mais intensamente quando mais nos damos a Deus e aos irmãos no estado querido por Deus, “bem enraizados e edificadas” em Jesus.

A vida no Espírito: uma alegria que deve ser comunicada – A IV Semana destina-se à contemplação de Jesus ressuscitado. Inácio quer que o exercitante peça a graça de alegrar-se e “gozar-se intensamente de tanta glória e gozar de Cristo nosso Senhor”. Para ajudar a conseguir a meta, sugere dirigir a atenção para as manifestações da divindade (EE 233); ter a intenção, desde o primeiro momento do dia, de comover-se e alegrar-se “com tanto gozo e alegria de Cristo nosso Senhor” (EE229), recordar e pensar “coisas que causem prazer, alegria e gozo espiritual”. No fundo, trata-se de dar à vida sabor novo, próprio dos que se deixam animar e conduzir pelo Espírito. (1993, p. 381-382).

O método usado por Inácio de Loyola foi a concatenação das idéias, a adaptação em colaboração ativa e a unidade de atmosfera. Vejamos o que significa cada passo.

³² EE significa “exercícios espirituais”.

A concatenação das idéias – Tudo o que foi dito sobre o conteúdo deve ter ajudado a compreender que um dos segredos do método deve consistir em buscá-lo na concatenação das idéias dentro dos respectivos exercícios, entre um exercício e outro, e entre as diversas etapas.

Em colaboração ativa – Inácio estimula o exercitante a se comprometer e a colaborar com a graça de Deus.

Unidade de atmosfera – Durante os EE é necessário afastar-se “de todos os amigos e conhecidos e de toda solicitude terrena”(EE 20) Além do isolamento, requer-se também e, sobretudo, o recolhimento. (SCHIAVONE, 1993, p. 383-384).

O método dos exercícios espirituais por si só não teria sentido de existir, por isso se fez necessário encontrar atores que os protagonizassem. Para Inácio, são eles:

O Espírito de Deus – Aquele que, pelo contrário, deve dominar o campo, do princípio ao fim e durante toda a vida (e de maneira consciente, uma vez que já se tenha tido a experiência dos EE), é o Espírito Santo.

O exercitante – Muitos dos elementos que lhe concernem já foram tratados e destacados. Recordemos aqui a sugestão de iniciar os EE

“ com coração aberto e com generosidade”, oferecendo-se a si mesmo e as próprias coisas ao Senhor (EE 5), isto é, fazendo aquele ato de fé mediante o qual “o homem se abandona a Deus inteiramente e livremente”.

Quem dá os Exercícios – Este deve, primeiramente, lembrar-se de que ocupa lugar de segundo plano em relação ao Espírito de Deus; por isso, sobretudo em algumas circunstâncias, deve simplesmente desaparecer (EE 15). Em todo caso, a sua tarefa é de presença discreta e paterna. Além de dar os “pontos”, deve adaptar sustentar, animar e vigiar para que os exercitantes não formulem propósitos exagerados, não sejam indiscretos na escolha ou eleição dos meios, não se esgotem. Principalmente deve ajudar a discernir os espíritos. (SCHIAVONE, 1993, p. 384).

Inácio de Loyola buscou elementos sintonizantes com o plano do Pai, levando em consideração o Espírito que habita em cada um e ensina, relembra e orienta. Conhecer, compreender, desejar, querer, agir são atitudes próprias dos indivíduos que visam no tempo a assimilar e amadurecer sua decisão sobre seguir em frente, à procura da vivência total com o sagrado. Vejamos como Schiavone (1993, p. 384-385) nos esclarece esses aspectos do EE:

Sentir e saborear - Também para isto Inácio quer se “sinta” e se “saboreie” (E 2), que nos detenhamos somente numa parte de alguma verdade, que voltemos com constância e perseverança, cotidianamente e em diversas ocasiões, a rever tudo o que anteriormente saboreamos, pouco ou muito. As repetições, os resumos, as aplicações dos sentidos são habituais nos EE, do primeiro ao trigésimo dia. Além disso, no fim de cada meditação ou contemplação, é mister refletir para ver “como me sai” (EE77), e, duas vezes por dia, examinar-me para fazer uma observação posterior sobre as *moções* de Deus.

A experiência das ressonâncias interiores – Desde o primeiro dia EE, somos convidados a anotar e a nos determos nos pontos em que se experimentou “ maior consolação ou desolação, ou maior sentimento

espiritual” (EE 62). Numa palavra, há ressonâncias íntimas e profundas em nós que Inácio, fiel à tradição mais segura, chama de consolações e desolações. Na origem de tais “sentimentos” estão os “espíritos”: o bom age para nossa realização; o mau, para nossa alienação e dispersão (EE 318). Fruto da ação do primeiro é tudo o que abre ao amor e à alegria (consolação); tudo o que, pelo contrário, leva a pessoa a dobrar-se sobre si e a fechar-se em si (desolação) é fruto deteriorado do “inimigo da natureza humana” (EE 325). Por conseguinte, o desejo de escolher ou a própria escolha (eleição), são de Deus. E isto basta.

A busca dos sinais dos tempos – Mas que fazer quando as ressonâncias interiores não estão presentes de maneira clara e nítida? Nesse caso, convida-se o exercitante a proceder a um trabalho de atenta investigação sobre tudo o que possa ajudar a escolher o que “sinta” ser para maior glória de Deus (EE 179).

As regras para sentir com a Igreja – Entende-se que, neste trabalho de busca, às vezes complexo, é necessário deixar-se ajudar (condição para não vagar na escuridão) e “escutar” aqueles a quem o Senhor confiou à tarefa de guiar-nos: “É necessário que todas as coisas sobre as quais queremos fazer escolher (eleição)... militem dentro da santa madre Igreja hierárquica”(EE 170); é mister “ ter o ânimo preparado e pronto para obedecer em tudo à verdadeira esposa de Cristo nisso Senhor, que é nossa Santa Madre Igreja hierárquica” (353).

O tempo passa e os exercícios espirituais continuam a contribuir com o fortalecimento espiritual das irmãs da Congregação de Santa Dorotéia. Observamos, a seguir, as atualizações, ou mudanças, ocorridas ao longo dos tempos, feitas pela própria Igreja.

Exigências de renovação – O Concílio Vat.II constitui ponto de referência obrigatória, quando se fala de “renovação” e de “atualização”. Mais do que o concílio em si, conta à nova mentalidade que os documentos conciliares assumem, sintetizam e comentam, sobretudo encarando perspectivas do futuro. São muitas as causas que influíram na “nova mentalidade” e que obrigaram os pastoralistas a reverem a trama dos Exercícios inacianos. Algumas idéias adquiriram especial relevância e incidem na renovação do método: as categorias do encontro, a revelação e o diálogo, a dinâmica de grupos, o novo sentido da comunidade, que dificultam e questionam a solidão, o silêncio, o diálogo pessoal com Deus impregnado de individualismo, tão necessário nos clássicos EE.

Formas novas dos EE – A renovação dos EE atinge o método e a exposição de temas, sem trair, porém, a finalidade primordial dos mesmos, que é a de conseguir experiência de Deus que conduza à conversão.

a) Exercícios espirituais na vida corrente – Na realidade, não se trata de inovação, mas de volta ao que há de original nos EE, já iniciada por Inácio e depois decaída em desuso. De fato, na “anotação 19” do Livro dos Exercícios, ele escreve: “Quem estiver muito ocupado com tarefas públicas etc.[...]” O método é extremamente personalizado, requer controle metódico por parte do diretor, uma revisão freqüente, porém constitui algo mais do que a clássica “direção espiritual”. Pode ser uma boa experiência religiosa para cristão muito ocupado, que não dispõe do tempo necessário para “retirar-se” em casas de espiritualidade, ou quer sair da rotina dos EE organizados.

b) Exercício em diálogo – Esta experiência supõe profunda mudança metodológica. Os EE clássicos, embora feitos em grupos mais ou menos limitados, não rompem a estrutura individualista e certa passividade; em suma, fazem-se com diálogo. O novo método se baseia na psicologia dinâmica de grupos, que vê o homem como ser social, membro de um grupo no qual necessariamente existe uma relação e encontro com os outros. Os exercícios neste caso não só se farão com diálogo, mas igualmente em diálogo, com a participação ativa de todos os componentes do grupo.

c) EE e técnicas psicológicas – Constitui uma novidade metodológica incorporar algumas técnicas psicológicas, para eficácia maior, como, por exemplo, a dinâmica de grupos, contanto que não se esqueça o fim primordial dos EE, que é a “conversão” do exercitante, e que se pretenda uma finalidade apostólica.

d) EE como práxis de libertação – Mais do que novo método, esta experiência promove a renovação da “temática” dos EE, levando em conta a “teologia da libertação”, muito atuante na América Latina.

e) Outras formas de EE – Os EE têm muitas variedades, se considerarmos como exercícios alguns dias densos de espiritualidade, visando à conversão a Cristo e ao Evangelho.[...] A “experiência deserto” de um ou vários dias é outra formulação moderna.[...] A oração pessoal, feita em silêncio e na solidão, segundo os métodos clássicos, pode ser intercalada com experiências novas. Até o silêncio e a solidão, típicos dos dias de “retiro”, podem ser combinados com encontros coletivos, em que se faça revisão do que foi tratado durante o dia. (SCHIAVONE, 1993, p. 385-387).

Renovar é importante, porém, à medida que se transforma, faz-se necessário respeitar a essência de onde tudo começou. As transformações devem contribuir para leitura dos atos e ações, pois, à propoção que o ser humano evolui, novas mudanças acontecem em volta dele, daí a importância de se reformularem conceito e métodos em benefício da formação humana como um todo. Assim aconteceu com os EE de Inácio: em razão das mudanças na sociedade moderna, a Igreja viu a necessidade de atualizá-los, a fim de proporcionar ao homem moderno a oportunidade de fazer os exercícios no seu cotidiano apressado.

A proposta original dos EE aos exercitantes é buscar – algo próprio do ser humano – elementos no universo que justifiquem sua pertença no mundo. Essa busca não se esgota no aqui e no agora; ela acompanha a evolução dos seres humanos e encontra a satisfação de quem está à procura de algo para sua vida. Não foi diferente com Paula Frassinetti, porque transformou a própria existência em busca, por consequência, em encontro. Ela trilhou o caminho dos EE para contribuir com seu fortalecimento espiritual.

De acordo com a afirmação feita por Guerra (1993, p. 389), podemos afirmar, Paula Frassinetti realizou sua mais bela profunda experiência com o Cristo ressuscitado, pois, ao permitir ser conhecida na dimensão humana, conheceu profundamente o amor do seu Amor maior, uma vida entrelaçada entre o criador e a criatura. Enquanto caminhava, fazia

experiência na vida cotidiana, entre as orações e as ações em prol do outro, com olhar fixo no horizonte, onde encontrava força para seguir.

A experiência, porém, não pode ser vista como algo restrito aos grandes intelectuais; na verdade, ultrapassa a cultura, e etnia, a religiosidade, a classe social. Ela surge na vida, despertando a consciência, o sentido de se viver intensamente. “A experiência surge na vida e retorna à vida. Mas não volta como veio. A pessoa já está diferente, já mudou.” (BÜHLMANN, 1993, p. 38). Segundo a experiência de Paula Frassinetti, os EE tiveram muita importância na sua prática da vivência espiritual. A cada dia, ela se permitia ser uma nova mulher em Cristo, renovava a esperança na vida e nas pessoas, em função do resgate da dignidade do seu semelhante. A educadora não desejava ser reconhecida pela sociedade ou pela Igreja; o que lhe importava mesmo era experienciar verdadeiramente a hierofania do sagrado que acontecia dentro e fora do seu eu revelado para ela, o quanto era bom amar e servir à vida em plenitude, sem ver a quem e o porquê do fazer. A experiência de Paula Frassinetti se deu na vida pela vida.

5.4 Paula Frassinetti: mulher da experiência com deus e com outro

Vive-se hoje a buscar qualificação profissional, experiência para admissão ao primeiro emprego, enfim, experiência para tudo. E mais: tudo comprovado em pilhas de papéis, que, ao passar do tempo, talvez não tenham nenhum valor comercial. Entretanto, agora, vamos falar da experiência de uma jovem mulher que fez da própria vida verdadeiro aprendizado, ao exercitar o amor, o perdão, a caridade, sem precisar provar nada a ninguém, apenas viveu intensamente, na oração e na ação, os ensinamentos aprendidos com Cristo.

Essa experiência que a levou a sonhar com um mundo humano e espiritual teve início na família, junto com a mãe, até aos nove anos e, depois, com o pai e os irmãos, e, bem depois, com as amigas e futuras irmãs de congregação – espiritualidade familiar que nela permaneceu por toda a existência. Os primeiros passos da sua experiência com o sagrado foram vivenciados nas atividades do lar: o pai dava testemunho de ser um homem de fé, trazia em si o amor incondicional a Cristo vivo; os irmãos, todos padres, eram exemplo de serviço e amor à Igreja. Assim, ela ia descobrindo o quanto era bom encontrar-se com o Cristo vivo ali mesmo, na vida cotidiana. A relação afetiva, respeitosa e dialógica com o pai também contribuiu para aproximar – se de Cristo. Além disso, ante a ausência da sua mãe, por quem tinha um grande amor, Paula Frassinetti tratou logo de não se sentir órfã por muito tempo: consagrou sua vida ao Coração Imaculado de Maria. A verdade é que as figuras paterna e

materna se tornaram importantes na infância, adolescência, juventude bem como na fase adulta; ela teve a oportunidade de crescer no lar onde o amor e a paz reinavam.

A propósito disso, Libânio (2000) chama de fé patriarcal a que passa de pai e mãe para filhos. Assim, Paula Frassinetti buscou na família força para continuar acreditando em sua opção de vida.

O caminhar da família cristã pela via do aprofundamento da própria espiritualidade, como seguimento do Senhor em seu específico estado de vida, só é possível quando o casal conjugal, eixo da família, não se isola, mas, pelo contrário, com clara e viva consciência eclesial, como já se viu, se enraíza vitalmente na Igreja, em que se baseia e sobre a qual constantemente reconstrói sua identidade cristã. Nesta perspectiva, a espiritualidade conjugal alcança plenamente sua dimensão de “carisma”, de “serviço” de “mistério”, na linha doutrinal indicada pelo Vaticano II e reunida pelo magistério do episcopado. Trata-se de “ministério”, tipicamente leigo, não propriamente nem tecnicamente “ordenado”, que é sempre fecundo e que nasce como resposta ao convite que Deus dirige continuamente e se dá generosamente.[...] Deve-se, principalmente, restabelecer o sentido profundo do “ministério educativo” da família cristã, orientado para o crescimento global das pessoas, para promovê-las, para proporcionar o ambiente e os instrumentos idôneos para guiá-las e levá-las à maturidade na autonomia, na capacidade crítica e na liberdade dos filhos de Deus. (GIANNA; CAMPANINI, 1993, p. 441).

Paula Frassinetti, com base no amor recebido da família e amigos, tornou-se uma mulher forte e suave, sensível às transformações pessoal e social, sempre disponível para tornar a vida do semelhante digna de existir e transcender por meio de profunda experiência entre criatura e criador. Ao lado disso, a Igreja que escolheu foi lugar de experienciar e vivenciar profunda transformação espiritual, buscando, na Sagrada Escritura, fundamentos para sua vida experiencial com Cristo, em Cristo e no outro. Nela, a educadora encontrou espaço para desenvolver o sonho de fazer a vontade de Deus acontecer; nela, encontrou força para não desistir, mesmo em momentos delicados próprios de sua época; nela, fez a experiência de viver intensamente seu amor por Cristo pelo próximo. Daí, podemos compreender a importância de estar estruturada a Igreja que se colocar como lugar para a experiência humana com o sagrado. De acordo Mariotti, estes os aspectos a serem observados:

1. A Igreja, lugar de experiência da comunhão com Deus – Conforme o Vat. II mistério não significa apenas verdade inacessível à razão humana, porém, mais do que isso, o plano de salvação do Pai revelado em Cristo e oferecido em sinais sensíveis a todos os homens. Por isso, viver a Igreja como mistério significa ter a experiência da comunhão com Deus,

a) **A Igreja e o Pai.** A Igreja deve sentir-se como assembléia convocada pelo Pai.

b) **A Igreja e Cristo** – O Pai realiza, através de Jesus Cristo, a palavra de Deus feita carne, sua vontade salvífica.

c) **A Igreja e o Espírito** – A pequena comunidade histórica, com efeito, recebe constantemente o Espírito de complacência do Pai, que é o mesmo Espírito de Cristo ressuscitado e vivo, enviado de uma vez por todas à Igreja no dia de Pentecostes. Viver a Igreja significa realizar a experiência do Espírito; não sozinhos, porém juntos, porque todos comungamos do mesmo Espírito, no mesmo corpo de Cristo ressuscitado (cf. LG 4).

2. A Igreja, lugar de experiência da comunhão fraterna – “Foi vontade de Deus santificar e salvar os homens...”

a) **O novo povo de Deus.** No entanto, o povo de Deus não se identifica, como o antigo Israel, por laço étnico, nem por aliança com Deus [...] O germe de unidade, de comunhão e de salvação que nele se pode experimentar é sinal eficaz, fermento para todo o gênero humano até a unidade fina, quando não haverá mais igreja na humanidade, porém a humanidade inteira salva em torno de Cristo e a pecadora resgatada.

b) **Por ministério e sacramentos.** O organismo sacramental inteiro, através dos diversos ministérios, articula e faz crescer um povo amorfo, dando-lhe unidade orgânica e fazendo dele corpo de Cristo. Ora, todos os sacramentos culminam e estão compendiados na eucaristia. Por isso, é a eucaristia que fez a Igreja.

c) **Elite, massa ou povo.** É preciso superar uma perigosa cisão que está sendo provocada. De um lado, pequenos grupos experimentam, como que em laboratório, a novidade conciliar da Igreja como comunidade, como comunhão intensa, mas correndo o risco de esquecer ou eliminar a grande massa do povo cristão.

d) **Diáspora, unidade e pluralismo.** É preciso que todos os batizados que buscam o reino de Deus saibam buscar a face do irmão, saibam saborear a alegria de se encontrarem juntos em nome de Cristo, mesmo fora da assembléia litúrgica.

e) **Igreja de povo e Igreja institucional.** Outro equívoco que pode surgir da noção de povo de Deus é a contraposição de princípio entre Igreja de povo e Igreja institucional, entre realidade de base e autoridade hierárquica.

f) **Colegialidade e comunhão.** Ao definir a colegialidade episcopal e a sacramentalidade do episcopado, o Vat. II abriu novas e amplas vias para a espiritualidade da Igreja, povo de Deus organicamente unido a seus pastores.

g) **Ordem e jurisdição.** Também a definição da sacramentalidade do episcopado tem grande importância histórica e espiritual.

h) **Da diocese à igreja local.** Da sacramentalidade do episcopado decorre também a noção de igreja local. Por isso, há bispo e há igreja local.

i) **Autoridade e liberdade.** A tensão normal entre autoridade e liberdade na Igreja encontra nas linhas do Vat. II o caminho para vivê-la com maior riqueza espiritual. (MARIOTTI, 1993, p. 560-563).

Merece destaque numa experiência vivenciada na vida cotidiana que está expressa na Constituição da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia: “A nossa decisão de seguir Jesus Cristo, em Castidade, Pobreza e Obediência, é uma contínua resposta de fé ao amor gratuito de Deus em ordem à radical disponibilidade, pessoal e comunitária, para a construção do Reino.” (CONSTITUIÇÃO, 1851, p. 11). Seguir o caminho de Jesus Cristo era imperativo,

pois quem descobre esse caminho caminha com mais firmeza no universo. Ela expressa isso no seguinte texto da Constituição, escrita por ela mesma no ano de 1851:

O processo de nossa transformação em Cristo unifica toda a nossa vida, tornando-nos apóstolas de fé inabalável e operante que, em total abandono ao Pai, não têm outra intenção nem outro desejo a não ser a realização da sua vontade.

Paula Frassinetti fez sua experiência na vida com fé. “Sentir como a Igreja é permanente exigência de universalidade, prontidão e compromisso em nossa atitude de serviço ao Reino” (CONSTITUIÇÃO. 8). Fez também da própria vida um encontro pessoal com Deus, permitindo-se viver intensamente novo momento na vida espiritual, que deixou marca muito forte, com traços de compromisso e libertação para com o próximo. De acordo Maccise, “Os traços da espiritualidade da libertação são vividos os valores fundamentais da espiritualidade cristã encarnados na realidade” (1993, p. 682).

5.5 As contribuições de Paula Frassinetti para a formação humana e espiritual juvenil numa cultura da subjetividade

No tempo atual, a juventude vive a cultura do individualismo, da disputa, que gera uma sociedade desumanizada, a competição, o consumo desenfreado, retirando dos jovens a verdadeira alegria de viver e a esperança. É preciso, pois, resgatar o sonho na juventude por um mundo reconstruído a partir de cada um. Então, cabe, agora, o seguinte questionamento: há espaço para a hierofania do sagrado na vida cotidiana juvenil? Como a espiritualidade de Paula Frassinetti pode contribuir para a experiência espiritual juvenil nos tempos atuais.

No momento atual, o ser humano parece refém de si mesmo numa sociedade ferida, em crise de valores cristãos e éticos, na qual tudo é permitido, cada um faz a sua lei. Vivenciamos uma guerra infundável entre ser e ter. Segundo Mota,

Hoje se diz que vivemos numa sociedade complexa, uma sociedade da pós-modernidade. A sensação constante do homem moderno, contemporâneo, é de sentir-se prisioneiro e engolido pelo seu tempo; tempo e mutação condicionam sempre radicalmente a colocação do homem no seu mesmo horizonte de auto-avaliação e, portanto, de projeção, desagregando a mesma base cultural e social. (2007, p. 95).

Portanto, o momento é de se questionar qual o futuro da juventude, qual o caminho a ser seguido, para reaproximar, cada vez mais, a juventude e o adolescente do sagrado, de

forma que essa reaproximação não provoque o afastamento mais uma vez. O desejo de a juventude conhecer e fazer sua experiência espiritual, nós o percebemos na pesquisa³³ de campo realizada em três núcleos: São José, FAFIRE e CECOSNE.

No sentido de buscar meios de contribuir para a formação espiritual juvenil, a Igreja, que fez a opção pela juventude, tem que identificar o caminho a seguir, a fim de resgatar o desejo na juventude em pertencer à Igreja e fazer sua experiência espiritual. Ao longo da história da humanidade, vários modelos de espiritualidade foram surgindo, alguns dos quais expomos adiante. Experiências Espirituais:

Premissa – Os jovens de hoje vivem a experiência amadurecedora de um mundo em mudança. Inseridos na chamada sociocultural da racionalização, do pluralismo e da secularização, sofrem e estimulam simultaneamente a dinâmica da mudança individual, social e cultural, através da qual tentam vislumbrar os horizontes do “mundo novo” e do “homem novo” que anseiam ser. [...] Por tal motivo desejam ter experiências disso de forma consciente, ou seja, conhecer e julgar para agir depois.

A experiência da racionalização – À medida que a sociedade foi se desenvolvendo sob o aspecto tecnológico e burocrático, isto é, com o progresso da racionalização, foram estendendo-se como mancha de azeite, alguns fenômenos que repercutiram particularmente nas jovens gerações: o eficientismo, a irresponsabilidade, o consumismo.

A experiência do pluralismo – A sociedade pluralista atual, isto é, a sociedade que protege o pluralismo como valor que gera regime de competitividade cultural, suscita para os jovens problemas e possibilidades nada indiferente. Os jovens exigem independência diante de tradições, normas, instituições e autoridades.

A experiência da secularização – Levando em conta tudo o que se disse na primeira parte deste artigo sobre a vida espiritual juvenil. [...] As incidências da sociedade secularizada nos jovens têm que ser analisadas a partir da interpretação do fato da secularização o mais correta e realista possível. *A experiência do dissidente*. As experiências da “dissidência”, próprias dos grupos juvenis que aceitam as teorias da inutilidade ou da morte da religião sem mais nem menos, apresentam multiplicidade de expressões que vão desde a oposição indiscriminada e aberta à Igreja. *A experiência do comprometido*. A experiência do jovem comprometido, ainda rara na sociedade atual por ser incômoda, inteligente e inquietante, é própria dos jovens que perceberam e experimentaram, e talvez tenham sofrido, o impacto da sociocultural na religião católica. (GRASSO, 1993, p. 642-646).

A visão que se tem nesses modelos de espiritualidade é que a juventude vive conforme o seu tempo, por conseqüência a experiência fica à mercê desta sociedade em crise de valores humanos. Assim, a juventude anseia por se tornar livre de ritos e dogmas, porém sem perder o desejo de experienciar o sagrado em sua vida, mesmo conturbada por interferência de uma sociedade que, à medida que passam as horas, perde de vista o ser

³³ Encontra-se na categorização, p. 154.

humano. No entanto, pode-se perceber uma juventude perdida de si mesma, inserida no profundo silêncio que a afasta do outro, reforçando o sentimento de individualização como centro de tudo, conforme diz Libânio (2002, p. 63):

Esse individualismo provocou enjôo, desgosto, náusea de tanto ficar preso a si mesmo. E como ele girava em torno, sobretudo de bens materiais, a falta de sentido foi ainda maior com o conseqüente vazio existencial.

A influência do ter é bastante convincente, pois ela proporciona muitos artifícios que seduzem o ser humano como um todo. Ninguém escapa de tanta sedução: da criança aos adultos, todos ficam encantados pelas parafernálias tecnológicas, as quais tornam a vida bem melhor, e sem elas a vida parece não ter sentido. Assim, a sociedade, cada vez mais se rende ao poder do ter, esquecendo a importância de ser. Ao lado disso, muitos querem “matar Deus”, exterminá-lo ou simplesmente considerá-lo desnecessário à vida dos seres humanos. Isso podemos constatar no incentivo ao consumo, à beleza perfeita, às guerras civis e sociais, que quebram os valores éticos e cristãos.

Em meio a esse turbilhão está a juventude à procura de meios para participar das transformações. Embora pareça utopia, há jovens que desejam fazer das suas vidas um meio de ajudar outros jovens a se encontrarem no grande universo. Tal qual Paula Frassinetti no seu tempo, hoje também existem jovens que buscam na vida experiência com o sagrado. Porém, muitas vezes, falta compreensão por parte de quem orienta os movimentos juvenis dentro e fora da Igreja. Às vezes, eles são excluídos por não se enquadrarem no processo, por não serem perfeitos. Resultado: corações feridos, sentimentos de aversão ao sagrado. Daí, surgem jargões como “a juventude não quer nada com nada”, eles querem mesmo é saber de festas, sexo e outras coisas mais”. Segundo Libânio (2003, p. 41),

É comum ouvir dizer que a juventude perdeu a crença, abandonou as práticas religiosas e mergulhou no nilismo, no consumismo e no individualismo. Entretanto, a pesquisa aponta que, ao invés de descartada, a religiosidade do jovem é intensa e passa por transformações aceleradas. A expressão “sagrada selvagem” proposta por Bastide é aplicável ao perfil da religiosidade do jovem. O autor se refere a um estágio primitivo da religião no qual a intervenção da emoção predomina sobre a razão; as religiões mais emocionadas adaptam-se com maior facilidade às exigências do presente. A fase doutrinal representaria um sagrado civilizado, sistematizado e dominado pela razão.

Na verdade, jovens buscam seu sagrado, mas sem ritos e regras. O momento, então, é propício para a volta juvenil ao sagrado, que se revela autêntico e amoroso e combina muito bem com a juventude atual, também autêntica, embora isso incomode àqueles que não conseguem ver nela a luz e o sal para a nova civilização.

No seu século, a educadora dedicou-se a contribuir com a formação juvenil, pois acreditava nas potencialidades de cada um deles. Então, propôs a formação integrada com o mundo em dimensão crítica e consciente da importância que o jovem tem para com o crescimento humanizador da sociedade em transformação. É o que se infere do texto da Constituição 1851.6: “O processo da nossa transformação em Cristo unifica toda a nossa vida.”

O encontro com Deus, segundo um ritmo próprio, é resposta pessoal, gratuita, ao dinamismo do Espírito que reza em nós. Dar lugar à ação do Espírito exige [...] Criar o ambiente e encontrar o modo para que a oração comunitária responda às exigências de Deus e à situação da comunidade é condição indispensável para deixar agir o Espírito que realiza unidade. (CONSTITUIÇÃO 07, 39).

A proposta de formação humana de Paula Frassinetti estava centrada na pedagogia do evangelho, sobretudo em relação à integração dos jovens na sociedade, no sentido de cada um poder despertar em si a capacidade de ser protagonista na sociedade em crise constante. Diante dessa realidade, a educadora não mediu esforços na tentativa de proporcionar a inserção deles na vida, de modo a contribuir para a transformação social, para os relacionamentos afetivos dentro e fora dos seus lares, propondo espaços humanizados, a fim de agregar os jovens. Assim, cada um poderia ser verdadeiramente facho de luz na sociedade e assumir o papel de agente transformador.

Para Paula Frassinetti, a formação passaria também pela prática de boas atitudes a qual despertaria nas pessoas a capacidade de observarem, nos bons exemplos, a oportunidade de mudarem seus hábitos e, dessa maneira, se tornarem capazes de transformar outros. Em carta, ela aconselhou: “Recomendo-lhe muito, muito a pregação eficacíssima do bom exemplo.” (681,4).

Na formação juvenil, as palavras são importantes, porém, quando acompanhadas de atitudes verdadeiras, cria-se, nos jovens, a capacidade de se comportarem com base nas suas atitudes verdadeiras. O exemplo, a atitude ficam, marcam para toda a existência humana. Paula Frassinetti deixava claro: “Pregai muito com o bom exemplo e pouco com a palavra” (Carta, 708,8). De qualquer forma, entendemos que a palavra tem sua força, por isso mesmo

tem que ser pensada, analisada e ser proferida de forma forte e suave, pois quem escuta pode interpretar ao seu modo, como também o exemplo, tudo é muito subjetivo.

Outra contribuição interessante na formação das jovens educandas foi a instrução com meios práticos, o que fomentava a integração delas na família e na sociedade. Mas as interferências nessa formação eram feitas com cuidado, sem prejuízo do tempo de aprendizagem de cada jovem. Cada ser é único, daí o respeito à singularidade na formação de cada pessoa. Dessa forma, as meninas iam acostumando-se com o novo momento em suas vidas de aprendizagem.

A inserção na realidade, a atenção às prioridades da Igreja local, a determinação de ir aonde houver maiores esperanças de um maior serviço aos homens expressam a audácia da fé a paixão pelo Reino que impulsionaram Paula Frassinetti e que têm de marcar a nossa vontade comum de dar a vida até o fim. (CONSTITUIÇÃO. 28)

Paula Frassinetti, com o intuito de despertar o interesse pelas artes, pela ciência e, principalmente, pela religião, buscava a educação com princípios cristãos, respeitando a vida e os outros, sem perder de vista a autonomia do instituto. A propósito, ela deixou escrito, na Constituição de 1851, como deveria ser a formação humana cristã e o que poderia contemplar cada educanda na sua aprendizagem:

Modo de ganhar os corações para Deus: Finalmente, com a oração fervorosa, com um exterior edificante, composto e modesto, proveniente da mortificação interna das paixões e da paz de coração, com modos suaves, afáveis e cativantes, procurarão, segundo a graça que Deus lhes comunicar, ganhar os corações das meninas e de todas as pessoas empenhadas na Pia Obra, e orientá-los inteiramente para Aquele para Quem foram criados. E estejam bem convencidas de que deve ser esta uma nota característica do Instituto: quem tratar uma vez com as Irmãs tenha o desejo de as encontrar de novo. Consegui-lo-ão mais facilmente se tiverem impressa na mente e no coração aquela importantíssima lição ensinada pelo Divino Mestre, mais com o exemplo do que com palavras: Aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração. A Ele recorrerão sempre, a fim de aprender as lições necessárias para realizar, segundo a sua vontade, as próprias funções. (PAULA FRASSINETTI, 238, p. 33).

Ao lado disso, ela não estava preocupada com a quantidade de educandas, somente para tê-las; o importava-lhe, sim, ter as educandas pela via do amor, com o objetivo de orientá-las por meio de gestos concretos de amor e vida. De modo especial, desejava uma formação integradora das educandas com a vida cotidiana.

A formação humana, então, requer, acima de tudo, o interesse pelo outro e suas diferenças e a capacidade de dialogar e de escutar. Para a formação transformadora, faz-se necessário seguir os caminhos do amor, que inclui vidas estranhas envolvidas de mistérios. Acima de tudo, acolher o outro em sua vida, respeitando-lhe a dimensão humana, cultural, social, familiar, econômica e religiosa, é fundamental.

Paula Frassinetti trabalhou essa concepção de educação com suas irmãs de congregação: “Seja verdadeira missionária nessa casa e nesse país; pregue muito com o bom exemplo e pouco com as palavras.” (CARTA, 708, 8). E, ainda preocupada com a formação humana, tornou a educação o caminho de descoberta e encantamento pela vida, a verdadeira importância para as pessoas. Hoje os projetos educacionais, as faculdades, os colégios, grupos jovens, grupos missionários são verdadeiros fochos de luz a aquecer vidas e a se tornarem sinais de esperança na sociedade e no meio familiar. Tal formação ultrapassa os limites da congregação. Neste trecho, fica claro o que ela esperava para cada irmã: “que o santo amor de Deus vos invada e vos torne como fochos ardentes que iluminem e aqueçam quantos de vós se aproximarem” (CARTA, 316, 4).

Refletindo sobre essas palavras, percebemos a intuição pedagógica de Paula Frassinetti em relação às educandas do seu tempo e ensinamentos que chegaram até hoje, depois de 174 anos de fundação da congregação. Podemos, agora, fazer o seguinte questionamento: como ser luz no mundo onde a escuridão prevalece em muitos corações humanos e, a todo tempo, a sociedade do consumo tenta excluir Deus da vida das pessoas, por que as trevas são bem mais encantadoras? É complicado acreditar na possibilidade de ser facho de luz e lutar contra a escuridão que atravessa a vida dos seres humanos, principalmente o universo particular da juventude. Mas, com o objetivo de reanimar, reencantar, tenta-se colocar, nos corações em treva, a esperança de que tudo pode tomar outro rumo. Basta apenas cada pessoa colocar-se à procura de dar sentido à própria existência.

A seguir, relacionamos os passos dados por Paula Frassinetti e suas irmãs para a educação da juventude, os quais podem contribuir com a referida educação nos dias atuais. Isso consta na Constituição de 1851.

- 1) **A educação cristã da juventude** – É o segundo importante meio utilizado pelo Instituto para honrar Deus e Nossa Senhora das Dores.
- 2) **Os benefícios desta obra** – E quanto bem não pode fazer uma mulher verdadeiramente cristã, uma mãe de família solidamente cristã, virtuosa e cumpridora dos próprios deveres.

- 3) **Pode ainda se afirmar que** a ordem e a disciplina no seio da família, a paz e o decoro entre os membros e, sobretudo, a educação inicial dos filhos, dependem principalmente das mães, sendo através delas que se transmitem à geração seguinte o amor e a prática da religião.
- 4) **Animar-se com pensamentos de fé** – Para estimular o seu zelo e vencer as dificuldades e repugnâncias, além do que já foi anteriormente dito, as Irmãs do Instituto lembrar-se-ão com freqüência de que devem comprazer-se em ver nas meninas, confiadas aos seus cuidados, almas resgatadas pelo Sangue de Jesus Cristo.
- 5) **Religião** – A religião dever ser, acima de tudo, a base e o fim da educação que se propõem dar, e, por conseqüência, o objeto principal do ensino. [...] O resto é apenas acessório, se bem que um acessório mais ou menos necessário, visto que devem formar jovenzinhas na maior parte destinadas a viver no mundo, onde devem dar edificações com naturalidade, conhecendo e seguindo as normas das relações sociais em tudo o que não for contrário ao Santo Evangelho.
- 6) **Ciências profanas e artes** – Por isso, além do estudo principal da Religião, dedicar-se-ão também às ciências humanas, tanto quanto possam ser necessárias a uma jovem cristã que deve servir a Deus no mundo.
- 7) **Catecismo** – Deve haver cuidado em que todas as educandas aprendam bem o catecismo e compreendam e apreciem todas as verdades e os deveres que nele se ensinam.
- 8) **Modo de se confessar** – Ensinem às educandas o modo de se confessar bem e preparem-nas com particular cuidado para a Primeira Comunhão [...] Sobre os Santos Sacramentos que elas devem receber.
- 9) **Respeito e amor à Igreja** – Um dos deveres que se lhes inculcará é o respeito, o amor, a obediência que devem ter a Igreja Católica.
- 10) **Exercícios de piedade** – Para as educandas deverá haver um regulamento comum que trate da disciplina, das suas ocupações diárias e dos seus exercícios de piedade, sendo os principais: as orações da manhã e da noite, a Santa Missa, o oferecimento das suas ações, um quarto de hora de meditação, o exame de consciência, a leitura espiritual, a visita ao Santíssimo Sacramento, se o tiverem em casa, a confissão ao menos quinzenal e a comunhão, quando estiverem preparadas.
- 11) **Radicá-las na fé** – É muito freqüente verem-se jovens que, tendo dado no decurso da sua educação religiosa as mais belas esperanças e provas da mais terna piedade, bem cedo, quando se encontram no mundo, se deixam arrastar pelo amor dos prazeres. Isto provém do fato de se ter dado maior atenção em afeiçoá-las a práticas exteriores de devoção, a que um coração jovem e ardente é muito sensível, do que a radicá-las bem na fé, no temor e no amor de Deus ...

- 12) **Inspirar-lhes a devoção** – A devoção sólida é precavê-las contra a sensibilidade excessiva – Mas o que importa, acima de tudo, é que as nossas Irmãs ensinem, e aprendam para si mesmas, a não procurarem a sensibilidade na devoção, o que significaria procurarem mais comigo mesmas do que a Deus.
- 13) **Vaidade do mundo** – Lembrarão frequentemente [às educandas] o desprezo do mundo, das suas vaidades e dos seus prazeres, a abnegação de si mesmas e da própria vontade.
- 14) **Devoção ao Sagrado Coração de Jesus** – Posto isto, não será difícil orientar os seus tenros corações para o Divino Coração e levá-los a reconhecer n'Ele o centro e a fôrnilha daquele amor ardente em que está abrasado pelos homens.
- 15) **Devoção à Santíssima Virgem** – Incutir-lhes também a mais terna devoção à Santíssima Virgem, cujo Coração é para elas o mais carinhoso das mães e o mais semelhante ao de Jesus Cristo.
- 16) **Ciências humanas e artes decorativas** – Basta dizer que devem limitar-se a ensinar às educandas o que convém a uma pessoa chamada a viver cristãmente no mundo, segundo as circunstâncias do seu estado e condição.[...] Não deixarão de lhes desenvolver a memória, levando-as a aprender cuidadosamente o que mais importa saber para a sua conduta na vida e o momento da boa sociedade.
- 17) **Línguas estrangeiras** – Quanto ao estudo das línguas, será permitido, a pedido dos pais [...] Para estas haverá um pequeno plano de estudos que, fixando o modo e os limites, excluirá inteiramente tudo o que apenas serve para alimentar o orgulho e a vaidade. Este plano basear-se-á no espírito de simplicidade e de humildade que caracteriza a religião de Jesus Cristo.
- 18) **Artes decorativas** – Tomar-se-ão ainda as maiores precauções quanto às artes decorativas, e só serão permitidas a pedido expresso dos pais, o qual será submetido à prudência da Superiora.
- 19) **Amor ao trabalho manual** – Dar-se-á uma atenção especial ao trabalho manual, inculcando em todas as jovens o amor e o gosto pelo trabalho, como meio mais excelente de se preservarem dos perigos de uma vã dissipação no mundo, de conservarem a pureza, de cumprirem mais tarde os deveres, preferindo a calma do recolhimento e a paz do seu lar à alegria tumultuosa de uma vida mundana.
- 20) **Trabalhos úteis** – Dentre os vários trabalhos manuais, deverão ensinar-lhes principalmente a exercitarem-se naqueles que, pela sua necessidade e utilidade, são mais comuns.
- 21) **Economia doméstica** – Serão aproveitadas todas as ocasiões e todos os meios para dar-lhes algumas noções de economia doméstica, de modo a favorecer uma situação futura.

Esses 21 pilares constituíram a base de desenvolvimento de uma metodologia que contribuiu para a formação integral das jovens, pois reuniram elementos que têm fortalecido a aprendizagem dentro e fora das escolas – aprendizagem que valoriza as ciências, a arte e o aspecto religioso. Enfim, tal formação considerou os seres em transformação, adotando-se metodologia com princípios humanos, éticos e religiosos. Contudo, ao lado disso, importava para Paula Frassinetti que houvesse integração entre as meninas e as irmãs por meio do diálogo e da escuta. O mais importante era o bem-estar das alunas; elas deveriam sentir-se em suas próprias casas, amadas, queridas, acolhidas, respeitadas.

Como se vê, toda a proposta educacional de Paula Frassinetti está baseada na pedagogia do evangelho. “O meu interesse não é o proveito do Instituto, mas fazer algum bem a tantas almas.” (CARTA, 585, 5) Para Amatuzzi, alma significa a estrutura humana. Vejamos sua reflexão:

A estrutura do ser vivo é sua forma substancial, e é só para marcar a diferença de complexidade dessa forma em relação a estruturas mais simples que ela recebe um nome diferente: chama-se ‘alma’. A alma nada mais é que a forma substancial do ser vivo, ou seja, o tipo de estrutura que caracteriza o ser vivo. A alma de uma árvore é a estrutura que lhe dá unidade e dinamismo, a organização que a faz viver, crescer e produzir frutos. Assim também a alma humana: ela é a estrutura organizativa e mobilizadora do ser humano. (AMATUZZI, 2005, p. 117).

Portanto, cabe, nos dias atuais, pensar na formação espiritual da juventude como algo primordial para transformação dela e da sociedade. Nesse sentido, a formação espiritual juvenil entra em contato direto com a vida e com o sagrado, baseando-se na vivência dialógica e integradora com a realidade de cada um, possibilitando aliança fortalecedora entre jovens espirituais e sociedade, em busca do sagrado quase esquecido, sufocado pela sociedade que caminha na contramão dos valores éticos e cristãos.

Sabemos que o ser humano é capaz de renascer das trevas, de um dilúvio e seguir em frente, resgatando o sentido de ser, estar e fazer verdadeiramente parte do mundo, assim, contribuindo para dias melhores. “A espiritualidade é algo encarnado no contexto real da vida de cada pessoa e de cada época. Ela expressa o sentido profundo do que se é e se vive de fato.” (VALLE, 2005, p. 101). Assim, convém observar a experiência espiritual juvenil pela ótica do contexto cultural em que se vive, onde tudo pode, tudo é permitido, ademais, os jovens recebem várias influências, como, por exemplo, da mídia, da escola, dos amigos, da família, dos líderes religiosos, coordenadores de grupos jovens, grupos de orações e de outros

meios. Entretanto, faz-se necessário compreender a importância dada pelos jovens a uma nova pertença espiritual que lhes proporcione o encontro com eles mesmos e com o universo do sagrado na dimensão da alegria da disponibilidade, envolvidos pelo desejo de viverem intensamente a própria experiência espiritual sem serem criticados, e sim compreendidos na sua dimensão espiritual juvenil.

Na pesquisa³⁴ realizada com os 75 jovens das três instituições já mencionadas, fizemos a seguinte pergunta: você tem uma espiritualidade? As respostas, em geral, provenientes do Colégio de São José, dentre os 25 entrevistados, foram afirmativas; apenas três foram indiferentes. Quem afirmou ter uma espiritualidade definiu da seguinte maneira: “Crer em Deus, ser religioso, ter paz de espírito é fundamental para viver bem a fé”. Quem respondeu indiferente declarou: “Acredito que sou forte e capaz suficiente para me ajudar a resolver os meus problemas”, opinião de uma jovem que se considerou sem religião. Na FAFIRE, os que responderam “sim” afirmaram: “O trabalho interior, a presença de Deus é muito presente na vida, sobretudo essencial para fé, paz, alegria, tranquilidade, amor na comunhão com os outros”. No CECOSNE, a espiritualidade “é algo transcendental, pois está dentro de nós mesmos e é expressar no modo de ser, agir, pensar, viver e testemunhar”.

Diante dessa realidade, acreditamos que a espiritualidade juvenil deve ser como uma ponte entre o contexto histórico e a experiência juvenil com o sagrado, seguindo um percurso que proporcione vivência consciente e libertadora, sem se perder o horizonte da transcendência desejada pelo ser humano. Entretanto essa juventude, que busca algo para justificar a sua pertença espiritual, está equipando-se de parafernália que, muitas vezes, intimidam quem se dispõe a apontar-lhe o caminho da experiência espiritual madura, humanizado, livre de regras, de doutrinas, de dogmas e restrições comportamentais, de ritos sem sentido.

Uma vez compreendido o universo juvenil, convém adotar-se metodologia que contribua para reaproximar o sagrado do cotidiano dos inseridos no processo de maturidade espiritual, qualificando a personalidade e fortalecendo a identidade espiritual escolhida como modelo a ser seguido e experienciado. Maturidade aqui significa também superar-se, aprender a lidar com o velho e o novo, completando a via de acesso ao universo da experiência humana e do sagrado a qual desperta sentimentos ambíguos, como medo e amor, desejar e não desejar, estar próximo e não estar. Como se pode considerar maduro um jovem consciente do seu

³⁴ Ver categorização, p. 154.

papel na experiência espiritual? De acordo com Zavalloni, o ser humano se caracteriza também pela maturidade. Vejamos sua opinião:

A maturidade caracteriza-se pela harmonia de todos os elementos da personalidade do indivíduo, de onde decorrem a adaptação a si mesmo e aos outros, a integração na própria personalidade, o senso de responsabilidade e a capacidade de autocontrole. Trata-se de condições psicológicas altamente positivas, que levam ao enfrentar serenamente qualquer situação nova na vida e que representam a meta final de todo educador.

A maturidade humana traduz-se, ou deveria traduzir-se, na superação equilibrada da antítese juvenil “eu-ambiente”, através da adaptação social construtiva e gradual, da completa atuação e colocação em prática das potencialidades instintivas sublimadas de várias maneiras, e vice-versa, com a liquidação rápida e completa das tendências características da idade jovem. (ZAVALLONI, 1993, p. 723).

Então, podemos afirmar, Paula Frassinetti teve atitudes maduras durante o período da sua formação e da formação dos jovens, ao centrar o pensamento no desenvolvimento intelectual e espiritual, a fim de colocar na sociedade pessoas amadurecidas e cientes do seu protagonismo juvenil. Ademais, ela percebeu a necessidade de trabalhar neles a capacidade de se adaptarem a novas situações, sem aprisioná-los. Com isso trabalhou a capacidade de cooperação, mostrando-lhes a importância de pertencerem a um grupo e a capacidade de lidar com as dificuldades e controlar seus impulsos: “A vida em grupo ajuda a superar as limitações físicas e psíquicas.” (LIBÂNIO, 2004, p. 31).

5.6 Reencantar na juventude o desejo do sagrado na orientação espiritual e mística de Paula Frassinetti

É preciso reencantar na juventude o desejo de estar próximo ao sagrado, proporcionando-lhe encontro com seu universo particular, a fim de descobrir-se como parte integrante de um mundo que não pára de evoluir. Segundo Muller, “no mais profundo de mim, eu sempre de novo experimento o desejo de ser tocado pelo sagrado. É um desejo que nasce no fundo da alma.” (2002, p. 12). Portanto, para despertar esse desejo na juventude é fundamental escolher um caminho que lhe ofereça meios de conduzi-la para uma experiência de forma forte e suave e proporcione vivência que gere frutos para a sociedade.

O sagrado, sempre um mistério na vida dos seres humanos, provoca o sentido de busca nos indivíduos. E buscar não significa tarefa fácil; é preciso, antes de qualquer coisa, conquistar a confiança. Então, convém demonstrar aos jovens que, apesar de se aproximarem do sagrado, continuarão sendo os mesmos, com suas crises de pertença à Igreja, e integrantes

de um mundo em crise de identidade; por isso é imprescindível formação contínua e crítica. Diante dessa realidade, é necessário um plano de ação que contenha elementos importantes para contribuir para o reencantamento juvenil com o sagrado.

Paula Frassinetti buscou na alegria a motivação de não desistir de acreditar na formação da juventude. Acreditou que cada jovem seria o lugar perfeito para a hierofania do sagrado, por isso sempre trabalhou tal dimensão com as irmãs que lidavam diretamente com as educandas. Sua instrução era: “Procure que todas estejam animadas, alegres e tranqüilas, porque não há coisa que mais prejudique a juventude do que o sofrimento moral.” (CARTA, 872, 4). Com isso, o primeiro passo é manter a alegria de servir, ver no outro um lugar sagrado para se estar junto, celebrar a vida constantemente. Acreditava, portanto, que o outro é importante para se poder caminhar com graça na vida e, também, motivo para se caminhar num mundo onde constantemente se ganha e se perde. “Recomendo-lhe calorosamente que esteja muito alegre.” (PAULA FRASSINETTI, CARTA, 311, 5).

Muitas vezes, a falta de calor humano afasta os jovens do convívio da família, dos grupos jovens e, até mesmo, das próprias Igrejas de pertença, das suas buscas espirituais. Dessa forma, o calor humano é de extrema importância para aquecer e reaquecer as relações interpessoais entre a juventude e a Igreja de pertença, razão por que a Igreja tem que tomar consciência da importância de se aquecer com afetividade, possibilitando o diálogo, a escuta, o respeito, a dedicação, sem esquecer o calor que vem do coração, da alma e da consciência.

Outra contribuição de Paula Frassinetti foi o exemplo de coragem de não desistir nunca, mesmo quando as dificuldades pareciam maiores do que a própria realidade. Segundo ela, é importante ter coragem de ser e fazer parte do mundo; não se pode caminhar sem coragem para prosseguir com um projeto de vida, seja no contexto espiritual, intelectual, seja no familiar. Assim, para lidar com a juventude, é preciso alimentar a coragem de caminhar lado a lado, somando esforços, e não desistir em razão dos obstáculos, da estrada que leva ao encontro do outro. É imprescindível ter a capacidade de ouvir, dialogar com firmeza e suavidade e ter a perseverança de não desistir de desejar fazer a experiência humana com o sagrado. Diz Paula Frassinetti “Coragem, respeito e grande alegria”. Deus está conosco, nada nos pode faltar.” (CARTA, 790, 2).

Ela legou ainda à contemporaneidade atitude de justiça, atos de não-discriminação para com o outro, ou seja, acolhia todos por igual e, ao mesmo tempo, respeitava as diferenças individuais, pois cada pessoa é única no universo. Ser justo e praticar a justiça significa ter sensibilidade para avaliar as atitudes certas ou erradas durante a formação humana espiritual da juventude. Praticar a justiça é poder atuar na dimensão do coração e da razão, buscando

equilíbrio, favorecendo a avaliação com respeito, amizade. Paula Frassinetti nos dá orientação no sentido de agir com senso de justiça:

Com ânimo sempre igual mostrem uma perfeita justiça para com todas, evitando a severidade excessiva para com umas e indulgência para com outras.
 Guardem-se cuidadosamente de toda parcialidade e preferências. Com ânimo igual, mostrem uma perfeita justiça para com todas [...].
 Evitem cuidadosamente toda parcialidade e preferências.
 (CONSTITUIÇÃO, 1851).

Outro exemplo é a intuição pedagógica experienciada por Paula Frassinetti junto às educandas, quando propõe o princípio da bondade e doçura: “É preciso que saiba bem unir a firmeza e a severidade necessária com a bondade e a doçura.” (CONSTITUIÇÃO, 1851). Tal princípio leva a se acolher a juventude na sua integridade, fazendo-a sentir-se parte de uma comunidade que a compreende e que demonstra ter gestos humanos durante o período de formação. Ela recomendava às irmãs: “O espírito de doçura e de bondade para com as educandas [...] Demonstrar-lhe-ão a mais terna caridade, unida à firmeza.” (CONSTITUIÇÃO, 1851). E ainda: “Procure conciliar o respeito e a afeição das meninas: isto conseguirá com maneiras cheias de doçura, de indulgência e caridade.” (CONSTITUIÇÃO, 1851).

As orientações de Paula Frassinetti resultaram da vivência e experiência na sua época, mas parecem bastante atuais e necessárias nos dias de hoje, quando assistimos ao excesso de liberdade de comportamento, subestimação de valores éticos e cristãos. Então, compete à Igreja contemporânea compreender a crise juvenil ante o sagrado institucional, segundo tais orientações, de modo que os jovens se sintam verdadeiramente acolhidos, amados e, dessa forma, possam seguir em frente, desejando cada vez mais estarem juntos e fazerem parte do universo sagrado e misterioso. Segundo Muller,

Descer ao mais profundo de si para entrar em contacto com sua base primordial. Na experiência do sagrado, eu entro em contacto com um mundo que não conheço a não ser através da imaginação. Jamais o hei de ver – pelo menos enquanto estiver vivo. Jamais o poderei tocar. E, no entanto, ele existe. Não é menos importante do que o mundo aparentemente real que nos envolve, em que vivemos, trabalhamos e existimos no dia-a-dia. É decididamente mais importante do que o assim chamado mundo virtual do cinema ou da internet, que nós conseguimos apreender menos ainda que o mundo do sagrado. (2004, p. 25).

Conforme a citação acima, experienciar o sagrado significa mergulhar profundamente no mistério que não se revela na totalidade e se aprofunda no mundo

particular de cada indivíduo; somar valores e, principalmente, reconduzir-se a experimentar o sagrado amor na vida; significa ainda torná-lo senhor do tempo e da existência, pois há tempo para tudo – para jogar pedras e depois buscá-las, para não querer o sagrado – e tempo para querer estar perto do sagrado.

O ser humano é envolvido pelo desejo de transcender, de superar dificuldades, de buscar o sentido de ser e estar no mundo, à procura de formas, meios, oportunidades de se encontrar com o mistério do sagrado, que seduz e desperta, aos poucos, a vontade de estar junto do outro na vida cotidiana. Portanto, quem busca experienciar o sagrado se compromete em tentar conhecer a si mesmo, o Outro e outros no cotidiano. Do mesmo modo, no cotidiano se aprende a lidar com as perdas e as conquistas, bem como se perde o encanto pelo sagrado ou se consegue a reaproximação com o sagrado. Convém, pois, construir uma ponte que reaproxime a juventude do sagrado, esses universos que a sociedade do consumo, das crises teima em separar.

Paula Frassinetti descobriu na juventude a força para continuar acreditando na vida e continuar sua missão no mundo. Hoje cabe à Igreja, aos movimentos juvenis, às pastorais, às escolas, às universidades, aos poderes públicos não desistir de acreditarem na alegria e na disposição que tem a juventude de estar inventando formas de atuar no mundo em transformação constante. A Igreja deve reaprender a ser acolhedora, humana, buscar no diálogo a força para seguir em frente, aprendendo a superar as dificuldades do dia-a-dia; em outras palavras, deve acolher e incluir os excluídos em vez de excluir. Vejamos o que diz Almeida a respeito de uma Igreja que sabe ser acolhedora:

Igreja acolhedora requer consciência de suas escolhas de identificações, mais que de uma identidade pronta e acabada. Assim constrói sua identidade que diferencia, mas não separa nem desagrega. Identidade qual coluna vertebral que por sucessivas identificações, as vértebras, se compõe e se sustenta. Confere unidade e se comunica com todo o corpo. Converte e facilita amplidão de movimentos que garantem os mais refinados dos gestos: acolher, abraçar e escrever a história. (1999, p. 177).

Portanto, este é o desafio da Igreja dos tempos de modernidade: buscar novos caminhos para reecantar, na juventude e nos adolescentes, o desejo de desejarem conhecer e fazerem sua experiência com o sagrado no cotidiano.

CONCLUSÃO

Neste trabalho intitulado “A crise juvenil ante o sagrado institucional e a busca de uma espiritualidade na mística de Paula Frassinetti”, buscamos identificar as características da nova expressão da espiritualidade dos jovens no processo de formação da sua identidade psicorreligiosa juvenil (14 – 24 anos), enfocando a crise ante o sagrado institucional, numa cultura que prioriza o sujeito. Para tanto, baseamo-nos na mística e espiritualidade de Paula Frassinetti, sobretudo, no campo psicorreligioso.

Em tal contexto, tentamos identificar as características da crise religiosa juvenil, a fim de verificar quais vivências e representações se apresentam na existência adolescente e juvenil. Além do mais, procuramos saber como e por que os jovens se desvinculam do sagrado institucional e como eles buscam nova forma de expressar sua espiritualidade juvenil. Nesse sentido, tentamos analisar as percepções, as vivências e expressões que os jovens e adolescentes têm do sagrado institucional, de forma a identificar qual a influência da espiritualidade juvenil em suas vivências cotidianas do sagrado não institucional. Ao lado disso, procuramos analisar as influências que a cultura da subjetividade exerce sobre a espiritualidade juvenil e como os jovens reagem diante das transformações em suas vidas.

É possível observar, nos documentos da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia, a importância da mística e espiritualidade de Paula Frassinetti, especialmente, das orientações vivenciadas e experimentadas durante sua existência, as quais, até hoje, orientam as filhas espirituais nas atividades que contribuem para a formação humana e espiritual dos adolescentes e jovens.

Para fundamentar nosso trabalho, realizamos uma pesquisa de campo – com análise qualitativa e quantitativa, após as pesquisas bibliográficas – no sentido de detectar as características da nova identidade psicorreligiosa juvenil, que configura a nova matriz psicorreligiosa. Daí, pudemos entrever as motivações que levam os adolescentes e jovens a desejarem ter, num momento, uma mística e, noutro momento, nenhuma ligação com o sagrado institucional. Isso justifica o fato de a psicologia da religião propor formação permanente e madura e, acima de tudo, libertadora, enfocando a importância da religião no cotidiano dos seres humanos. Logo, faz-se necessário aprofundar a reflexão sobre as causas que afastam os adolescentes e jovens do sagrado institucional e, ao mesmo tempo, provocam a busca de outras formas para vivenciarem sua mística.

Quanto às características da crise adolescente e juvenil ante o sagrado institucional (q. 12, Apêndice B, (p. 159, 171, 182), são as seguintes: excesso de regras, críticas a outras religiões, brigas internas pelo poder, falta de tempo deles para as práticas institucionais, falta de vontade, sermões não adequados à práxis, antipatia entre celebrante e os jovens, falta de acolhida, falsidade e hipocrisia, entre outras. Já a categorização (conteúdo das respostas às questões abertas) apontou a necessidade de se trabalhar com os adolescentes e jovens o conceito de espiritualidade, de religiosidade e de pertença ou não a uma igreja institucional. Daí a necessidade de metodologia que contribua para tornar esses termos mais acessíveis ao universo adolescente e juvenil, isto é, faz-se necessário traduzir, no dia-a-dia, “fazer uma experiência com o sagrado”. Isso poderá despertar nos jovens amadurecimento espiritual suficiente para entenderem que é na vida que se vive a experiência de encontro com o “seu eu” em crise com o sagrado institucional, esquecido, muitas vezes, nessa fase do desenvolvimento humano.

Em que momento dos adolescentes e jovens se dá o rompimento com o sagrado institucional (q. 17, Apêndice B, p. 161, 172, 183)? As respostas mais significativas foram as seguintes: dúvidas sobre a existência de Deus, falta de conhecimento e aprofundamento da religião e o não-entendimento das orientações (regras) a serem seguidas, provavelmente, por causa do pluralismo religioso hodierno e da globalização. Enquanto isso, eles estão buscando, ao seu modo, novas formas de pertencer à Igreja (q. 14, Apêndice B, p. 160, 171, 182) que são as seguintes: partilha, convivência, alegria, seriedade, bem-estar, dança, músicas, reflexão, estudos bíblicos, palestras, louvores e missão. Tais dados nos oferecem visão mais ampla de como os adolescentes e jovens concebem a espiritualidade (q. 33, Apêndice B, p. 164, 176, 187): renovação de espírito, experiência do sagrado, atividades que desenvolvem o interior de cada ser humano, algo que não é humano, algo do íntimo, alimento que dá força ao viver do espírito com as pessoas e com Deus, vida após a morte, crença, caridade etc.

Nesse contexto, percebemos a importância do papel do formador, do coordenador, do líder religioso na formação espiritual e humana dos adolescentes e jovens, mas, antes de tudo, convém avaliar a realidade religiosa, cultural, psicorreligiosa deles, a fim de se descobrir a melhor metodologia a se adotar durante o processo contínuo da formação espiritual juvenil.

Na nossa pesquisa, ficou claro que os jovens apontam, ao seu modo, os ideais de Igreja e de como se relacionar com o sagrado, o que gera nova mística e espiritualidade juvenil. Alguns desses novos tipos de espiritualidade está no cotidiano da vida (q. 38, Apêndice B, p. 165, 177, 188): orações, ajuda às pessoas, agradecimentos a Deus por tudo,

solidariedade (trabalho social), viver os dons do Espírito Santo, refletir sobre a vida, fazer os outros alegres, proporcionar o bem e frequentar a igreja. Isso os ajuda a se encontrarem na vida com o sagrado institucional, como parte indispensável de sua evolução humana e juvenil.

No intercâmbio dos membros dessa Igreja idealizada, eles sonham com os seguintes comportamentos (q. 40, Apêndice B, (p. 167, 178, 189): estar em comunhão com Deus e com os outros, as diferenças não devem ser obstáculos na participação dos sacramentos da Igreja; enxergar os menos favorecidos; proporcionar relacionamento maior com Deus e com o outro; não colocar simplesmente leis a serem seguidas; dar orientações à humanidade e aos padres (que devem estar mais próximos de seu rebanho) e realizar o projeto de Deus na humanidade. Ademais, eles chamam a atenção para que se respeite cada indivíduo como único, por isso não se pode conceber um modelo de homem uniforme, como enfatizara Paula Frassinetti.

Nos dias atuais, de crises diversas, de seres em busca de um lugar no mundo, mais do que nunca, os jovens não param de questionar o porquê do existir, do fazer história, realidades próprias dos seres humanos – é crise juvenil. Passada essa fase, eles desejam chegar ao estado de realização global da natureza humana. Assim, buscam, ao seu modo, lugar e clima aconchegantes ao lado do sagrado, também institucional (o que nem sempre acontece), para saborear, de fato, a experiência de encontro e reencontro com o sagrado e, assim, desmistificar idéias errôneas a respeito da vivência de experiência profunda com o sagrado.

Então, compreender e identificar as características próprias da crise religiosa juvenil e as conseqüências na formação de sua identidade psicorreligiosa é importante nos âmbitos religioso e pastoral. Para isso, nesta dissertação, analisamos as percepções, vivências e representações que o jovem tem do sagrado institucional perdido, identificando as características da nova mística juvenil, tendo como referência a mística de Paula Frassinetti e outras ações e documentos da congregação doroteana.

Nosso estudo mostrou que é necessário ter coragem para proporcionar à juventude oportunidade de superar suas crises psicorreligiosas de forma consciente, porque cada crise é importante para o resgate da identidade religiosa juvenil em tempos de subjetividade, quando o individualismo predomina em todas as sociedades e culturas.

De outra parte, ficou evidente, não basta apenas ter metodologia própria para o público juvenil, mística, espiritualidade, agrupando jovens por vaidades pessoais e para satisfazer os desejos particulares institucionais e humanos; é preciso também demonstrar o amor pela juventude.

Com este trabalho não pretendemos afirmar o que seja certo ou errado em relação à metodologia adotada durante o período de formação espiritual da juventude; pelo contrário, desejamos seguir orientações importantes para a vida espiritual juvenil. em particular, para os que estão nas escolas, como o Colégio de São José, que fez parte da pesquisa, nas faculdades, como a FAFIRE, nos projetos, como o CECOSNE e outros mantidos pelas irmãs da Congregação de Santa Dorotéia.

Concluindo, quem se encontra no universo de formação juvenil deve ter a consciência de que, quando não se experimenta a oportunidade de conhecer o sagrado, perde-se a oportunidade de conhecer a própria condição humana e de fazer da vida juvenil um encontro amoroso e realizador com o sagrado institucional.

Sobre o amor, assim se expressou o apóstolo São João:

O amor é paciente, é amável; o amor não é invejoso, não é orgulhoso nem faz coisas inconvenientes, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acabará. (1Cor, 13,4-8).

Nesse sentido, faz-se necessário despertar nos adolescentes e jovens o desejo de se reaproximarem do sagrado divino e institucional e de fazerem suas experiências místicas e espirituais, preferencialmente, como Jesus e Paula Frassinetti ensinaram.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. 447p.
- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014p.
- ALVES, R. A. **O enigma da religião**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2006. 176p.
- ALVES, R. A. **O que é religião?** 6. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 163p.
- AMATUZZI, M. M. (org.) **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. 239p.
- ANGERANI, C. V. A. **Psicoterapia existencial**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1998. 104p.
- ANTONIAZZI, A. O sagrado e as religiões no limiar do terceiro milênio. In: CALIMAN, C. (org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998. 207p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.
- LIBÂNIO, J. B. O sagrado na pós-modernidade. In: CALIMAN, C. (org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998. 207p.
- BINGEMER, M. C. L. Salvação em horizonte inter-religioso. In: CALIMAN, C. (org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998. 207p.
- BARRY, W. A. **A direção espiritual e o encontro com Deus: uma indagação teológica**. São Paulo: Loyola, 2005. 127p.
- BARBOSA, D. **Testemunhos sobre Paula Frassinetti**. Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia. Província Portugal Sul. 2005. 103p. (Mimeo).
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004. 94p.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985. 248p.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** 4. ed. São Paulo: Paulus, 1985. 194p.

_____. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística.** 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 204p.

BITTENCOURT FILHO, J. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social.** Petrópolis: Vozes, 2003. 260p.

BÍBLIA do Peregrino. Edição de Estudo. São Paulo: Paulus, 2002. 356p.

BINGEMER, M. C. L. A espiritualidade hoje: novo rosto, antigos caminhos. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (org). **Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática.** São Paulo: Paulinas, 2003. p. 361-404.

_____. **Alteridade vulnerabilidade: experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise.** São Paulo: Loyola, 1993. 102p.

_____. **Em tudo amar e servir: mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola.** São Paulo: Loyola, 1990. 367 p.

BLOS, Peter. **Transição adolescente: questões desenvolvimentais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 343p.

BOFF, L.; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 163p.

_____. **Igreja: carisma e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2005, 472p.

_____. **Crise: oportunidade de crescimento.** Campinas: Verus, 2002, 212p.

BOFF, C. **Uma igreja para o novo milênio.** 4. ed. São Paulo: Paulus, 1998, 37p.

BRAKEMEIER, G. **O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica.** 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002. 220p.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia.** 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 157p.

CASTRO, V. J. **Espiritualidade cristã: mística da realização humana.** São Paulo: Paulus, 1998. 77p.

CANTONE, C. (org.) **A reviravolta planetária de Deus: da experiência religiosa à experiência secular.** [S.l.]: Paulinas, [s.d.]. 557p.

CECHINATO, L. **Os vinte séculos de caminhada da Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 470p.

CNBB – **Evangelização da Juventude.** Desafios e perspectivas pastorais. Documentos, 85. São Paulo: Paulinas, 2007. 164p.

CELAM: **Conclusões da Conferência de Medellín.** 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. 285p.

- CELAM : **Conclusões da Conferência de Puebla**: evangelização no presente e no Futuro da América Latina/Conselho Episcopal Latino-Americano. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. 390p.
- CONGREGAÇÃO de Santa Dorotéia do Brasil. **Raízes da nossa missão educativa**: questões e interpelações. Brasil: 2000. 72p.
- CONSTITUIZIONI e Regole dell' **Instituto Religioso delle Suore Maestre Di S. Dorotea di 1851** - Tradução da Província Brasil – Nordeste. Recife: [s.n.], 1969. 254p.
- CONCÍLIO VATICANO II - A Igreja-Lumen Gentium. Constituição dogmática sobre a Igreja. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. 142p.
- COSTA, M. R. N. **Manual para normatização de trabalhos acadêmicos**: monografias, dissertações e teses. 5. ed. ver. Recife: INSAF, 2005. 184p.
- CROATTO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001. 521p. (Col. Religião e Cultura).
- CRESPI, F. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. Bauru: EDUSC, 1999. 88p. (Col. Filosofia e Política).
- DI SANTE, C. **Responsabilidade**: o eu – para – o outro. [tradução Ivo Storniolo]. São Paulo: Paulus, 2005. 118p. (Col. Temas de Atualidade).
- DROGUETT, Juan Guillermo. **Desejo de Deus**: Diálogo entre psicanálise e fé. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 157.
- DURKHEIM, É. **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989. 536p.
- DUPUIS, J. **O cristianismo e as religiões do desencontro**. São Paulo: Loyola, 2004. 326p.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. 179p.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1990. 191p.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 256p.
- FERNANDES, S. R. A. (org.). **Mudança de religião no Brasil**: desvendando sentidos e motivações. São Paulo: [S.d.], 235p. (Palavra & Prece.)
- FIORES, S.; GOFFI, T. **Dicionário de espiritualidade**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993. 506p.
- FRASSINETTI , Paula (Santa). **Cartas**. Roma: [s.n.], 02 de fev. de 1986. 2v.
- FRASSINETTI, Paula (Santa). **Intuição pedagógica**: um olhar filosófico. Recife: 2000 (Mimeo). 43p.
- FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.101p. (Col. Logoterapia).

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 22. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2006. 136p.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 79p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184p.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 20. ed. São Paulo: Moraes, 1980. 102p.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 150p.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 134p.

FRITZEN, S. J. **Relações humanas interpessoais nas convivências grupais e comunitárias**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 147p.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005. 165p.

GRÜM, Anselm. **A proteção do sagrado**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 102 p.

GONÇALVES, P. S. L.; BONATTO, V. I. (orgs.) **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004. 420p.

HOUAISS, A **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922p.

IMODA, F. **Psicologia e mistério: o desenvolvimento humano**. São Paulo: Paulinas, 1996. 663p. (Col. Pedagogia e Educação).

JACOB, C. R. et al. **Religião e sociedade em capitais brasileiras**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola; Brasília: CNBB, 2006. 250p.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1987. 144p. v.11/1.

LIBANIO, J. B. **Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004. 242p.

_____. **Eu creio, nós cremos: tratado de fé**. São Paulo: Loyola, 2000. 478p.

_____. **As lógicas da cidade: o impacto da fé**. São Paulo: Loyola, 2000. 229p.

_____. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002. 283p.

_____. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo: Loyola, 2005. 223p.

_____. **O mundo dos jovens: reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da igreja**. São Paulo: Loyola, 1978. 236p.

- LIBÓRIO, L. A. **A existência humana e a dimensão psico-religiosa**. Recife: 2005. 114p. (Mimeo).
- MARTELLI, S. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização**. São Paulo: Paulinas, 1995. 493p.
- MESLIN, M. **A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1992. 359p.
- MIRANDA, M. F. **A igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006. 332p.
- _____. **Inculturação da fé: uma abordagem teológica**. São Paulo: Loyola, 2001. 163p.
- MONTEIRO, D. M. R. (org.). **Espiritualidade e finitude: aspectos psicológicos**. São Paulo: Paulus, 2006. 349p.
- MOTA, A R. S. Experiência religiosa juvenil numa cultura da subjetividade. **Revista Lumen**, Recife, v. 16, n. 1, jan./fev. 2007, 93-124p
- _____. **A Pedagogia do discernimento vocacional à luz dos Exercícios de Inácio de Loyola** (Extrato da Dissertação da tese de Doutorado), Roma: Università Pontificia Salesiana (Facoltà di Teologia – Departamento di Pastorale e Catechetica), 2002, p. 127.
- MULLER, W. **Deixar-se tocar pelo sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2004. 181p.
- NOVAES, R. V. (org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. 303p.
- OLIVEIRA, M. L. **O que vale um amor**. Recife: 1983, 50p. (Mimeo)
- _____. **Paola Frassinetti: religiosa educadora**. Recife: 1982, 49p. (Mimeo)
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Bargaço, 2005. 192p.
- OTTO, R. **O sagrado**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1970. 228p.
- PADEN, W. E. **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião**. São Paulo: Paulinas, 2001. 234p. (Col. Religião e Cultura).
- PALMER, M. **Freud e Jung: sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 2001. 269 p.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. **Da lógica da criança à lógica do adolescente**. São Paulo: Pioneira Editora, 1976.
- RAHNER, K. **Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 1989. 531p. (Col. Teologia Sistemática).
- RÉMOND, R. **O século XIX 1815-1914: introdução à história de nosso tempo**. São Paulo: Cultrix, [s.d.]. 207p.
- ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo**. 11. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 124p. (Col. Primeiros Passos).

RODRIGUES, S. S. **Nova trindade:** busca, fé e questionamento. São Paulo: Oceano, 2007. 64-73p.

ROSSETTO, R. **Santa Paula Frassinetti:** fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia; [tradução José Leite]. São Paulo: Paulinas, 2004. 217p. (Col. Testemunhos de Santidade).

SECONDIN, B. **Espiritualidade em diálogo:** novos cenários da experiência espiritual. São Paulo: Paulinas, 2002. 218p. (Col. Caminhos no Espírito).

SELLETI, J. C. **As raízes cristãs da autonomia.** Petrópolis: Vozes, 2005. 117p.

SELL, C. E.; BRUSEKE, F. J. **Mística e sociedade.** Itajaí (SC): Universidade do Vale do Itajaí; São Paulo: Paulinas, 2006. 253p.

SHELDRAKE, P. **Espiritualidade e teologia:** vida cristã e fé trinitária. São Paulo: Paulinas, 2005. 269p.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. 133p.

STARK, R. **O crescimento do cristianismo:** um sociólogo reconsidera a história. São Paulo: Paulinas, 2006. 263p.

TEIXEIRA, F. (org.) **Nas teias da delicadeza:** itinerários místicos. São Paulo: Paulinas, 2006. 285p. (Religião e Cultura).

_____. **No limiar do mistério:** mística e religião. São Paulo: Paulinas, 2004. 436p. (Religião e Cultura).

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (orgs.). **As religiões no Brasil:** continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. 264p.

TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs.) **Teologia na pós-modernidade:** abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003. 496p.

VALLE, E. Experiência religiosa: enfoque psicológico. *In:* BRITO, Ê. J.; GORGULHO, G. S. (orgs.) **Religião ano 2000.** São Paulo: Loyola, 1998. 174p.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO MISTO**A CRISE JUVENIL ANTE O SAGRADO INSTITUCIONAL E A BUSCA DE UMA
ESPIRITUALIDADE INSPIRADA NA MÍSTICA DE PAULA FRASSINETTI****CÓDIGOS:**

C () CECOSNE

CSJ () COLÉGIO DE SÃO JOSÉ

F () FACULDADE FRASSINETTI DO RECIFE – FAFIRE

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Sexo:

Feminino () Masculino ()

Idade: -----

Qual é sua situação civil? -----

Qual é sua escolaridade? -----

Quantos são em sua casa?-----

Qual é a renda da sua família?-----

Casa própria?-----

Qual é a escolaridade dos seus pais?

Pai-----

Mãe-----

Você trabalha?

() Sim

() Não

Qual a sua religião? _____

É a mesma dos seus pais?

- Sim
 Não

B) PERTENÇA RELIGIOSA: SAGRADO JUVENIL E INSTITUCIONAL

1-Você acredita em Deus?

- Sim
 Não

2- Se você acredita em Deus, quem é Deus para você?

3- Você tem um relacionamento com Deus?

- Sim
 Não

Como?

4- Como você define ser religioso?

5- É importante ser religioso?

- Sim
 Não

Como?

6-Você pertence a uma Igreja (comunidade de fé)?

- Sim
 Não

Por quê?

7-Você considera importante pertencer a uma Igreja?

- Sim
 Não

Por quê?

8-Você se sente feliz nessa Igreja?

() Sim

() Não

Por quê?

09 - Você vai à igreja (templo)?

() Sim

() Não

Por quê?

10- Qual a sua frequência à igreja?

() Semanal

() Mensal

() Anual

() Nunca

11- O que você faz ao frequentar a igreja (templo)?

12- O que você faz ao não frequentar a igreja (templo)?

13-Você já pertenceu a algum grupo jovem?

() Sim

() Não

14- O que levou você a participar do grupo jovem?

15- Que atividades você mais aprecia no seu grupo jovem?

16- A sua família ajuda você a ser Igreja (comunidade de fé)?

() Sim

() Não

Como?

C) CRISE DE PERTENÇA À IGREJA

17- Em algum momento, você duvidou da existência de Deus?

Sim

Não

Por quê?

18- Você critica a sua Igreja?

Sim

Não

19- Que críticas você faz à sua Igreja?

20- Quem mais influencia você a fazer essas críticas (até três respostas)?

Família

TV

Amizades

Namorado (a)

Líder religioso

Grupos

Outros

21- O que você vê de positivo na sua Igreja?

22- Que orientações da Igreja influenciam negativamente em sua vida?

23- O que você acha mais importante?

Ir a igreja com as outras pessoas

Ficar sozinho (a) orando a Deus

Por quê?

24- Para você, a fé é mais rica em uma:

- vivência comunitária
- vivência individual

Por quê?

25- Se você pudesse mudar algo na sua Igreja, o que você mudaria?

Por quê?

D) BUSCA DE NOVA PERTENÇA (ESPIRITUALIDADE)

26- Você já mudou de Igreja?

- Sim
- Não

27- Quantas vezes?

Por quê?

28- Se mudou de Igreja, qual era a sua Igreja anterior?

29- Que motivos levaram você a mudar de Igreja?

30- Como você se sente nessa nova Igreja?

31- Quem mais influenciou essa mudança de Igreja (até três respostas)?

- Família
- TV
- Amizades
- Namorado (a)
- Líder religioso
- Grupos
- Outros

32- Você já freqüentou outras religiões sem ser a sua?

Qual ou quais?

Por quê?

E) BUSCA DE UMA NOVA ESPIRITUALIDADE

33- O que você entende por espiritualidade?

34- Você tem uma espiritualidade?

Sim

Não

Indiferente

Por quê?

35- Quem mais contribuiu para sua espiritualidade (até três respostas):

Família

Igreja

Escola

Faculdade

Amigos

Grupos de jovens

36- O que mais contribui para a sua espiritualidade (até três resposta):

Bíblia

Livros

Músicas

Filmes

Retiros

Encontros de formação espiritual

Acampamentos religiosos

Campanhas sociais

Preparação para crisma

Devoção a algum santo

Outros

37- Você se considera uma pessoa espiritualizada?

- Sim
- Não

Como?

38-Como você vivencia a sua espiritualidade no seu cotidiano?

39- Você segue algum modelo de espiritualidade?

- Sim
- Não

Qual?

40-Como deveria ser uma Igreja espiritualizada?

APÊNDICE B - CATEGORIZAÇÃO (QUESTÕES ABERTAS)

COLÉGIO DE SÃO JOSÉ (PÚBLICO-ALVO: 25 JOVENS)

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

R-

IDADE	MASCULINO	FEMININO
14 anos	03	03
15 anos	01	09
16 anos	03	05
17 anos	-	01
TOTAL	07	18

SITUAÇÃO CIVIL	Todos solteiros
ESCOLARIDADE	Ensino Médio
QUANTOS SÃO EM SUA CASA	03 a 10 membros
RENDA FAMILIAR	02 salários mínimos a 20
CASA PRÓPRIA	Não: 04 Sim: 21
ESCOLARIDADE	Pai: Ensino Médio a Superior Completo Mãe: Ensino Médio a Superior Completo
VOCÊ TRABALHA	Sim: 0 Não: 25
RELIGIÃO	Católica: 19 Testemunha de Jeová: 01 Espírita: 01 Cristã Católica: 01 Protestante: 02 Não tem: 01
É A MESMA DOS SEUS PAIS	Sim: 19 Não: 06

PERTENÇA RELIGIOSA: SAGRADO JUVENIL E INSTITUCIONAL

1-Você acredita em Deus?

R-

Sim: 23

Não: 01

Não declarou: 01

2- Se você acredita em Deus, quem é Deus para você?

R – “Deus é o tudo, onipotente, criador do céu, da terra e de todas as criaturas, pai, ser supremo, segurança, fortaleza, consolo, alguém especial, amor, carinho, doçura, felicidade, guia e base da vida” (resposta de ambos sexos). Enfim, detectamos que o forte nessa questão é a relação dos jovens com Deus, sobretudo com o sentimento de pai.

3- Você tem um relacionamento com Deus?

R-

Sim: 23

Não: 01

Não respondeu: 01

Como?

R – O relacionamento se dá por meio da oração, ou seja, conversando com ele.

4- Como você define ser religioso?

R - O ser religioso para os jovens e adolescentes é inerente à relação com Deus, sobretudo, pertence a uma religião e a prática conforme seus mandamentos na práxis.

5- É importante ser religioso?

R-

Sim: 21

Não: 04

Os que responderam “sim” declararam que é uma opção de vida, isto é, razão para viver, cuidar do espírito, acreditar nas pessoas, ter esperança, encontrar um caminho a seguir e ter uma religião para praticar.

Os que afirmaram “não” responderam que as pessoas não devem ser forçadas a nada se não sentirem a necessidade da consagração à vida religiosa.

6- Você pertence a uma Igreja (comunidade de fé)?**R-**

Sim: 16

Não: 07

Dois marcaram “sim” e “não”.

Para o grupo que respondeu “sim”, pertencer à Igreja (comunidade de fé) significa receber orientações, fazer amizade, proporcionar o bem e, sobretudo, fortalecer a fé, o relacionamento com o outro e com Deus.

Já os que responderam “não” justificaram assim: falta de tempo, testemunho à distância, a divergência da religião com a dos pais, o que dificulta a ida à comunidade de fé.

7-Você considera importante pertencer a uma Igreja?**R-**

Sim: 18

Não: 06

Dúvida: 01

O grupo que respondeu “sim” pensa que pertencer à Igreja significa: conhecer mais sobre Deus e seus ensinamentos, ajudar mais o próximo, principalmente os mais necessitados, possibilitar o crescimento religioso e espiritual.

8- Você se sente feliz nessa Igreja?**R-**

Sim: 19

Não: 01

Não respondeu: 04

Para os que disseram “sim”, a felicidade consiste em ser acolhido, incentivado, estimulado e, sobretudo, estar mais próximo de Deus.

09- Você vai à igreja (templo)?

R-

Sim: 22

Não: 02

Branco: 01

As motivações dos que vão à igreja são: paz de espírito e interior, aproximação de Deus e, por fim, realização pessoal e transcendental.

Os que responderam “não” disseram que falta de tempo e cansaço da rotina diária são motivos suficientes para se manterem afastados da igreja.

10- Qual a sua frequência à igreja?

R-

Semanal: 06

Mensal: 12

Anual: 06

Nunca: 01

11- O que faz você freqüentar a igreja?

R – Segundo os dados coletados, podemos perceber a sensação de tranquilidade, conforto, paz, presença do Deus vivo, os ministérios, o bem-estar, palavras de fortalecimento, coragem, esperança, ocasiões especiais (casamentos, batizado etc.), as pessoas, a escuta da palavra, o contato maior com Deus e seus ensinamentos. Às vezes, o anseio por experiência profunda com o sagrado e a obrigação dos pais motivam a assiduidade na igreja.

12- O que faz você ao não freqüentar a igreja?

R - As principais razões de afastamento da igreja é a falta de acolhida, posteriormente, excesso de regras, críticas a outras religiões, brigas internas pelo poder, o extremo da adoração, falta de tempo, não empatia com o padre falta de vontade, doença, falsidade e hipocrisia.

13- Você já pertenceu a algum grupo jovem?

R-

Sim: 11

Não: 14

14- O que levou você a participar do grupo jovem?

R - A influência da família está bastante presente na decisão dos jovens em relação à participação em grupos juvenis, especialmente dos amigos. Além disso, o poder da renovação e da construção da juventude está muito presente na decisão.

15- Que atividades você mais aprecia no seu grupo jovem?

R – A dança, a reflexão, os estudos bíblicos, as palestras, os louvores, o evangelismo. As atividades e missão são forma de expressão do sagrado no mundo juvenil.

16- A sua família ajuda você a ser Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 19

Não: 05

Branco: 01

Para quem respondeu “não”, é obrigação familiar ir à igreja, no entanto, hoje, no mundo secularizado, a postura muito difere, pois a liberdade de crença está muito presente nos lares.

Sim, a família é base do ensinamento da crença em Deus, independente de religião, pois é nela que aprendemos a ser gente e a praticar a Fé, além disso, mostra o caminho a ser seguido, isto é, Jesus Cristo: Caminho, Verdade e Vida.

C) CRISE DE PERTENÇA À IGREJA

17- Em algum momento, você duvidou da existência de Deus?

R-

Sim: 09

Não: 16

Sim. “Quando eu era criança, via coisas horríveis acontecendo e, um dia, eu me perguntei: ‘Deus existe mesmo?’ Mas hoje não duvido pelos acontecimentos do mundo. Uma vez, em crise, cheguei a pensar que não existia ninguém além de mim, mas, ao pensar com clareza, percebi que estava errada, pois, quando passava por uma crise de fé, quando conversava e pedia a Deus para me ajudar, parecia que ele não me escutava. Teve momentos que parecia que ele não estava ali presente (um mundo cheio de problemas), entretanto, fora nesses momentos que Ele se fazia presente em minha vida.”

Não. “Apesar ter - me afastado um pouco dele e da igreja num período da adolescência, sempre situei a presença de Deus em minha vida, sobretudo acreditando em sua existência”.

18- Você critica a sua Igreja?

R-

Sim: 14

Não: 10

Branco: 01

19- Que críticas você faz à sua Igreja?

R - Algumas críticas comuns dos jovens relacionam-se a posições políticas e sociais, ao aborto, ao casamento e homossexualismo, à briga por cargos na Igreja, a atitudes contraditórias – prega uma coisa e faz outra –, ao dinheiro e à falta de humanismo, ao uso da camisinha e às pílulas anticoncepcionais.

20- Quem mais influencia você a fazer essas críticas (até três respostas)?

R-

Família: 02

TV: 03

Amizades: 05

Líder religioso: 01

Grupos: 03

Outros: 11

21- O que você vê de positivo na sua Igreja?**R-**

Família: 04

Amizade: 05

Líder religioso: 01

TV: 01

Grupos de Jovens: 03

Outros: 06

22- Que orientações da Igreja influenciam negativamente em sua vida?

R – É incrível a unanimidade nas afirmações, pois a Igreja não influencia negativamente na vida, por outro lado, é exemplo e modelo a se seguir.

23- O que você acha mais importante?**R-**

Ir à igreja com as outras pessoas: 10

Ficar sozinho (a) orando a Deus: 15

O primeiro grupo, que considerou importante ir à igreja, achou que é o momento de estar próximo de Deus e dos outros, compartilhar a vida e a fé, em especial, quando se destaca a importância da convivência com o outro.

Já o segundo grupo, para o qual é mais importante ficar sozinho orando a Deus, pensava que a concentração nas orações particulares seria uma opção para se falar com Deus e chegar a ele.

24- Para você, a fé é mais rica em**R-**

vivência comunitária: 17

vivência individual: 07

Branco: 01

A opinião dos jovens em relação à fé e à vivência comunitária encontra-se no poder de partilhar, aprender e fortalecer a caminhada em grupo.

Os que optaram por uma vivência individual consideram que a concentração, a fé são fatores determinantes na opção.

25- Se você pudesse mudar algo na sua Igreja, o que você mudaria?

R – A grande maioria dos jovens e adolescentes não mudaria nada, pois acreditam que tudo está no lugar, porém fazem-se necessárias pequenas mudanças nas celebrações litúrgicas, de modo que se tornem mais alegres e dinâmicas. Isso aumentaria o número do público juvenil na participação proativa da igreja.

D) BUSCA DE NOVA PERTENÇA (ESPIRITUALIDADE)

26- Você já mudou de Igreja?

R-

Não: 22

Sim: 03

27- Quantas vezes?

R-

02- vezes - influência de amigos

01- vez - por amizade

28- Se mudou de Igreja, qual era a sua Igreja anterior?

R - As mudanças ocorreram da Igreja Católica para Protestante; posteriormente, da Assembléia de Deus para Católica.

29- Que motivos levaram você a mudar de Igreja?

R - A influência dos amigos.

30- Como você se sente nessa nova Igreja?

R – As mudanças proporcionaram uma grande paz de espírito, sobretudo ampliação dos laços de amizade.

31- Quem mais influenciou essa mudança de Igreja (até três respostas)?**R-**

Família: 01

TV: 00

Amizades: 01

Namorado (a): 00

Líder religioso: 00

Grupos: 00

Outros: 01

32- Você já freqüentou outras religiões sem ser a sua?**R-**

Sim: 12

Não: 13

Quem respondeu “não” afirmou estar bem. Quem fora visitar outras religiões dera preferência aos centros espíritas por influência da família, amigos e por curiosidade.

E) BUSCA DE NOVA ESPIRITUALIDADE**33- O que você entende por espiritualidade?**

R – No pensamento juvenil, subentende-se que a espiritualidade está inerente à renovação do espírito, paz interior, contato com Deus, sobretudo, na ação do Espírito Santo.

34- Você tem uma espiritualidade?**R-**

Sim: 21

Não: 0

Indiferente: 03

Quem respondeu “índiferente” declarou: “ Acredito que sou forte e capaz suficiente para me ajudar a resolver os meus problemas” – opinião de uma jovem que se definiu sem religião.

Quem respondeu “ sim” declarou: “ Crer em Deus, ser religioso, ter paz de espírito é fundamental para viver bem a fé” – opinião de um jovem que se definiu com espiritualidade.

35- Quem mais contribuiu para sua espiritualidade (até três respostas)?

R-

Família: 16

Igreja: 14

Escola: 08

Faculdade: 00

Amigos: 08

Grupos de jovens: 08

Eu mesma: 01

36- O que mais contribui para a sua espiritualidade (até três resposta)?

R-

Bíblia: 12

Livros: 05

Músicas: 05

Filmes: 01

Retiros: 06

Encontros de formação espiritual: 09

Acampamentos religiosos: 04

Campanhas sociais: 03

Preparação para crisma: 04

Devoção a algum santo: 04

Outros: 04

37- Você se considera uma pessoa espiritualizada?

R-

Sim: 23

Não: 01

Branco: 01

Os sentimentos entre os jovens que se consideram pessoas espiritualizadas são: amor a Deus; fazer coisas boas; paz interior; estar bem com Deus.

38- Como você vivencia a sua espiritualidade no seu cotidiano?

R - A vivência da espiritualidade juvenil no cotidiano se dá por meio da oração, da participação na missa, da ajuda às pessoas, das boas ações, do agradecimento a Deus por tudo, transformando-se em pessoa solidária, vivendo os dons do Espírito Santo.

39- Você segue algum modelo de espiritualidade?

R-

Sim: 06

Não: 16

Branco: 03

Para quem segue um modelo de espiritualidade entres os jovens e adolescentes entrevistados, podemos dizer: Santa Paula Frassinetti é modelo a ser seguido, pois é por intermédio dela que a juventude busca realizar suas orações todos os dias e seguir os mandamentos da Igreja.

40- Como deveria ser uma igreja espiritualizada?

R - Na opinião da juventude, a igreja espiritualizada deveria está em comunhão com Deus e com os outros, cujas diferenças não fossem obstáculos na participação dos sacramentos da Igreja.

CATEGORIZAÇÃO (CONTINUAÇÃO)

FACULDADE FRASSINETTI DO RECIFE (PÚBLICO-ALVO: 25 JOVENS)

A) DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

R-

IDADE	MASCULINO	FEMININO
16 anos	-	01
18 anos	-	03
19 anos	01	03
20 anos	01	04
21 anos	-	02
22 anos	02	03
23 anos	-	02
24 anos	-	03
TOTAL	04	21

SITUAÇÃO CIVIL	Todos solteiros
ESCOLARIDADE	Superior incompleto (cursando)
QUANTOS SÃO EM SUA CASA	02 a 06 membros
RENDA FAMILIAR	02 salários mínimos a 15
CASA PRÓPRIA	Não: 06 Sim: 19
ESCOLARIDADE	Pai: 1º grau completo a superior completo Mãe: Ensino Médio a Pós-Graduação
VOCÊ TRABALHA	Sim: 16 Não: 09
RELIGIÃO	Católica: 21 Evangélica: 03 Não tem religião: 01
É A MESMA DOS SEUS PAIS	Sim: 22 Não: 03

B) PERTENÇA RELIGIOSA: SAGRADO JUVENIL E INSTITUCIONAL

1- Você acredita em Deus?

R-

Sim: 24

Não: 01

2- Se você acredita em Deus, quem é Deus para você?

R - Entre os universitários, as opiniões sobre Deus foram as mais diversas. Vejamos as mais destacadas: Deus é uma força (5); amor (3); paz (3); ser perfeito (2); pai (2); amigo (3); alimento (2); salvador (2); conforto, suporte e tudo.

3- Você tem um relacionamento com Deus?

R-

Sim: 24

Não: 01

Como?

Para os que têm relacionamento com Deus, o processo é este: por meio da oração (9), conversas (7), ações (2), respeito (2), pensamentos e ações humanitárias (5).

4- Como você define ser religioso?

R – Para os universitários, ter conhecimento da religião e saber usá-la na orientação da vida em defesa dos irmãos é peça-chave na decisão daqueles que escolhem este caminho, seguindo os do Mestre.

5- É importante ser religioso?

R-

Sim: 23

Não: 02

Sim. Crer em Deus, praticar os ensinamentos, seguir alguma religião, ter fé, dando continuidade aos mandamentos, e exercitar o bem são passos para transcendência.

6- Você pertence a uma Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 10

Não: 15

Os jovens que participavam da comunidade de fé exprimiram: “ É no relacionamento comunitário que descobrimos verdadeiramente o crescimento pessoal e espiritual, principalmente o testemunho de vida. ”

7- Você considera importante pertencer a uma Igreja?

R-

Sim: 16

Não: 09

Os jovens que optaram pelo “não” disseram: “ Pertencer a uma Igreja não é tão necessário assim na práxis, mas o importante mesmo é ter um relacionamento fidedigno com Deus.

Já os que responderam “sim” afirmaram que é uma possibilidade de enxergar o mundo melhor, de aprender os princípios e valores fundamentais para uma vida cheia de virtudes.

8- Você se sente feliz nessa Igreja?

R-

Sim: 16

Não: 02

Não respondeu: 07

Para os que responderam “ sim”, é o caminho da salvação, da realização, do amor, da esperança, da paz, da fé, da humildade, da interação. Já para os que responderam “não”, as pessoas dão muita importância ao secundário, e não ao essencial (projeto de salvação).

9- Você vai à igreja (templo)?

R-

Sim: 22

Não: 03

Os que responderam “não” justificaram a decisão na não acolhida por parte dos responsáveis.

Já os que afirmaram “sim” disseram categoricamente que o gosto pela participação nas celebrações está principalmente no encontro com o pai, na paz de espírito, na gratidão, na partilha, na vida comunitária e, sobretudo, na vivência do evangelho.

10- Qual a sua freqüência à igreja?

R-

Semanal: 06

Mensal: 12

Anual: 06

Nunca: 01

11- O que faz você freqüentar a igreja (templo)?

R – Aprofundar a experiência do amor a Deus, partilhar a solidariedade, comunicar a mensagem de Jesus Cristo e viver os ensinamentos da Igreja.

12- O que faz você não freqüentar a igreja (templo)?

R – A distância entre a igreja e a juventude dá-se no seguinte viés: o excesso de regras, a falta de interação, não empatia entre o celebrante e os jovens, os sermões não adequados à práxis.

13- Você já pertenceu algum grupo jovem?

R-

Sim: 12

Não: 12

Branco: 01

14- O que levou você a participar do grupo jovem?

R – A influência dos amigos, a sede por Deus, temáticas juvenis, a vivência em grupo e a curiosidade são motivos suficientes pela procura dos grupos.

15- Que atividades você mais aprecia no seu grupo jovem?

R – No contexto juvenil, as atividades mais interessantes nos grupos são: as dinâmicas, as partilhas, as experiências de vida, a espiritualidade, os assuntos da práxis e a solidariedade entre jovens.

16- A sua família ajuda você a ser Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 19

Não: 04

Branco: 02

A família está presente na ação e participação da vida de fé dos jovens na Igreja, sobretudo, com o apoio, testemunho e espiritualidade.

C) CRISE DE PERTENÇA À IGREJA

17- Em algum momento, você duvidou da existência de Deus?

R-

Sim: 11

Não: 14

Os que duvidavam da existência de Deus apresentaram vários motivos para tal resposta, por exemplo, a falta de conhecimento e de aprofundamento sobre a religião, as crises juvenis, o não entendimento das orientações a serem seguidas etc.

Os que acreditavam em Deus disseram: “É uma força que nunca nos abandona, está sempre presente em todas as horas, é pai, amigo, companheiro ” etc.

18- Você critica a sua Igreja?

R-

Sim: 13

Não: 11

Branco: 01

19- Que críticas você faz à sua Igreja?

R - As críticas comuns foram em relação às posições políticas e sociais, ao aborto, ao casamento e homossexualismo, às brigas por cargos na igreja, às contradições entre discurso e ação, ao dinheiro e à falta de humanismo, ao uso da camisinha e das pílulas anticoncepcionais.

20- Quem mais influencia você a fazer essas críticas (até três respostas)?

R-

Família: 07

TV: 03

Amizades: 05

Namorado (a): 00

Líder religioso: 01

Grupos: 03

Outros: 08

Branco: 03

21- O que você vê de positivo na sua Igreja?

R - Os serviços sociais, os grupos de pastorais, a comunhão, a solidariedade, os ritos, o acolhimento, os ensinamentos das palavras de Cristo, o testemunho, a hierarquia e, por fim, a evangelização.

22- Que orientações da Igreja influenciam negativamente em sua vida?

R - Nenhuma (10); ser contrário ao uso de preservativos e contrário ao homossexualismo (2); não seguem as orientações da Igreja (2); obrigatoriedade do dízimo e como interpreta o pecado (2); só sua verdade é válida, nega a existência das demais e todas ensinam o bem, já que seguem a palavra de Deus (2).

23- O que você acha mais importante?**R-**

Ir à igreja com as outras pessoas: 05

Ficar sozinho (a) orando a Deus: 17

Para os que afirmaram ir à Igreja com as outras pessoas, a prática do amor, o respeito ao próximo, o vínculo de relacionamento, as trocas de idéias e experiências são subsídios importantes na participação da igreja.

Para os que optaram ficar sozinhos (as) orando a Deus, trata-se do momento de agradecimento, conversa, concentração, oração particular, exercício da fé e, sobretudo, de comunicação com Deus.

24- Para você, a fé é mais rica em:**R-**

vivência comunitária: 18

vivência individual: 05

Branco: 02

A vivência individual está marcada pela crença e pela fé, pois é algo subjetivo.

Já a vivência comunitária integra a aprendizagem, experiências, fé, solidariedade, partilha, conversão, simplicidade e amor.

25-Se você pudesse mudar algo na sua Igreja, o que você mudaria?

R - A princípio, a doutrina de Roma, posteriormente a filosofia, organização financeiro-hierárquica, as normas e regras, a hipocrisia e os líderes.

D) BUSCA DE NOVA PERTENÇA (ESPIRITUALIDADE)**26- Você já mudou de Igreja?****R-**

Não: 16

Sim: 09

27- Quantas vezes?

R-

Uma vez: 05

Duas vezes: 02

Quatro vezes: 04

Várias: 14

28- Se mudou de Igreja, qual era a sua Igreja anterior?

R - Não exatamente ocorrera mudança, mas, sim, curiosidade da filosofia entre católicos, espíritas e evangélicos.

Obs.: como se pode perceber, nesta questão, parece que não houve compreensão, pois 08 entrevistadas (0) responderam que trocarão de igreja, mas não de comunidade de fé.

29- Que motivos levaram você a mudar de Igreja?

R – A curiosidade, o agir sem pensar, o estado de espírito, a influência familiar, o abuso de autoridade, a distância e as missas paradas.

30- Como você se sente nessa nova Igreja?

R – As mudanças proporcionaram uma grande paz de espírito, sobretudo, ampliação dos laços de amizades.

31- Quem mais influenciou essa mudança de Igreja (até três respostas)?

R-

Família: 04

TV: 00

Amizades: 03

Namorado (a): 00

Líder religioso: 00

Grupos: 00

Outros: 03

32- Você já freqüentou outras religiões sem ser a sua?

R-

Sim: 12

Não: 08

Branco: 05

Seguem os dados: Espírita (05), Evangélica (03), Católica (01), Testemunha de Jeová (01), Batista (02).

E) BUSCA DE NOVA ESPIRITUALIDADE

33- O que você entende por espiritualidade?

R - A espiritualidade encontra-se na vivência com o sagrado, ou seja, no pensamento em Deus e em Cristo, especialmente em seus ensinamentos, pois é uma atividade que desenvolve no interior de cada ser humano.

34- Você tem uma espiritualidade?

R-

Sim: 19

Não: 05

Indiferente: 01

Por quê?

Os que responderam “sim” disseram que o trabalho interior, a presença Deus são muito presentes na vida e, sobretudo, essenciais para fé, paz, alegria, tranqüilidade, amor na comunhão com os outros.

35- Quem mais contribuiu para sua espiritualidade (até três respostas)?

R-

Família: 15

Igreja: 13

Escola: 05

Faculdade: 06

Amigos: 09

Grupos de jovens: 06

36- O que mais contribui para a sua espiritualidade (até três resposta):

R-

Bíblia: 09

Livros: 05

Músicas: 09

Filmes: 01

Retiros: 06

Encontros de formação espiritual: 06

Acampamentos religiosos: 05

Campanhas sociais: 05

Preparação para a crisma: 03

Devoção a algum santo: 03

Outros: 04

37- Você se considera uma pessoa espiritualizada?

R-

Sim: 23

Não: 01

Branco: 01

Os sentimentos entre os jovens que se consideravam pessoas espiritualizadas foram, preferencialmente, o amor a Deus e ao próximo e o exercício da caridade.

38- Como você vivencia a sua espiritualidade no seu cotidiano?

R – Naturalmente; não pensavam muito nisso; deixavam acontecer por meio de trabalhos que buscavam solidariedade, amor, paz, acreditando na palavra de Deus, seguindo seus caminhos, refletindo sobre a vida, tentando fazer o bem para eles e para o próximo, especialmente vivendo os ensinamentos de Deus.

39- Você segue algum modelo de espiritualidade?

R-

Sim: 09

Não: 11

Não responderam: 05

Enfim, Santa Paula Frassinetti na juventude cristã apareceu como modelo e exemplo a ser seguido, especialmente pelo testemunho de vida simples e orante. Já os espíritas afirmaram que o livro dos evangelhos segundo Allan Kardec é rumo para a juventude espírita.

40-Como deveria ser uma Igreja espiritualizada?

R - Na visão da juventude, a Igreja espiritualizada deve atender às bases menos favorecidas, proporcionando relacionamento maior com Deus e com o outro, principalmente, a discussão da práxis, uma vez que a Igreja permite o uso do livre-arbítrio. Enfim, deve não colocar leis a serem seguidas, mas, sim, dar orientações à humanidade e aos padres os quais devem estar mais próximos de seu rebanho.

CATEGORIZAÇÃO (CONTINUAÇÃO)**CECOSNE (PÚBLICO-ALVO: 25 JOVENS)****A) DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**

R-

IDADE	MASCULINO	FEMININO
--------------	------------------	-----------------

14 anos	02	04
15 anos	02	06
16 anos	04	04
17 anos	01	01
18 anos	01	-
TOTAL	10	15

SITUAÇÃO CIVIL	Todos solteiros
ESCOLARIDADE	Ensino Fundamental até o Ensino Médio
QUANTOS SÃO EM SUA CASA?	02 a 16 membros
RENDA FAMILIAR	01 salário mínimo a 03
CASA PRÓPRIA	Não: 05 Sim: 20
ESCOLARIDADE	Pai: analfabeto até Ensino Médio completo Mãe: analfabeta até Ensino Médio completo
VOCÊ TRABALHA?	Sim: 00 Não: 25
RELIGIÃO	Católica: 12 Evangélicas: 10 Não têm religião: 06
É A MESMA DOS SEUS PAIS ?	Sim: 19 Não: 06

B) PERTENÇA RELIGIOSA: SAGRADO JUVENIL E INSTITUCIONAL

1- Você acredita em Deus?

R-

Sim: 25

Não: 00

Obs.: os mesmos jovens que se declararam não ter religião disseram acreditar em Deus.

2- Se você acredita em Deus, quem é Deus para você?

R – Os jovens responderam que Deus é pai, salvador do mundo, criador, tudo, ser maravilhoso, poderoso, dono do mundo, supremo, ser inexplicável, amigo verdadeiro, companheiro, enfim, Deus é amor.

3-Você tem relacionamento com Deus?

R-

Sim: 25

Não: --

Como?

Os que responderam “sim” afirmaram que o relacionamento se dava pela oração, ou seja, conversando com ele.

4- Como você define ser religioso?

R – O religioso é uma pessoa solidária. Para os jovens e adolescentes, a opção por ser religioso está ligada à relação da amizade com Deus, sobretudo, a pertencer a uma religião e praticá-la, seguindo seus mandamentos na práxis.

5- É importante ser religioso?

R-

Sim: 21

Não: 02

Branco: 02

Antes de tudo, Deus é fiel, pois só assim, acreditando em seus ensinamentos, a fé é inabalável, torna-se fonte para a vida, especialmente, praticando a oração, meditação da palavra de Deus, possibilitando ação humanitária e espiritual entre os povos.

6-Você pertence a uma Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 18

Não: 06

Branco: 01

Os que afirmaram “sim” disseram: “É bom participar da igreja, pois vou às comemorações; é lugar de aproximar-me de Deus, proporcionar o bem, partilhar as experiências etc.”

7-Você considera importante pertencer a uma Igreja?

R-

Sim: 21

Não: 03

Branco: 01

Os que disseram “sim” afirmaram que a Igreja vai ganhando vida para Jesus quando abre suas portas para juventude; sobretudo não custa nada adorar a Deus e testemunhá-lo na práxis, por isso faz-se necessário e importante pertencer a uma Igreja.

8- Você se sente feliz nessa Igreja?

R-

Sim: 20

Não: 02

Não respondeu: 03

Os jovens que participavam da comunidade de fé exprimiram: “ É no relacionamento comunitário que descobrimos verdadeiramente o crescimento pessoal e espiritual, principalmente o testemunho de vida.”

09- Você vai à igreja (templo)?

R-

Sim: 22

Não: 03

Os que disseram “sim” afirmaram que o gosto pela participação nas celebrações está principalmente no encontro com o pai, na paz de espírito, na gratidão, na partilha, na vida comunitária e, sobretudo, na vivência do evangelho.

10- Qual a sua frequência à igreja?

R-

Semanal: 20

Mensal: 03

Nunca: 02

11- O que faz você freqüentar a igreja (templo)?

R - Os jovens que freqüentavam a igreja exprimiram o desejo de aprofundar a experiência do amor a Deus, partilhar a solidariedade, comunicar a mensagem de Jesus Cristo e viver os ensinamentos da Igreja.

12- O que faz você não freqüentar a igreja (templo)?

R – O afastamento da igreja dá-se em virtude da falta de acolhida, do excesso de regras, das críticas a outras religiões, das brigas internas pelo poder, do extremo da adoração, da falta de tempo, da não empatia com o padre, da falta de vontade, da doença, da falsidade e hipocrisia.

13-Você já pertenceu a algum grupo jovem?

R-

Sim: 14

Não: 11

14- O que levou você a participar do grupo jovem?

R - A influência da família está bastante presente na decisão dos jovens em relação à participação em grupos juvenis. Mas, também os amigos, a partilha, as relações interpessoais, a faixa etária, o poder da renovação e construção da juventude estão muito presentes na decisão.

15- Que atividades você mais aprecia no seu grupo jovem?

R - As atividades mais interessantes nos grupos são: as dinâmicas, as partilhas, as experiências de vida, a espiritualidade, os assuntos da práxis e solidariedade entre jovens.

16- A sua família ajuda você a ser Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 19

Não: 04

Branco: 02

A família é base do ensinamento da crença em Deus independente de religião, pois é nela que aprendemos a ser gente e a praticar a Fé.

C) CRISE DE PERTENÇA À IGREJA

17- Em algum momento, você duvidou da existência de Deus?

R-

Sim: 05

Não: 20

18-Você critica a sua Igreja?

R-

Sim: 05

Não: 17

Branco: 03

19- Que críticas você faz à sua Igreja?

R - As críticas comuns dos jovens se relacionam às posições políticas e sociais, ao aborto, ao casamento e homossexualismo, às brigas por cargos na Igreja, à contradição entre o discurso e a ação, ao dinheiro e à falta de humanismo, ao uso da camisinha e às pílulas anticoncepcionais.

20- Quem mais influencia você a fazer essas críticas (até três respostas):

R-

Família: 00

TV: 05

Amizades: 04

Namorado (a): 00

Líder religioso: 03

Grupos: 01

Outros: 08

Branco: 13

21- O que você vê de positivo na sua Igreja?

R - A doutrina, o público, o destaque aos jovens, a fé em Deus, o amor ao próximo, a união dos congregados, a força de vontade, a convivência, os ensinamentos de Jesus, que levam as pessoas para a salvação.

22- Que orientações da Igreja influenciam negativamente em sua vida?

R – Houve unanimidade nas afirmações: a Igreja não influencia negativamente na vida; ao contrário, é exemplo e modelo a se seguir.

23- O que você acha mais importante?

R-

Ir à igreja com as outras pessoas: 06

Ficar sozinho (a) orando a deus: 18

Os que declararam “ir à igreja com as outras pessoas” consideravam importante ir à igreja, porque se tratava de um momento de estar próximo de Deus e dos outros, de compartilhar a vida e a fé, especialmente destacando-se a importância da convivência com o outro.

Os que afirmaram “ficar sozinho orando a Deus” pensavam que a concentração nas orações particulares era uma opção para se falar com Deus e chegar a ele.

24- Para você, a fé é mais rica em:

R-

vivência individual: 08

vivência comunitária: 14

Indiferentes: 03

A opinião dos jovens em relação à fé e à vivência comunitária é a de que o poder de partilhar faz o indivíduo aprender e fortalecer a caminhada em grupo.

Os que optaram por uma vivência individual consideravam que a concentração e a fé são fatores determinantes na opção.

25- Se você pudesse mudar algo na sua Igreja, o que você mudaria?

R – Algumas mudanças nas celebrações litúrgicas são necessárias a fim de estas se tornarem mais alegres e dinâmicas. Isso aumentaria o público juvenil na participação proativa da Igreja.

D) BUSCA DE NOVA PERTENÇA (ESPIRITUALIDADE)

24- Você já mudou de Igreja?

R-

Não: 11

Sim: 12

Branco: 02

27-Quantas vezes?

R-

Uma vez: 05

Duas vezes: 03

Três vezes: 02

Nenhuma: 15

28-Se mudou de Igreja, qual era a sua Igreja anterior?

R-

ANTERIOR

e

ATUAL

Católica

Batista

Espírita

Mórmons

Presbiteriana

Assembléia de Deus

Assembléia de Deus

Presbiteriana

Shekinah

Missionária rompendo em fé

Católica

Assembléia de Deus

Protestante

Evangélica

Cristã Protestante

Evangélica (protestante)

Evangélica

Ateu

29- Que motivos levaram você a mudar de Igreja?

R – “Não era meu lugar”, a rigurosidade, estado de espírito e, por fim, a influência familiar.

30-Como você se sente nessa nova Igreja?

R - Muito feliz, sobretudo com grande paz de espírito.

31-Quem mais influenciou essa mudança de Igreja (até três respostas)?

R-

Família: 06

TV: 01

Amizades: 06

Namorado (a): 01

Líder religioso: 02

Grupos: 01

Outros: 03

32- Você já frequentou outras religiões sem ser a sua?

R-

Sim: 11

Não: 09

Branco: 05

Obs.: das 15 meninas, nove não responderam à questão 32.

E) BUSCA DE NOVA ESPIRITUALIDADE

33-O que você entende por espiritualidade?

R – “Algo que não é humano, das pessoas da terra, uma coisa muito íntima que talvez passe além disso, que é uma proximidade mais perto do senhor, e a sua crença, o seu estado de espírito, uma coisa muito boa, apesar de que existem várias, e a nossa alma está em paz

consigo mesmo. Ter com quem conversar (Deus), ser uma alma caridosa, é algo muito sério. A vida espiritual, ter o espírito em Deus, uma coisa muito boa, porque você se sente muito perto de Deus e alimenta e que dá força, até agora nada (3), e ser sempre presente a Deus, ter uma religião, e acreditar em coisas inexistentes (s.r). Mais ou menos, espiritualidade é a crença do que não pode ser visto, é a parte de você mesmo que você não conhece, bom, viver em espírito com as pessoas e com Deus, vida após a morte.”

Obs: dos 25 jovens, seis não responderam a esta questão.

34-Você tem uma espiritualidade?

R-

Sim: 16

Não: 04

Indiferente: 03

Branco: 02

Por quê?

A espiritualidade é algo transcendental, pois está dentro de nós mesmos e é expressar no modo de ser, agir, pensar, viver e testemunhar.

35- Quem mais contribuiu para sua espiritualidade (até três respostas)?

R-

Família: 17

Igreja: 17

Escola: 02

Amigos: 10

Grupos de jovens: 04

36- O que mais contribui para a sua espiritualidade (até três respostas)?

R-

Bíblia: 17

Livros: 05

Músicas: 09

Filmes: 01

Retiros: 04

Encontros de formação espiritual: 00

Acampamentos religiosos: 06

Campanhas sociais: 01

Preparação para crisma: 03

Devoção a algum santo: 03

Outros: 04

37-Você se considera uma pessoa espiritualizada?

R-

Sim: 15

Não: 08

Branco: 02

A espiritualizada encontra-se no amor a Deus e ao próximo e no exercício da caridade.

38- Como você vivencia a sua espiritualidade no seu cotidiano?

R – “Normal, fazendo os outros alegres, seguindo as normas da Igreja, sendo caridoso, ajudando ao próximo, respeitando os meus pais, seguindo os mandamentos da Bíblia, enfim, freqüentando a Igreja e proporcionando o bem.”

39- Você segue algum modelo de espiritualidade?

R-

Sim: 06

Não: 14

Não respondeu: 05

A vida de Santa Paula Frassinetti é modelo a ser seguido, pois, por intermédio dela, a juventude busca realizar suas orações todos os dias e seguir os mandamentos da Igreja.

40- Como deveria ser uma Igreja espiritualizada?

R – A espiritualidade está presente na comunhão com Deus e com os outros, enfim, é o caminho da salvação e da realização do projeto de Deus na humanidade.

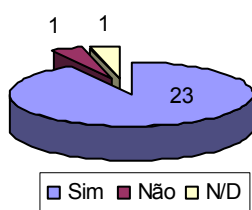
Obs.: dos 25 jovens, nove não responderam a esta questão.

APÊNDICE C - GRÁFICOS

COLÉGIO DE SÃO JOSÉ (PÚBLICO-ALVO: 25 JOVENS)

PERTENÇA RELIGIOSA: SAGRADO JUVENIL E INSTITUCIONAL

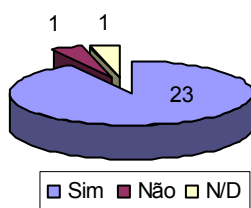
1-Você acredita em Deus?



2- Se você acredita em Deus, quem é Deus para você?

3- Você tem um relacionamento com Deus?

R-



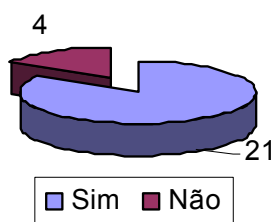
4- Como você define ser religioso?

5- É importante ser religioso?

R-

Sim: 21

Não: 04

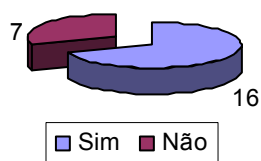


6- Você pertence a uma Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 16

Não: 07



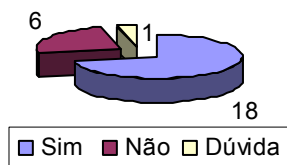
7-Você considera importante pertencer a uma Igreja?

R-

Sim: 18

Não: 06

Dúvida: 01



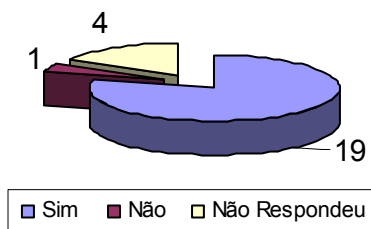
8- Você se sente feliz nessa igreja?

R-

Sim: 19

Não: 01

Não respondeu: 04



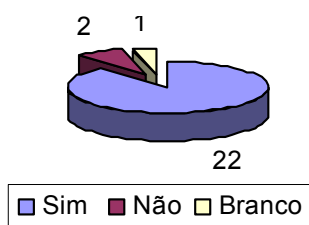
09- Você vai à igreja (templo)?

R-

Sim: 22

Não: 02

Branco: 01



10- Qual a sua frequência à igreja?

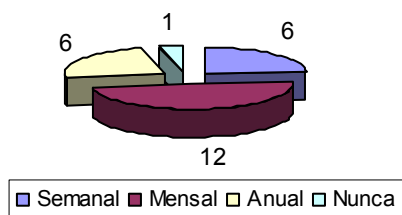
R-

Semanal: 06

Mensal: 12

Anual: 06

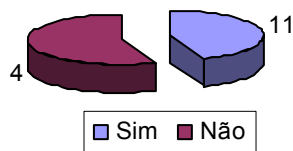
Nunca: 01



- 11- O que faz você freqüentar a igreja (templo)?
 12- O que faz você não freqüentar a igreja (templo)?
 13- Você já pertenceu a algum grupo jovem?

R-

Sim: 11

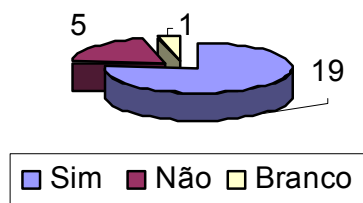


Não: 14

- 14- O que levou você a participar do grupo jovem?
 15- Que atividades você mais aprecia no seu grupo jovem?
 16- A sua família ajuda você a ser Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 19



Não: 05

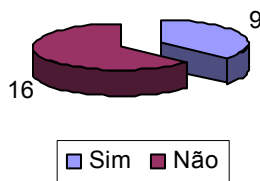
Branco: 01

C) CRISE DE PERTENÇA À IGREJA

- 17- Em algum momento, você duvidou da existência de Deus?

R-

Sim: 09

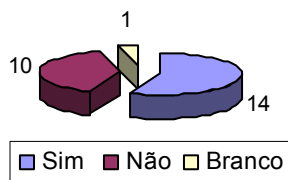


Não: 16

- 18- Você critica a sua Igreja?

R-

Sim: 14



Não: 10

Branco: 01

- 19- Que críticas você faz à sua Igreja?
 20- Quem mais influencia você a fazer essas críticas (até três respostas)?

R-

Família: 02

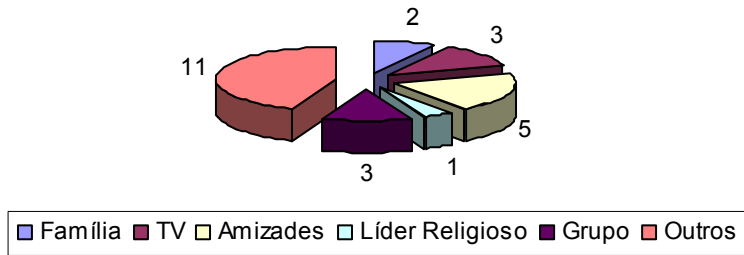
TV: 03

Amizades: 05

Líder religioso: 01

Grupos: 03

Outros: 11



21- O que você vê de positivo na sua Igreja?

R-

Família: 04

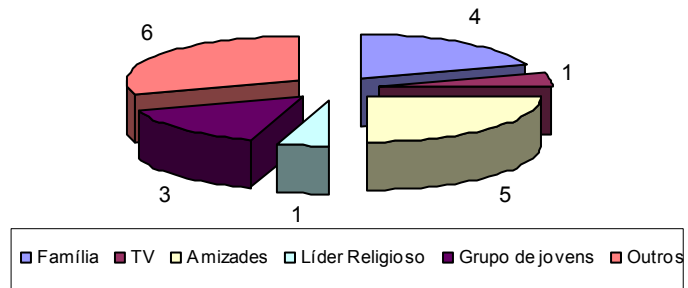
Amizade: 05

Líder religioso: 01

TV: 01

Grupos de jovens: 03

Outros: 06



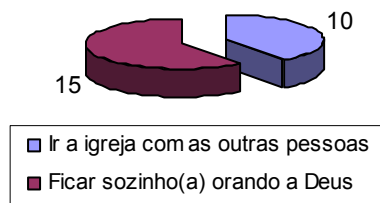
22- Que orientações da Igreja influenciam negativamente em sua vida?

23- O que você acha mais importante?

R-

Ir à igreja com as outras pessoas: 10

Ficar sozinho (a) orando a Deus: 15



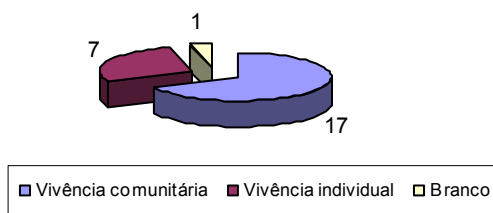
26- Para você, a fé é mais rica em:

R-

vivência comunitária: 17

vivência individual: 07

Branco: 01



27- Se você pudesse mudar algo na sua Igreja, o que você mudaria?

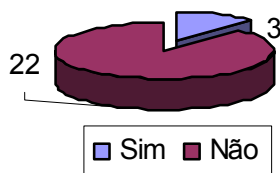
D) BUSCA DE NOVA PERTENÇA (ESPIRITUALIDADE)

26- Você já mudou de Igreja?

R-

Não: 22

Sim: 03



27- Quantas vezes?

R-

Duas vezes – influência de amigos

Uma vez – por amizade



28- Se mudou de Igreja, qual era a sua Igreja anterior?

29- Que motivos levaram você a mudar de Igreja?

30- Como você se sente nessa nova Igreja?

31- Quem mais influenciou essa mudança de Igreja (até três respostas)?

R-

Família: 01

TV: 00

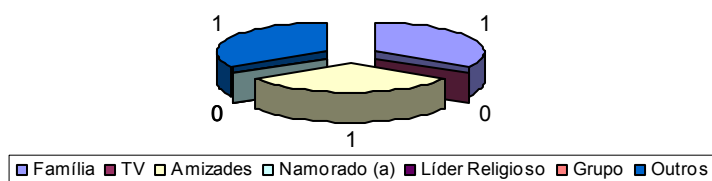
Amizades: 01

Namorado (a): 00

Líder religioso: 00

Grupos: 00

Outros: 01



32- Você já freqüentou outras religiões sem ser a sua?

R-

Sim: 12

Não: 13



E) BUSCA DE NOVA ESPIRITUALIDADE

33- O que você entende por espiritualidade?

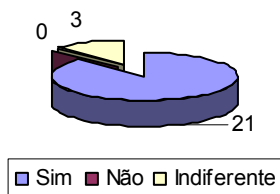
34- Você tem uma espiritualidade?

R-

Sim: 21

Não: 0

Indiferentes: 03



35- Quem mais contribuiu para sua espiritualidade (até 3 respostas)?

R-

Família: 16

Igreja: 14

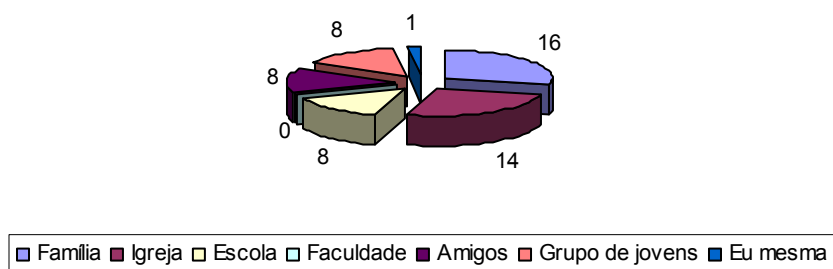
Escola: 08

Faculdade: 00

Amigos: 08

Grupos de jovens: 08

Eu mesma: 01



36- O que mais contribui para a sua espiritualidade (até três resposta)?

R-

Bíblia: 12

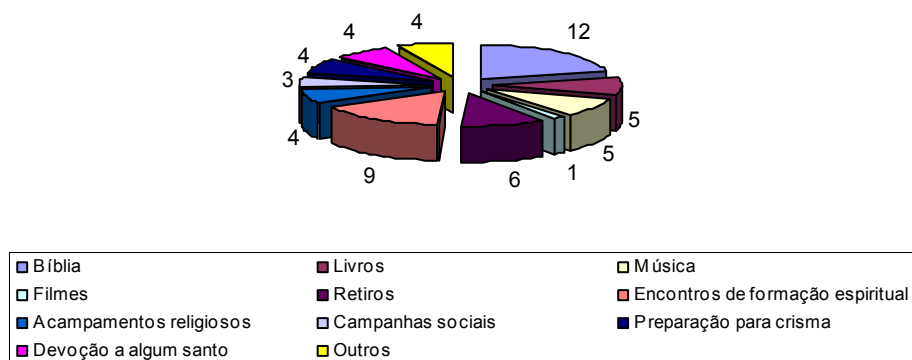
Livros: 05

Músicas: 05

Filmes: 01

Retiros: 06

Encontros de formação espiritual: 09



Acampamentos religiosos: 04

Campanhas sociais: 03

Preparação para a crisma: 04

Devoção a algum santo: 04

Outros: 04

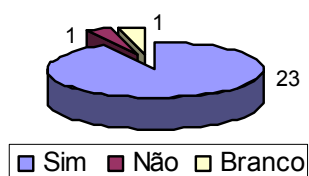
37- Você se considera uma pessoa espiritualizada?

R-

Sim: 23

Não: 01

Branco: 01



38- Como você vivencia a sua espiritualidade no seu cotidiano?

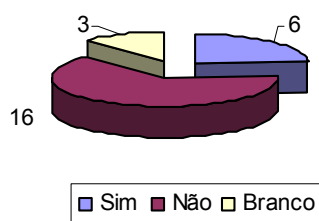
39- Você segue algum modelo de espiritualidade?

R-

Sim: 06

Não: 16

Branco: 03



40- Como deveria ser uma Igreja espiritualizada?

GRÁFICOS (CONTINUAÇÃO)

FACULDADE FRASSINETTI DO RECIFE (PÚBLICO-ALVO: 25 JOVENS)

A) DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

R-

IDADE	MASCULINO	FEMININO
16 anos	-	01
18 anos	-	03
19 anos	01	03
20 anos	01	04
21 anos	-	02
22 anos	02	03
23 anos	-	02
24 anos	-	03
TOTAL	04	21

SITUAÇÃO CIVIL	Todos solteiros
ESCOLARIDADE	Superior incompleto (cursando)
QUANTOS SÃO EM SUA CASA?	02 a 06 membros
RENDA FAMILIAR	02 salários mínimos a 15
CASA PRÓPRIA	Não: 06 Sim: 19
ESCOLARIDADE	Pai: 1º grau completo a superior completo Mãe: Ensino Médio a Pós-Graduação
VOCÊ TRABALHA?	Sim: 16 Não: 09
RELIGIÃO	Católica: 21 Evangélica: 03 Não tem religião: 01
É A MESMA DOS SEUS PAIS ?	Sim: 22 Não: 03

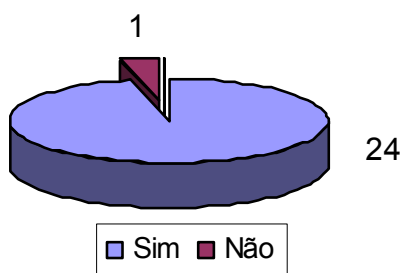
B) PERTENÇA RELIGIOSA: SAGRADO JUVENIL E INSTITUCIONAL

1- Você acredita em Deus?

R-

Sim: 24

Não: 01



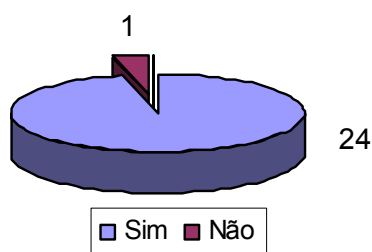
2- Se você acredita em Deus, quem é Deus para você?

3- Você tem um relacionamento com Deus?

R-

Sim: 24

Não: 01



Como?

4- Como você define ser religioso?

5- É importante ser religioso?

R-

Sim: 23

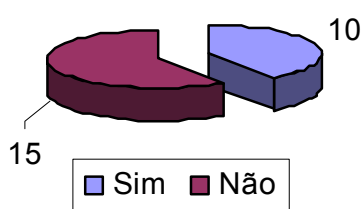
Não: 02

6- Você pertence a uma Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 10

Não: 15

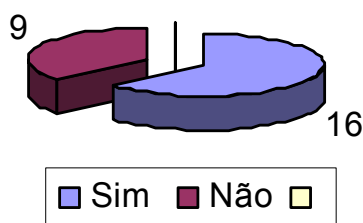


7- Você considera importante pertencer a uma Igreja?

R-

Sim: 16

Não: 09



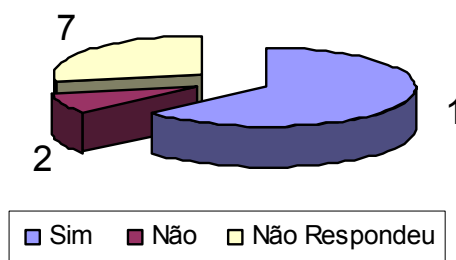
8- Você se sente feliz nessa Igreja?

R-

Sim: 16

Não: 02

Não responderam: 07

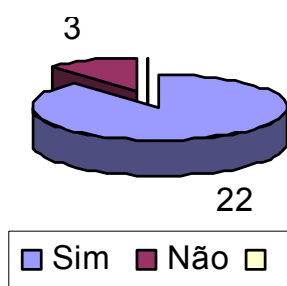


9- Você vai à igreja (templo)?

R-

Sim: 22

Não: 03



10- Qual a sua frequência à igreja?

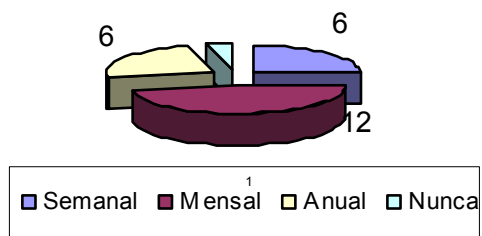
R-

Semanal: 06

Mensal: 12

Anual: 06

Nunca: 01



11- O que faz você freqüentar a igreja (templo)?

12- O que faz você não freqüentar a igreja (templo)?

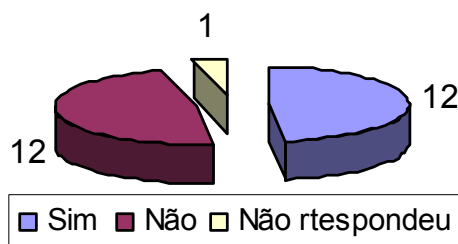
13- Você já pertenceu a algum grupo jovem?

R-

Sim: 12

Não: 12

Branco: 01



14- O que levou você a participar do grupo jovem?

15- Que atividades você mais aprecia no seu grupo jovem?

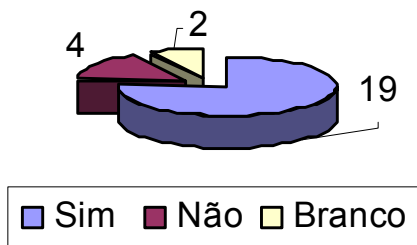
16- A sua família ajuda você a ser Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 19

Não: 04

Branco: 02



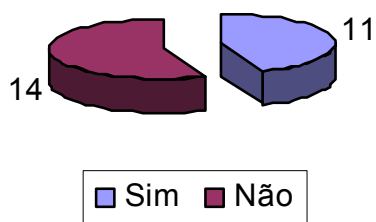
D) CRISE DE PERTENÇA À IGREJA

17- Em algum momento, você duvidou da existência de Deus?

R-

Sim: 11

Não: 14



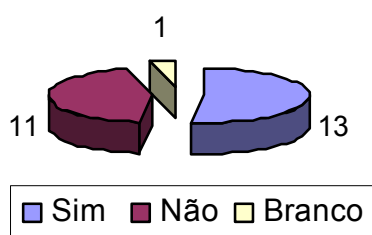
18- Você critica a sua Igreja?

R-

Sim: 13

Não: 11

Branco: 01



19- Que críticas você faz à sua Igreja?

20- Quem mais influencia você a fazer essas críticas (até três respostas)?

R-

Família: 07

TV: 03

Amizades: 05

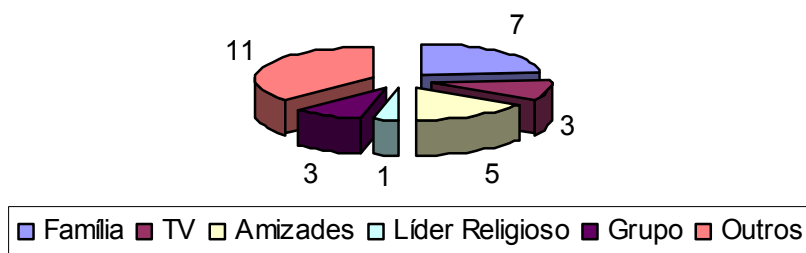
Namorado (a): 00

Líder religioso: 01

Grupos: 03

Outros: 08

Branco: 03



21- O que você vê de positivo na sua Igreja?

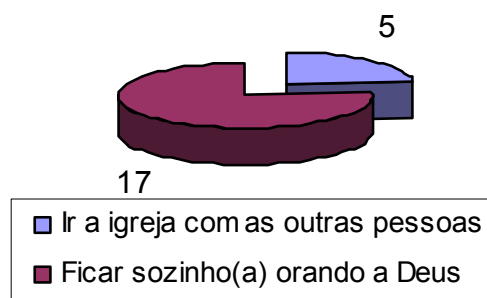
22- Que orientações da Igreja influenciam negativamente em sua vida?

23- O que você acha mais importante?

R-

Ir à igreja com as outras pessoas: 05

Ficar sozinho (a) orando a Deus: 17



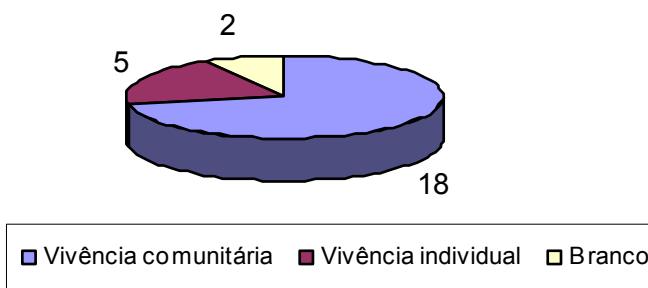
24- Para você, a fé é mais rica em:

R-

vivência comunitária: 18

vivência individual: 05

Branco: 02



25- Se você pudesse mudar algo na sua Igreja, o que você mudaria?

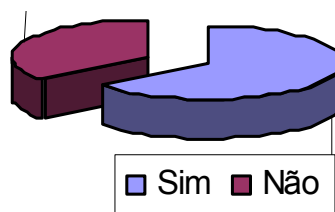
D) BUSCA DE NOVA PERTENÇA (ESPIRITUALIDADE)

26- Você já mudou de Igreja?

R-

Não: 16

Sim: 09



27- Quantas vezes?

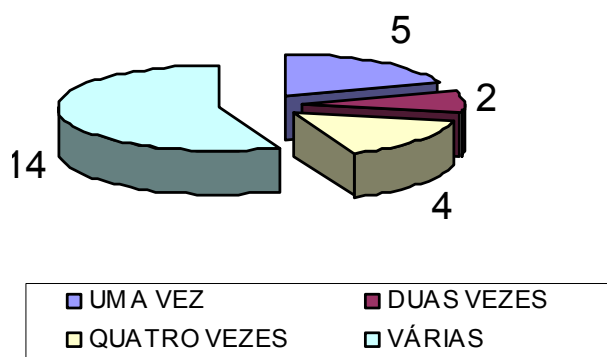
R-

Uma vez: 05

Duas vezes: 02

Quatro vezes: 04

Várias: 14



28- Se mudou de Igreja, qual era a sua Igreja anterior?

29- Que motivos levaram você a mudar de Igreja?

30- Como você se sente nessa nova igreja?

31- Quem mais influenciou essa mudança de Igreja (até três respostas)?

R-

Família: 04

TV: 00

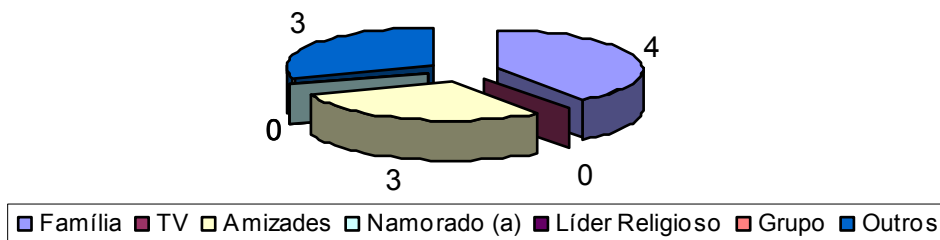
Amizades: 03

Namorado (a): 00

Líder religioso: 00

Grupos: 00

Outros: 03



32- Você já freqüentou outras religiões sem ser a sua?

R-

Sim: 12

Não: 08

Branco: 05

E) BUSCA DE NOVA ESPIRITUALIDADE

33- O que você entende por espiritualidade?

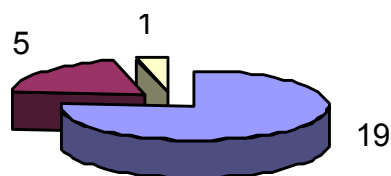
34- Você tem uma espiritualidade?

R-

Sim: 19

Não: 05

Indiferente: 01



■ Sim ■ Não ■ Indiferente

Por quê?

35- Quem mais contribuiu para sua espiritualidade (até três respostas)?

R-

Família: 15

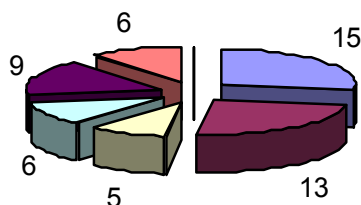
Igreja: 13

Escola: 05

Faculdade: 06

Amigos: 09

Grupos de jovens: 06

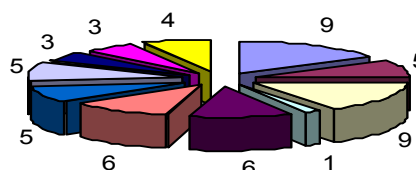


■ Família ■ Igreja ■ Escola ■ Faculdade ■ Amigos ■ Grupo de jovens ■

36- O que mais contribui para a sua espiritualidade (até três resposta)?

R-

Bíblia: 09
Livros: 05
Músicas: 09
Filmes: 01
Retiros: 06



Encontros de formação espiritual: 06
Acampamentos religiosos: 05
Campanhas sociais: 05
Preparação para a crisma: 03
Devoção a algum santo: 03
Outros: 04

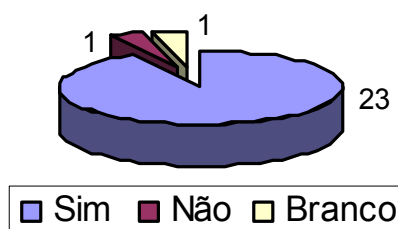
37- Você se considera uma pessoa espiritualizada?

R-

Sim: 23

Não: 01

Branco: 01



38- Como você vivencia a sua espiritualidade no seu cotidiano?

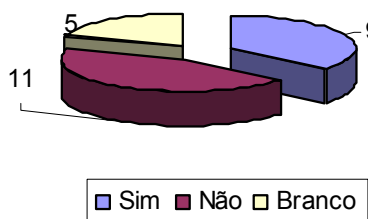
39- Você segue algum modelo de espiritualidade?

R-

Sim: 09

Não: 11

Branco: 05



40- Como deveria ser uma Igreja espiritualizada?

GRÁFICOS (CONTINUAÇÃO)

CECOSNE (PÚBLICO-ALVO: 25 JOVENS)

A) DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

R-

IDADE	MASCULINO	FEMININO
14 anos	02	04
15 anos	02	06
16 anos	04	04
17 anos	01	01
18 anos	01	-
TOTAL	10	15

SITUAÇÃO CIVIL	Todos solteiros
ESCOLARIDADE	Ensino Fundamental até o Ensino Médio
QUANTOS SÃO EM SUA CASA?	02 a 16 membros
RENDA FAMILIAR	01 salário mínimo a 03
CASA PRÓPRIA	Não: 05 Sim: 20
ESCOLARIDADE	Pai: analfabeto até Ensino Médio completo Mãe: analfabeta até Ensino Médio completo
VOCÊ TRABALHA?	Sim: 00 Não: 25
RELIGIÃO	Católica: 12 Evangélicas: 10 Não têm religião: 06
É A MESMA DOS SEUS PAIS ?	Sim: 19 Não: 06

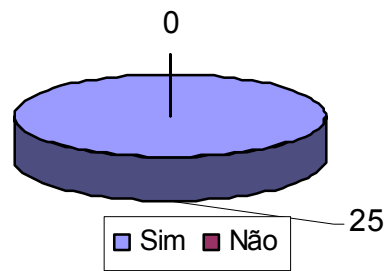
B) PERTENÇA RELIGIOSA: SAGRADO JUVENIL E INSTITUCIONAL

1- Você acredita em Deus?

R-

Sim: 25

Não: 00



2- Se você acredita em Deus, quem é Deus para você?

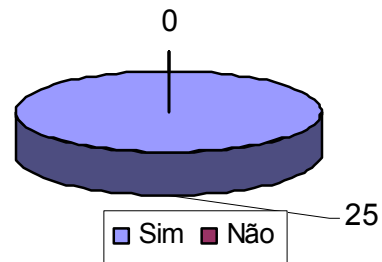
3-Você tem um relacionamento com Deus?

R-

Sim: 25

Não: 0

Como?



4- Como você define ser religioso?

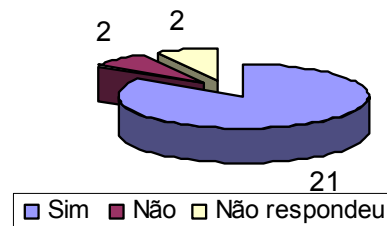
5- É importante ser religioso?

R-

Sim: 21

Não: 02

Branco: 02



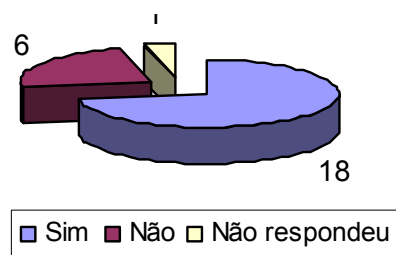
6-Você pertence a uma Igreja (comunidade de fé)?

R-

Sim: 18

Não: 06

Branco: 01



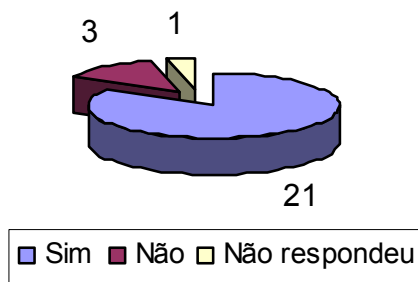
7-Você considera importante pertencer a uma Igreja?

R-

Sim: 21

Não: 03

Branco: 01



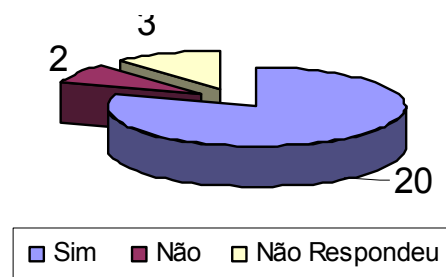
8- Você se sente feliz nessa Igreja?

R-

Sim: 20

Não: 02

Não responderam: 03

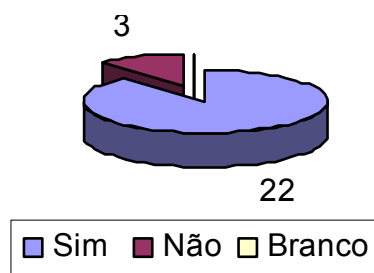


09- Você vai à igreja (templo)?

R-

Sim: 22

Não: 03



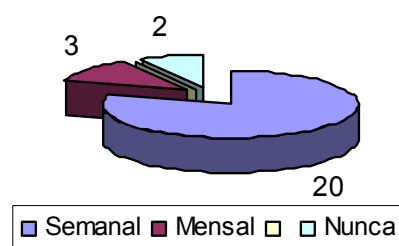
10- Qual a sua frequência à igreja?

R-

Semanal: 20

Mensal: 03

Nunca: 02



11- O que faz você freqüentar a igreja (templo)?

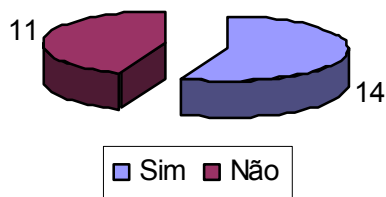
12- O que faz você não freqüentar a igreja (templo)?

13- Você já pertenceu a algum grupo jovem?

R-

Sim: 14

Não: 11

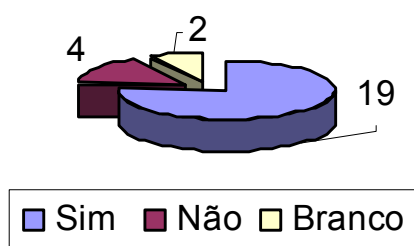
**14- O que levou você a participar do grupo jovem?****15- Que atividades você mais aprecia no seu grupo jovem?****16- A sua família ajuda você a ser Igreja (comunidade de fé)?**

R-

Sim: 19

Não: 04

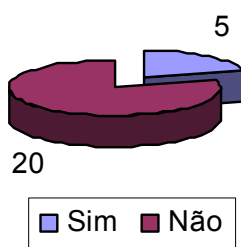
Branco: 02

**C) CRISE DE PERTENÇA À IGREJA****17- Em algum momento, você duvidou da existência de Deus?**

R-

Sim: 05

Não: 20

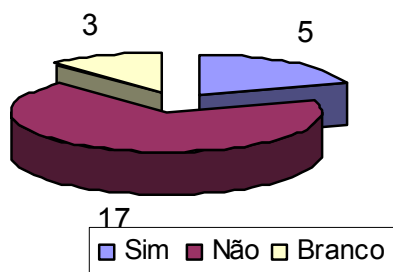
**18- Você critica a sua Igreja?**

R-

Sim: 05

Não: 17

Branco: 03

**19- Que críticas você faz à sua Igreja?**

20- Quem mais influencia você a fazer essas críticas (até três respostas)?

R-

Família: 00

TV: 05

Amizades: 04

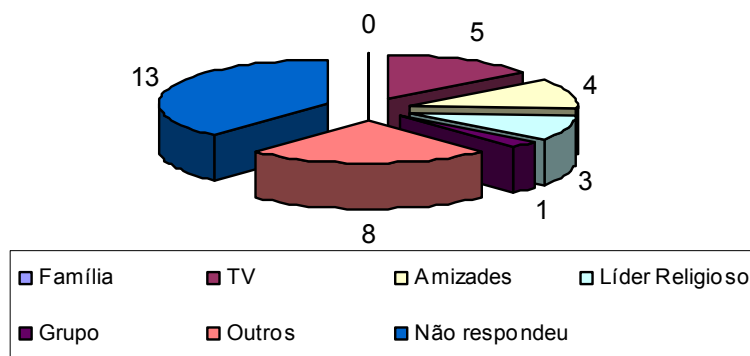
Namorado (a): 00

Líder religioso: 03

Grupos: 01

Outros: 08

Branco: 13



21- O que você vê de positivo na sua Igreja?

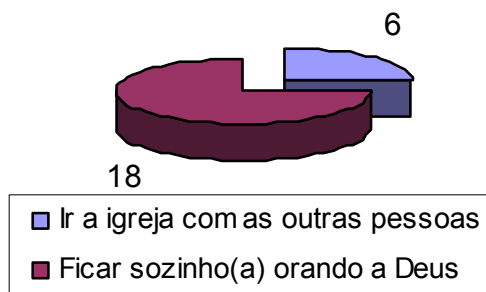
22- Que orientações da Igreja influenciam negativamente em sua vida?

23- O que você acha mais importante?

R-

Ir à igreja com as outras pessoas: 06

Ficar sozinho (a) orando a deus: 18



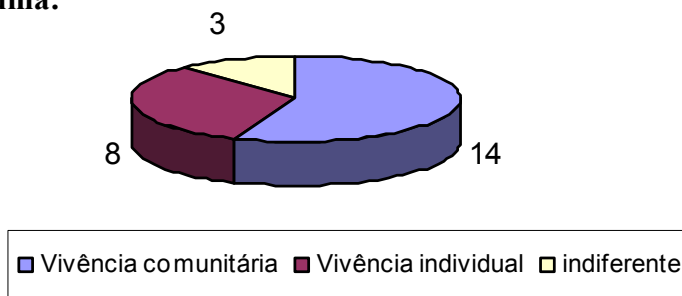
25- Para você, a fé é mais rica numa:

R-

vivência individual: 08

vivência comunitária: 14

Indiferentes: 03



26- Se você pudesse mudar algo na sua Igreja, o que você mudaria?

D) BUSCA DE NOVA PERTENÇA (ESPIRITUALIDADE)

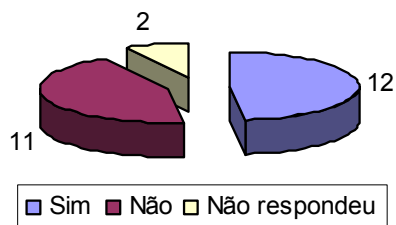
27- Você já mudou de Igreja?

R-

Não: 11

Sim: 12

Branco: 02



27-Quantas vezes?

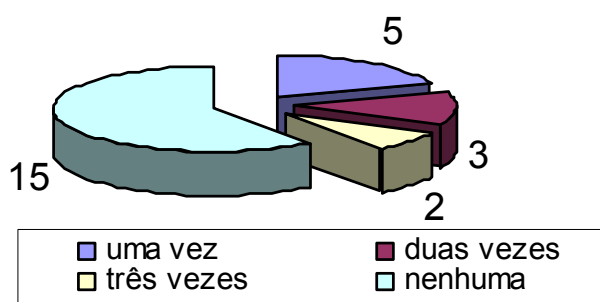
R-

Uma vez: 05

Duas vezes: 03

Três vezes: 02

Nenhuma: 15



28-Se mudou de Igreja, qual era a sua Igreja anterior?

29- Que motivos levaram você a mudar de Igreja?

30-Como você se sente nessa nova Igreja?

31-Quem mais influenciou essa mudança de Igreja (até 3 respostas)?

R-

Família: 06

TV: 01

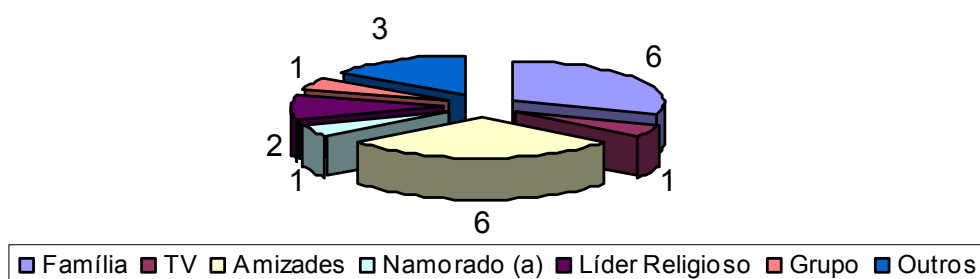
Amizades: 06

Namorado (a): 01

Líder religioso: 02

Grupos: 01

Outros: 03



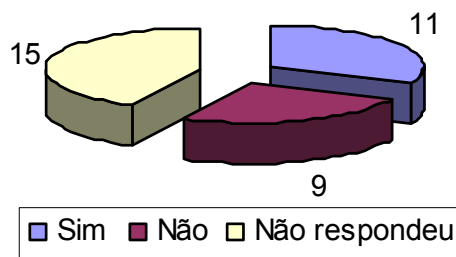
32- Você já freqüentou outras religiões sem ser a sua?

R-

Sim: 11

Não: 09

Branco: 05



Obs.: das 15 meninas, nove não responderam a questão 32.

E) BUSCA DE NOVA ESPIRITUALIDADE

33-O que você entende por espiritualidade?

34-Você tem uma espiritualidade?

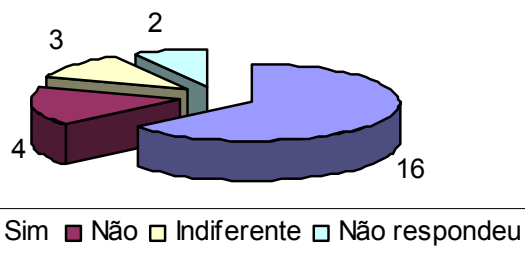
R-

Sim: 16

Não: 04

Indiferentes: 03

Branco: 02



Por quê?

35- Quem mais contribuiu para sua espiritualidade (até três respostas)?

R-

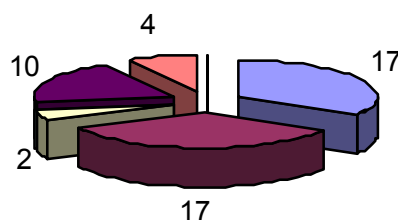
Família: 17

Igreja: 17

Escola: 02

Amigos: 10

Grupos de jovens: 04



36- O que mais contribui para a sua espiritualidade (até três respostas)?

R-

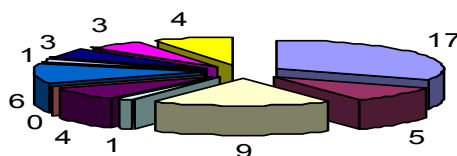
Bíblia: 17

Livros: 05

Músicas: 09

Filmes: 01

Retiros: 04



Encontros de formação espiritual: 00

Acampamentos religiosos: 06

Campanhas sociais: 01

Preparação para a crisma: 03

Devoção a algum santo: 03

Outros: 04

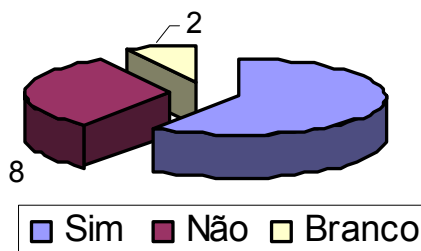
37-Você se considera uma pessoa espiritualizada?

R-

Sim: 15

Não: 08

Branco: 02



38- Como você vivencia a sua espiritualidade no seu cotidiano?

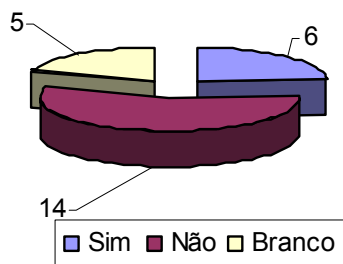
39- Você segue algum modelo de espiritualidade?

R-

Sim: 06

Não: 14

Branco: 05



40- Como deveria ser uma Igreja espiritualizada?